



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE



PROJETO PEDAGÓGICO

CURSO DE DESIGN

CAMPUS HIGIENÓPOLIS

São Paulo

2022



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Marco Túllio de Castro Vasconcelos
Reitor

Janette Brunstein
Pró-Reitora de Graduação

Felipe Chiarello de Souza Pinto
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Cleverson Pereira de Almeida
Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Wallace Tesch Sabaini
Pró-Reitor de Controle Acadêmico

Luiz Carlos Lemos Júnior
Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Miriam Rodrigues
Superintendente do Centro de Educação à Distância

Angélica Tanus Benatti Alvim
Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Nara Sílvia Marcondes Martins
Coordenadora do Curso de Design

Assessoria e Apoio Pedagógico:

Sérgio Silva Dantas – Coordenador Geral de Graduação

Magda Aparecida Salgueiro Duro – Coordenadora de Apoio à Gestão de Cursos

Equipe de Elaboração:

Nara Sílvia Marcondes Martins

Ivo Eduardo Roman Pons

Luís Alexandre Fernandes Ogasawara

Marcos Aurélio Castanha

Teresa Maria Riccetti



SUMÁRIO

1. HISTÓRICO.....	7
1.1. A Mantenedora e suas atribuições.....	7
1.2. Histórico da Universidade.....	9
2. MISSÃO E VISÃO	12
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE CONHECIMENTO	12
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO	19
5. FINALIDADES, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS DO CURSO.....	26
5.1. Finalidades do curso conforme os contextos regional e nacional (inserção política, econômica e social do curso).....	26
5.2. Justificativas do Curso	27
5.3. Objetivos gerais do Curso e principais enfoques	28
6. CONCEPÇÃO ACADÊMICA DO CURSO.....	30
6.1. Articulação com o PDI.....	30
6.2. Perfil do egresso (conforme DCN e coerência com o currículo)	31
6.3. Competências e habilidades	33
6.4. Coerência do currículo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).....	35
6.5. Requisitos de ingresso.....	36
6.6. Aspectos metodológicos do processo de ensino-aprendizagem.....	36
6.6.1. Metodologias	36
6.6.2. Avaliação da aprendizagem.....	39
6.7. Estratégias de flexibilização curricular	39
6.7.1. Estratégias de internacionalização.....	40
6.7.2. Estratégias de interdisciplinaridade (integração curricular de disciplinas cursadas pelo aluno fora do curso ou até da Universidade em caráter de eletiva)	42
6.7.3. Estratégias de integração com a Pós-graduação	44



6.7.4.	Possibilidades de integralização de disciplinas fora da matriz curricular como eletivas	45
6.8.	Políticas institucionais de apoio discente	46
6.8.1.	Apoio ao Aluno ingressante	48
6.8.2.	Acessibilidade ao discente com necessidades de atendimento diferenciado.	48
6.8.3.	Capacitação docente	49
6.8.4.	Apoio psicossocial.....	49
6.9.	Política de egresso.....	49
6.10.	Políticas de ética em pesquisa	50
6.11.	Políticas institucionais de apoio docente.....	51
6.12.	Políticas de comunicação institucional	53
6.13.	Políticas em EAD no ensino presencial	54
6.14.	Políticas institucionais de educação ambiental, socioeducacional e de respeito à diversidade no contexto do ensino, da pesquisa e da extensão	55
7.	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	56
7.1.	Estrutura curricular.....	56
7.1.1.	Descrição geral da organização curricular.....	56
7.2.	Atividades extensionistas	70
7.3.	Atividades complementares	76
7.4.	Estágio supervisionado e práticas de ensino	78
7.5	Atividades de integração e síntese de conhecimentos.....	79
7.4.1.	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	80
7.4.2.	Programas de iniciação científica, tecnológica e extensão	82
7.4.3.	Projetos de extensão	83
7.5.	Articulação entre o ensino de graduação e de pós-graduação.....	84
7.6.	Articulação da autoavaliação do curso com a autoavaliação institucional	84



8.	ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA	84
8.1.	Coordenação do Curso	84
8.2.	Colegiado de Curso	85
8.3.	Núcleo Docente Estruturante (NDE).....	85
9.0.	CORPO DOCENTE	86
9.1	Perfil docente.....	86
9.2	Experiência acadêmica e profissional	87
9.3	Publicações.....	87
9.4	Implementação das políticas de capacitação no âmbito do curso	88
10	INFRAESTRUTURA.....	89
10.1	Biblioteca	89
10.2	Laboratórios de formação geral e específica.....	90
10.2.1	Laboratório de Impressão	91
10.2.2	Laboratório de Vidro e Metal	91
10.2.3	Laboratório de Fotografia.....	92
10.2.4	Laboratório de design audiovisual / Núcleo Técnico de Apoio Acadêmico Institucional (NTAI).....	92
10.2.5	Laboratórios de Computação Gráfica.....	92
10.2.6	Laboratório de Marcenaria	93
10.2.7	Laboratório de Maquete.....	93
10.2.8	Laboratório de Cerâmica	93
10.2.9	Laboratório de Prototipagem Rápida.....	94
10.2.10	Outros laboratórios.....	94
10.3	Laboratórios para prática profissional e prestação de serviços à comunidade..	94
11	APÊNDICES	95



11.1	APÊNDICE A / EMENTAS DAS COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO.....	95
11.2	APÊNDICE B / COMPONENTES CURRICULARES UNIVERSAIS.....	125
11.3	APÊNDICE C COMPONENTES CURRICULARES ELETIVOS	129
12	REFERÊNCIAS	130



1. HISTÓRICO

1.1. A Mantenedora e suas atribuições

No âmbito da tradição calvinista, o projeto educacional que deu início ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, mantenedora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tem sua origem no ano de 1870, a partir da obra de um casal de missionários norte-americanos, George e Mary Chamberlain, os quais, em sua residência em São Paulo, abriram uma escola que, em ponto central da cidade, propunha-se a formar e a instruir jovens gerações da comunidade paulistana.

Os missionários norte-americanos já chegavam, portanto, ao Brasil, atuando no âmbito do que hoje poderíamos caracterizar como pluralismo cultural. Se fosse possível fotografar a Cidade de São Paulo de maneira singular, poderíamos redesenhar suas imagens com luzes e cores. Talvez a rigidez se desfizesse do concreto, a diversidade de culturas e crenças dessa vez a tons diversos; a teia do tempo envolveria todas as coisas, e esse espaço de nascer e trabalhar, lugar também de se fundar um aprendizado de viver, seria um arco colorido de organzas centenárias, flocos em movimento em um tablado flamejante, imenso refletor.

A velocidade que a vida imprimiu à cidade transforma incessantemente a fisionomia das ruas, dos bairros e provoca renovação contínua do lugar.

Felizmente, nessa paisagem, conservam-se algumas referências urbanas. O Mackenzie é uma delas. As construções antigas de tijolos aparentes em seu vasto campus no centro de São Paulo representam um marco na vida cultural da cidade, símbolo de excelência em educação.

Das seis horas da manhã, quando se abrem os portões, até meia-noite, quando se apagam as luzes, circulam pelo campus, aproximadamente, 39.000 alunos, da pré-escola à pós-graduação, 1.000 funcionários, 2.000 professores e mais de 5.000 visitantes que, por interesses diversos, procuram o campus. São mais de 40.000 pessoas, superior à população de muitas cidades brasileiras.

Naturalmente, nem sempre foi assim. Quando o Mackenzie começou a nascer, não existiam, em toda a cidade, 25.000 habitantes, que viviam concentrados no que hoje chamamos de Centro Velho. Ainda havia escravidão, e o Brasil era um império iluminado com velas e lampiões de querosene. Culturalmente a cidade era dominada



pela Academia de Direito, e o ensino básico e secundário eram controlados pela Igreja Oficial do Império.

A escola, fundada pelo casal George e Mary Chamberlain funcionava na sala de jantar de sua casa, e começou com apenas uma professora, a Sra. Chamberlain, e três alunos. Se numericamente a escola era inexpressiva, a proposta pedagógica se apresentava ambiciosa e pioneira, para não dizer francamente revolucionária para os padrões da época. Seu modelo baseava-se no sistema escolar americano: as classes eram mistas, praticava-se ginástica, aboliram-se as repetições cantadas e os castigos físicos (a famosa palmatória), introduziu-se a experimentação. Grande ousadia foi enfatizar a liberdade religiosa, racial e política, numa época em que as escolas eram reservadas à elite monarquista e escravagista. Nossa escola foi pioneira em receber filhos de abolicionistas, republicanos, protestantes e judeus.

Os preceitos de solidariedade sempre ancoraram o projeto do Mackenzie, cuja proposta educativa regeu-se, desde as origens, na mais plena tradição calvinista, sob o signo da tolerância em termos religiosos, da democracia em seus aspectos políticos e do pioneirismo em sua dimensão pedagógica. Foi assim que, em 1890, John Theron Mackenzie, ao fazer seu testamento, já com 80 anos de idade, doava, dos Estados Unidos para o Brasil, um montante de 30 mil dólares, posteriormente acrescidos de mais 20 mil oferecidos por suas irmãs, para a construção no Brasil de uma Escola Superior de Engenharia.

A pequena escola cresceu, e em 1896 começou a funcionar seu primeiro curso superior – a Escola de Engenharia. Iniciavam-se os trabalhos da Escola de Engenharia Mackenzie, que se consolidaria como uma das iniciativas pioneiras no âmbito do ensino superior brasileiro. Nessa época, éramos o Mackenzie College, que por um período, em razão de problemas políticos e da legislação de ensino da época, ficou vinculado à Universidade do Estado de Nova York, situação que permaneceu até 1927.

O Mackenzie acompanhava o desenvolvimento do país republicano no campo da educação; e para o Mackenzie também se havia voltado o olhar de inúmeros educadores "escolanovistas" que, à época, levantavam a bandeira do ensino técnico-profissionalizante como um imperativo necessário à reconstrução educacional do país. Em 1932 começavam as aulas do Curso Técnico Mackenzie, destinado às áreas de Química Industrial, Mecânica e Eletricidade.



Nos anos 40, o desenvolvimento do Mackenzie seria intensificado, com a instalação da Faculdade de Arquitetura e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em abril de 1952, foi criada a Universidade Mackenzie. Com a implantação do curso de Ciências Econômicas em 1950, o caminho para o surgimento da Universidade estava já consolidado.

Hoje, a expansão do Projeto Educacional do Instituto Presbiteriano Mackenzie continua sólido e sustentável. Em junho de 2016, o complexo educacional Mackenzie, de Educação Básica, se expande para Palmas, Tocantins. Em 2016, O MEC autoriza o início dos cursos em EAD. Inicia-se com o curso Tecnológico na área de Gestão de Marketing e desde 2017 até 2022 já se somam um total de 15 cursos de Graduação e uma grande quantidade de cursos de Pós-Graduação Lato Sensu.

Em 2018 com a aquisição do Hospital Evangélico e da Faculdade Evangélica de Medicina, renomeada para Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, o Mackenzie consolida sua atuação em todas as áreas de formação.

Assim, o Mackenzie amplia e fortalece seu projeto educacional iniciado em 1870.

1.2. Histórico da Universidade

A Universidade Mackenzie foi reconhecida pelo Decreto no. 30.511, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Educação Ernesto Simões da Silva Filho, sendo solenemente instalada em 16 de abril daquele ano. Na sua origem, a nova universidade – terceira no estado de São Paulo – foi constituída das seguintes unidades acadêmicas: Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Faculdade de Ciências Econômicas. No ano de 1965, a Universidade Mackenzie tornou-se mais uma vez pioneira nas suas iniciativas, ao escolher como Reitora a Professora Esther de Figueiredo Ferraz, primeira mulher no hemisfério sul a ocupar esse cargo. Foi ela, também, anos mais tarde, a primeira mulher no Brasil a se tornar Ministro de Estado da Educação.

Nos anos 80 e 90 ampliaram o projeto educacional do Mackenzie, com a inauguração de outras duas unidades, na região de Barueri (Unidade Tamboré/Alphaville) e em Brasília. Nos anos 90, também, iniciaram os vários Programas de Pós-Graduação, em nível de mestrado.



Em 1999, a Universidade Mackenzie passou a ser denominada Universidade Presbiteriana Mackenzie, reafirmando, assim, sua identidade confessional.

Em 2002, a Universidade Presbiteriana Mackenzie comemorou o seu cinquentenário. Eram 27.712 alunos, 1.114 professores, 11 unidades universitárias: (1) Escola de Engenharia; (2) Faculdade de Ciências Biológicas, Exatas e Experimentais; (3) Faculdade de Filosofia, Letras e Educação; (4) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; (5) Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas; (6) Faculdade de Direito; (7) Faculdade de Computação e Informática; (8) Faculdade de Comunicação e Artes; (9) Faculdade de Psicologia; (10) Faculdade de Educação Física; e (11) Escola Superior de Teologia; dois *campi* (São Paulo e Tamboré), 29 cursos de graduação, sete programas de pós-graduação *stricto sensu* e 29 cursos de pós-graduação *lato sensu*.

Em 2006, foi realizada nova reestruturação da organização acadêmico-administrativa da UPM, a partir da fusão e de mudanças da nomenclatura de algumas faculdades para Centros, a saber:

- Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS);
- Centro de Ciências e Humanidades (CCH);
- Centro de Comunicação e Letras (CCL);
- Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA).

Permaneceram com as mesmas nomenclaturas: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Computação e Informática, Faculdade de Direito, Escola de Engenharia e Escola Superior de Teologia.

Em 2007, o Ministro de Estado da Educação, Fernando Haddad, por meio da Portaria nº 1168, de 5 de dezembro de 2007, credenciou o funcionamento do Campus Campinas da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Hoje, o Campus Campinas conta com quatro cursos de graduação: Direito, Administração, Engenharia Civil e Engenharia de Produção.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie foi recredenciada por 10 anos, com conceito referencial máximo, em 30 de dezembro de 2011, por meio da Portaria nº. 1.824 (D.O.U. 02/01/2012 – seção I – p. 8).



Mais recentemente, em 2012, houve ainda uma nova estruturação acadêmico-administrativa na qual o Centro de Ciências e Humanidades (CCH) funde-se com a Escola de Teologia, dando origem ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT). Nesta última reestruturação, os cursos até então incluídos na composição do CCH, Licenciatura e Bacharelado em Química e em Física, passam a integrar a Escola de Engenharia. Na mesma linha, o curso de Licenciatura em Matemática passa a integrar a Faculdade de Computação e Informática.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie de hoje é uma comunidade fortemente integrada, e atribui-se a isso a identidade confessional integradora de propósitos entre a comunidade de professores e alunos e, acima de tudo, uma tradição cultural afetiva compartilhada na instituição, batizada de “espírito mackenzista”.

A Reitoria, preocupada com a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, adota políticas institucionais que estabelecem uma série de diretrizes que norteiam a atuação de todos os segmentos e instâncias da Universidade Presbiteriana Mackenzie. As ações devem atender a um perfil de formação holística de concepção dos fenômenos naturais, do meio ambiente e da sociedade, contudo, sem abandonar demandas mais específicas da sociedade, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão universitária.

Em 2016, com a obtenção de seu credenciamento institucional junto ao MEC para a oferta de cursos na modalidade EaD, por meio da Portaria nº. 368, (D.O.U. 05/05/106), por 10 anos, a UPM lança 3 Cursos Superiores Tecnológicos, a saber: Tecnologia em Marketing, Tecnologia em Gestão Comercial e Tecnologia em Recursos Humanos, vinculados ao Centro de Ciências Sociais e Aplicadas e, em 2017, lança 6 Cursos de Licenciatura: Letras-Português, Pedagogia, Filosofia, Matemática, História e Geografia, sendo que os dois últimos são inéditos na Universidade. Outros cursos se somam a esse portfólio nos anos posteriores.

A oferta de cursos EaD pelo Mackenzie significa um novo momento para a Universidade, que se alinha às tendências educacionais contemporâneas, ao mesmo tempo em que explora novas oportunidades de expansão.

A expansão da abrangência geográfica permitirá à Universidade Presbiteriana Mackenzie trazer novas experiências, de diferentes pontos do país, que ajudem aos alunos, tutores e professores em várias localidades a vivenciar a multiculturalidade como parte de seu processo de formação.



Como parte dos projetos de expansão, a Universidade Presbiteriana Mackenzie cria em 2016, o Centro de Ciências e Tecnologias (CCT) no *campus* Campinas, constituindo-o, inicialmente, com os atuais cursos de graduação em Administração, Direito, Engenharia Civil e Engenharia de Produção, oferecidos no campus. Esta Unidade Acadêmica permitirá o desenvolvimento de políticas específicas para a graduação, para os cursos de especialização e, eventualmente, para futuros programas de *Stricto Sensu* e, contará com o desenvolvimento de infraestrutura tecnológica que contribuirá para a ampliação de ações acadêmicas nos eixos ensino, pesquisa e extensão.

2. MISSÃO E VISÃO

A missão oferece um direcionamento para a atuação deste curso no âmbito da sociedade em que está inserido. O papel que o curso tem, por intermédio dos conteúdos, recursos e metodologias próprios da área de atuação, é o de “Educar o ser humano, criado à imagem de Deus, para o exercício pleno da cidadania, em ambiente de fé cristã reformada.”

A Visão do Instituto Presbiteriano Mackenzie permeia todos os planos de ação e a prática cotidiana da Universidade. Desta forma, a visão de “Ser reconhecida pela sociedade como instituição confessional presbiteriana e filantrópica, que se dedica às ciências divinas e humanas, comprometida com a responsabilidade socioambiental, em busca de contínua excelência acadêmica e de gestão”, nos leva à busca de organização do currículo de maneira que estes componentes sejam se reflitam em todos os aspectos.

O currículo e as políticas e estratégias de ação, dirigidos por esta visão, têm como fim maior favorecer o reconhecimento efetivo, pelos alunos e pela comunidade, de uma instituição que prima pela excelência, considerando seu papel na sociedade, sua relação com Deus e com os outros.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE CONHECIMENTO

Comparado com as outras áreas do conhecimento o ensino do Design no Brasil é recente, mas nem por isso menos importante. Durante décadas os experimentos acadêmicos e as práticas profissionais, dessa ampla área interdisciplinar de atuação vem suscitando resgates culturais e novas práticas criativas. Dos projetos realizados por Lina



Bo Bardi, que tinham como intuito interpretar a arte popular brasileira as mutações morfológicas dos objetos criados pelos irmãos Campana.

As primeiras iniciativas de instalação de cursos de design no país constituem-se a partir do processo de desenvolvimento da industrialização brasileira e para a qual várias personalidades como, arquitetos, publicitários, engenheiros, designers de outros países, sociólogos, e autodidatas, artistas plásticos e mestres de ofícios corroboraram para a difusão da cultura do projeto.

Em 1955, o projeto governamental para o desenvolvimento da indústria tinha como alguns de seus fundamentos o ingresso de capital estrangeiro e a importação de tecnologias. Para atender o requisito de aumento de produtividade e da qualidade, o Estado incentivaria o aperfeiçoamento tecnológico, utilizando o sistema educacional e os centros de pesquisa, e formaria quadros para atender as necessidades de mercado (NIEMEYER, 2007, p. 52).

As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo são as primeiras a abrigar cursos de ensino superior no país e até hoje concentram o maior número de instituições.

Em 1962, disciplinas específicas de Desenho Industrial e Comunicação Visual foram introduzidas na grade do curso de arquitetura da FAU-USP, e segundo Geraldina Witter (apud CARVALHO, 2012), esta instituição passa a ser considerada como uma das primeiras instituições de ensino de design, constando no seu levantamento de estudos sobre o campo acadêmico do design elaborado para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O arquiteto João Batista Vilanova Artigas foi o incentivador da introdução do pensamento de design no curso de arquitetura da USP, em virtude de ter uma visão globalizante da arquitetura, e segundo Nyemeyer (2007) esse comportamento é exclusivo da FAU- USP, o que não acontece nas outras escolas de arquitetura do país.

Mas há o reconhecimento da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) no Rio de Janeiro como a primeira escola de design no Brasil fundada em 1963, talvez pelo fato de ser a primeira escola a contemplar o primeiro currículo mínimo para cursos de bacharelado em desenho industrial no país. Inicialmente, a ESDI tinha a influência do ensino da Escola de Ulm na Alemanha na sua estrutura curricular, já que entre os seus fundadores, percebe-se a presença de ex-alunos de Ulm como: Alexandre Wollner, Décio Pignatari e Karl Heinz Bergmiller. Além do mais, as idas e vindas de docentes da *Hochschule für Gestaltung* - HfG -, como Max Bill e Tomás Maldonado, ao Rio de



Janeiro determinaram a influência da pedagogia e da metodologia do ensino de design alemão sobre o modelo acadêmico adotado para a ESDI (COUTO, 2008, p. 20).

Em 1964, é a vez de Minas Gerais, a Fundação Mineira de Arte Aleijadinho (FUMA) recebe a autorização para criar um curso superior de desenho industrial (CARVALHO, 2012).

Com uma história intimamente ligada ao desenvolvimento do Design no país, a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais foi criada em 1955 com o nome de Escola de Artes Plásticas, subordinada à já existente Escola de Música da U.M.A. (Universidade Mineira de Arte – Fundação Educacional). Por sua vez, a U.M.A. foi inaugurada em 1954 como resultado da associação de outras três instituições: Sociedade Coral, Cultura Artística e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Em 1956, a Escola de artes Plásticas instala um curso preparatório, realiza seu primeiro vestibular e entra em pleno funcionamento no ano de 1957 com sua primeira turma de alunos.

No fim da década de 60, o percurso do design volta ao contexto da cidade de São Paulo, a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1967 cria a Faculdade de Artes Plásticas e em 1969 inicia o Curso de Bacharelado em Desenho Industrial com habilitação em desenho industrial e comunicação visual.

E em 1971, o curso de Desenho Industrial do Mackenzie passa a fazer parte desse cenário histórico do design no Brasil. É importante ressaltar, que alguns professores que fizeram parte das escolas listadas anteriormente estavam presentes no início do curso do Mackenzie. A primeira turma começou em 1972 com um currículo distribuído em 3 anos, com um ano básico que atendia as três subdivisões do curso: desenho industrial, comunicação visual e desenho e plástica, ministrados inicialmente no período matutino e posteriormente no período noturno.

No âmbito exclusivo da graduação o Conselho Federal de Educação designou, em 1978, uma comissão de especialistas para estruturar um novo currículo e esse esforço resultou no parecer 62.187, aprovado pela Resolução 2/87 de 16 de junho de 1987, que fixou o novo currículo mínimo para o bacharelado em desenho industrial, subdividido em duas habilitações básicas: projeto de produto e programação visual, apresentando agora definições bem mais precisas sobre a área de conhecimento e as atribuições profissionais:



- o Desenhista Industrial é o profissional que participa de projetos de produtos industriais atuando nas fases de definição de necessidades, concepção e desenvolvimento do projeto, objetivando a adequação destes às necessidades do usuário e às possibilidades de produção
- como necessidades do usuário devem ser entendidas não somente aquelas do indivíduo, mas também as do grupo social caracterizado por aspectos socioeconômicos e culturais da região geográfica de atuação do produto
- como possibilidades de produção devem ser entendidas as adequações às limitações de matérias-primas, características do parque industrial, disponibilidade de mão de obra dentro do contexto geoeconômico
- na sua atuação, o desenhista industrial relaciona-se com profissionais de outras áreas de conhecimento, necessitando, portanto, de uma formação mais abrangente de modo a dispor de um repertório necessário que o conduza a uma interação produtiva
- o desenho industrial abrange duas habilitações básicas: o Projeto de Produto e a Programação Visual. Estas duas habilitações pressupõem uma única postura metodológica que as integra na mesma área do saber
- ao habilitado em Projeto de Produto cabe atender, através de projeto de sistemas tridimensionais, necessidades do usuário, em seu contexto material; ao habilitado em Programação Visual cabe otimizar, através de projeto de sistemas visuais, a relação que se estabelece entre o ser humano e a informação

Esse novo currículo mínimo propunha uma formação básica sólida e padronizada para os dois perfis profissionais. Porém, suas determinações sobre a composição curricular e os conteúdos obrigatórios eram tão rígidas que, na dimensão nacional, acabaram por cercear iniciativas que visavam tornar os cursos mais próximos das especialidades das diversas instituições de ensino e dos contextos regionais. Tal falta de flexibilidade mostrava-se também incompatível com as transformações sociais, tecnológicas e científicas, podendo implicar em defasagem na formação acadêmica. Tais distorções compunham o rol de reflexões que emergiram no início das discussões sobre as novas diretrizes curriculares para bacharelados em design em 1997, logo após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei 9.394/96 (COUTO, 2008).



As discussões para a elaboração de novas diretrizes envolveram representantes do corpo docente e discente dos cursos de bacharelado em design, da Associação de Ensino/Pesquisa de Nível Superior em Design do Brasil (AEnD-Brasil) e do Conselho Nacional de Estudantes de Design do Brasil (CONE Design), que se reuniram em três fóruns realizados entre 1997 e 1998, no Recife, em Curitiba e no Rio de Janeiro. O processo foi conduzido, inicialmente, por um comitê de especialistas integrado à Comissão de Especialistas de Ensino das Artes e do Design (CEEArtes), órgão representativo das associações e instituições de ensino das áreas de artes plásticas, música, dança, teatro, educação artística e design da Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC). Na fase final, porém, a Comissão de Especialistas de Ensino do Design (CEEDesign), instituída em março de 1998 pela SESu/MEC, já coordenava os trabalhos. A área do design finalizou o documento que configurou as Diretrizes Educacionais e Curriculares para o Ensino de Graduação para o design, reconhecido nessa ocasião pelo MEC como campo independente, já que até então era uma subárea da área composta por artes e design.

O documento apresentado ao MEC em 1999, aprovado em 3 de abril de 2002, alterou a designação da área, de ‘desenho industrial’ para ‘design’, instituiu um Núcleo Básico Comum de Conteúdos composto por conhecimentos a serem elaborados de modo interdisciplinar nos currículos plenos de cada curso. Delegou a decisão sobre as especificidades dos cursos para as respectivas instituições de ensino, norteadas pelas expertises e vocações regionais. Definiu perfil, competências e habilidades do profissional em design, reafirmando a natureza projetual dessa área de conhecimento, e seu caráter interdisciplinar:

O designer é um profissional que se ocupa do projeto de sistemas de informações visuais, objetos e/ou sistemas de objetos de uso através de enfoque interdisciplinar. No desenvolvimento de seus projetos o designer considera as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico-cultural, bem como o perfil, potencialidades e limitações econômicas e tecnológicas das unidades produtivas onde os sistemas de informação e objetos de uso serão fabricados. Para isso, deve apresentar os seguintes requisitos:

1. Capacidade criativa – deve ser capaz de propor soluções inovadoras pelo domínio de técnicas e processos de criação



2. Domínio de linguagem – deve ser capaz de expressar os conceitos e soluções de seus projetos, tanto à mão livre como pelo uso de instrumentos, dominando as técnicas de expressão e reprodução visual através do emprego de diferentes mídias

3. Trânsito interdisciplinar – deve ser capaz de saber dialogar com especialistas de outras áreas de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em equipes interdisciplinares na elaboração e execução de pesquisas e projetos

4. Capacidade de conceituar o projeto – deve ter uma visão sistêmica do projeto pela combinação adequada de diversos componentes, materiais, processos de fabricação, aspectos ergonômicos, psicológicos e sociológicos do produto

5. Conhecimento de aspectos de metodologia de projeto – deve dominar as etapas de desenvolvimento de projeto, a saber: definição de objetivos, técnica de coleta, tratamento e análise de dados, geração e avaliação de alternativas, configuração de solução e comunicação de resultados

6. Visão setorial – deve ter conhecimento do setor produtivo de sua especialização (mobiliário, confecção, calçados, joias, cerâmica, gráfico, embalagens, software etc), no que tange ao mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias empregadas, além das potencialidades de seu desenvolvimento, principalmente no contexto regional

7. Aspecto gerencial – deve ter noções de gerência de produção, incluindo qualidade, produtividade, arranjo físico de fábrica, estoques, custos e investimentos, além da administração de recursos humanos para a produção

8. Aspectos socioeconômicos – deve ter visão histórica e prospectiva, bem como consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais e éticas de sua atividade (CEE Design, 1999)

No mundo hodierno, a World Design Organization (WDO) define Design como uma profissão transdisciplinar que emprega a criatividade como processo para estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços, negócios, sistemas de informações visuais e experiências. Os designers colocam o ser humano no centro do processo e emprega a criatividade como processo, congrega a pesquisa, tecnologia e inovação (WDO, 2022).



Design é uma atividade projetual cujo objetivo é configurar objetos, processos, serviços e sistemas de objetos/serviços e programar sua inserção nos vários ambientes da vida em sociedade, seja no trabalho, na educação, no lazer, na cultura, na vida em família, ou nas múltiplas combinações e decorrências dessas atividades. Nesse sentido é fator crucial para o intercâmbio cultural e econômico, no sentido amplo, e seu ensino e sua prática devem pautar-se por essa dupla determinação, problematizando-a.

A atividade do design envolve a projeção de produtos, serviços e sistemas concebidos a partir de ferramentas, organizações e lógicas próprias das sociedades industriais e pós-industriais e o termo ‘designer’ refere-se a um profissional que pratica uma profissão criativa e não simplesmente um negócio ou um serviço para empresas (ICSID, 2013).

O design como prática de ensino no Brasil computa mais de 60 anos. Foi na metade do século XX que surgiram as primeiras escolas de desenho industrial decorrentes do desenvolvimento industrial do país, combinado com os primeiros lampejos sobre a identidade do produto nacional. A afirmação de uma “unidade nacional” por meio da valorização de fontes históricas, étnicas e culturais, conforme relata Niemeyer (2007) era primordial para o crescimento econômico, mas também para a conformação de nossa cultura material.

Atualmente a formação acadêmica em design no nível de graduação faz-se presente em praticamente todo o território nacional, e conta com definições sobre a natureza da área de conhecimento e sobre as atribuições profissionais bem distantes da formulação titubeante do início. O design mostra-se como área estratégica que pode contribuir para a superação de problemas sociais, para a inovação tecnológica dos sistemas de produção e de comunicação visual, para a sustentabilidade social e ambiental. Também afirma seu papel como agente na valorização e preservação da cultura material e na preservação de identidades regionais. Em uma palavra, mostra-se agente efetivo do aprimoramento da qualidade de vida da sociedade brasileira.

O Curso de Design Mackenzie com mais de 50 anos é conhecido hoje nas esferas nacionais e internacionais, seus egressos ocupam lugares de destaque no mercado de trabalho, nas áreas da pesquisa em design e na educação.



4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	
Nome	Design
Endereço (mesmo do E-MEC)	Rua da Consolação, 896 CEP 01302-000 Campus São Paulo São Paulo, SP
Ato autorizativo	Decreto 78.852, de 29/11/1976
Modalidade de ensino	Presencial
Turno de funcionamento	Noturno e vespertino
Vagas oferecidas	105 vagas/ano e 40 vagas/ano
Tempo de integralização máximo	10 semestres
Tempo de integralização mínimo	8 semestres
Formas de ingresso	Processo seletivo universal

O Curso de Design da UPM surge na Faculdade de Arquitetura, onde o projeto é o elemento norteador. A aprovação pelo Conselho Universitário aconteceu em setembro de 1970 conforme relato em ata:

Aprovação dos Cursos de Desenho e Plástica (Licenciatura Comunicação Visual, e Desenho Industrial). O Prof. Roberto Frade Monte, relator do processo fez o sumário de sua exposição ao Magnífico Reitor sobre a matéria; posta em votação esta



foi aprovada por unanimidade (LIVRO 5, TERMO DE ABERTURA 1970, início 22-4-1970, ata nº 17 de 23 de setembro de 1970, folhas 29 a 30).

Foi na década de 50 quando a Universidade Mackenzie foi reconhecida pelo Presidente Getúlio Vargas através do Decreto 30.511 em 07 de fevereiro de 1952, nesse período, contava com quatro faculdades: Engenharia, Ciências Econômicas e Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e com cerca de 1.155 alunos. Em 1970, precisamente no dia 23 de setembro foram aprovados três novos cursos vinculados à Faculdade de Arquitetura, os cursos de Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho e Plástica. A primeira turma iniciou em 1971 com um currículo de três anos, e a formação básica de um ano atendia as três modalidades do curso.

O Curso divide-se em cinco fases até os dias de hoje.

A primeira fase de 1971 a 1978 refere-se à implantação do Curso de Design na Faculdade de Arquitetura, subdividido em Desenho Industrial, Comunicação Visual e Desenho e Plástica. Havia uma estrutura de coordenação que atendia aos três cursos e a duração dos mesmos era de três anos, ministrados em dois turnos, vespertinos e noturnos.

Sua estrutura inicial dialogava com a da ESDI tendo sido Alexandre Wollner, designer formado pela Escola de Ulm e um dos fundadores da ESDI, convidado a organizar o curso de Comunicação Visual no Mackenzie. Alocados na Faculdade de Arquitetura em sua primeira fase (de 1971 a 1978), os cursos Desenho Industrial e Comunicação Visual são frutos dessa diversidade de conhecimento e olhares criativos. Compartilharam o espaço físico do edifício Cristiano Stockler das Neves, prédio 9 do campus, com os demais cursos da Faculdade e o conhecimento de docentes e discentes. Essa atmosfera foi benéfica à efetiva constituição do design como área de conhecimento na Instituição. O curso, com duração de três anos (vespertino e/ou noturno) passa, em 1974, ao regime de período integral, com oficinas na parte da manhã e aulas expositivas à tarde.

Ao longo dos anos 1980 o curso de desenho industrial passou por alterações, iniciadas em 1978 com a criação da Faculdade de Comunicação e Artes (no mesmo espaço da Faculdade de Arquitetura) sob a direção do Professor Itajahy Martins, artista plástico, que permaneceu no cargo até seu falecimento em 1991. Durante as décadas de



1970 e 1980 há um reforço das artes plásticas, em decorrência dessa direção. O curso Desenho e Plástica (um dos cursos da Faculdade de Arquitetura que em 1978 é incorporado à Faculdade de Comunicação e Artes) passa a ser denominado Educação Artística e é reconhecido pelo decreto federal nº 83.371 de 16/4/1979, com duas habilitações: artes plásticas e desenho, nas modalidades de licenciatura curta ou plena. Em 1989 incorpora também a modalidade bacharelado, mas o curso de Educação Artística é encerrado em 1992.

A boa formação e bagagem cultural caracterizavam o perfil dos alunos desse período que participavam das atividades intensamente, em horários específicos, em disciplinas práticas e teóricas. Como o curso tinha três anos de duração as aulas eram distribuídas em dois horários num primeiro ano básico (manhã e tarde) e posteriormente, nos outros anos, somente no período da tarde. Havia certa imersão dos alunos no curso e no convívio dentro da faculdade, em função desse horário mais estendido e distribuído. O regime de aprovação era anual e a carga no primeiro ano reunia 12 disciplinas. Prosseguia com 9 disciplinas no segundo e 9 no último ano. A base artística estava presente no primeiro ano, enquanto no segundo ano o direcionamento era mais profissional; para a conclusão havia um projeto especial.

A segunda fase de 1978 a 2005 compreende a migração dos cursos para a recém-criada Faculdade de Comunicação e Artes, o Curso de Desenho Industrial, Comunicação Visual (reconhecidos pelo Decreto Federal n 78.852 de 29.11.1976) e Desenho e Plástica (alterado para Educação Artística e reconhecido pelo Decreto Federal no 83.371 de 16.04.1979). Nesse momento, os cursos são oferecidos apenas no período vespertino, com os três anos de duração até 1990.

Posteriormente é consolidado o Curso de Desenho Industrial e a subdivisão em habilitações: Projeto de Produto e Programação Visual e duração de quatro anos.

A área do design na década de 1980 passava por um processo de revisão crítica, tendo o número de escolas crescido em relação ao período anterior. Conforme Bomfim (1978), uma pesquisa realizada entre 1977 e 1978 indicava a existência de cerca de 16 instituições. Isso demonstra certo reconhecimento da área, decorrência certamente da expansão possibilitada pelo ‘milagre brasileiro’. Nesse contexto o curso de desenho industrial da UPM passa por uma reestruturação que resultou na implantação de sua segunda grade curricular, agora com duas habilitações (projeto do produto e



programação visual) e um ano básico; o curso passa a ser denominado ‘Desenho Industrial’.

A primeira grade permaneceu de 1971 até 1989 e era composta de 2760 horas, cursadas em 3 anos. A partir de 1989 a segunda grade é implantada com 3570 horas aulas, cursadas em 8 semestres. Em 1987, com o intuito de reestruturar o ensino de design no Brasil, o Ministério da Educação estabelece a adoção de um novo currículo mínimo, que tentava estabelecer: um conjunto de conhecimentos próprios e específicos da área, um padrão mínimo de qualidade através da uniformização de conteúdos didáticos e pedagógicos, a interlocução disciplinar entre os diversos cursos no país.

Em 1994 foi implantado o TGI -Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI) com o intuito de proporcionar um momento de reflexão sintética, abrangente e concluir o curso com um trabalho de alta qualidade. Nesse período a estrutura era departamental (diversa da estrutura anterior baseada em coordenações) com dois departamentos: Ciências Gráficas e Artes e Técnicas Industriais. O horário diurno foi um empecilho para os alunos que queriam trabalhar, mas o motivo principal da mudança para o período noturno foi a falta de demanda diurna. A mudança deu-se no início dos anos 1990 em virtude dessa procura e em função do espaço físico ocupado pela Faculdade de Comunicação e Artes (à qual então pertencia o curso Desenho Industrial), no mesmo edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o que causava sobreposição indesejada.

Os anos 1990 foram determinantes para a consolidação do curso que, naquele momento, já havia adquirido visibilidade, com 20 anos de atividade e várias turmas concluídas. O curso havia amadurecido e se consagrado como formador de profissionais muito atuantes no mercado. A diferença em relação às outras instituições era o currículo abrangente e a base artística. Os diversos ateliês forneceram aos alunos a possibilidade de desenvolver sua criatividade através do conhecimento e da experimentação de técnicas e materiais.

No ano de 1999 uma reflexão conjunta de professores denominada ‘Repensando Caminhos’, significou um primeiro momento de discussão para uma nova estrutura atualizada com as alterações recentes advindas das alterações nas bases tecnológicas da produção, especialmente em função dos processos computadorizados. Esse processo



gerou a terceira grade curricular da história do curso, que vigorou entre 2000 e 2008 e consistia em 3420 horas, com um primeiro ano básico voltado à formação artística.

A exigência da titulação de mestrado para todos os docentes foi outro fator a colaborar para o comportamento reflexivo no curso e, em 10 anos, a maioria dos professores obteve esse título. Em 2004 a Faculdade de Comunicação e Artes transferiu-se do prédio 9 do campus Higienópolis, instalando-se em edifício exclusivo na rua Piauí, contígua ao campus. Nessa mesma ocasião é implantado um novo regime para docentes em período integral (docentes PPI) e é alterada a estrutura organizativa do curso, com a extinção dos departamentos e a criação de novas coordenações.

Em seguida houve o remanejamento de cursos dentro da Universidade com a volta do Curso de Design ao corpo da Faculdade de Arquitetura, agora rebatizada 'Faculdade de Arquitetura e Urbanismo', ao final de 2005. Para o Curso de Arquitetura foi um ganho receber o desenho industrial de volta após 27 anos, segundo o depoimento da professora Nádia Somekh, então diretora. Para o desenho industrial voltar mostrava a força da vocação projetual do curso.

A terceira fase do Curso é de 2005 até 2014, marcada pelo retorno à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e mantém seu tempo de duração em quatro anos, no período noturno.

Em 2009 foi implantada a quarta grade curricular, a denominação de Desenho Industrial passa a ser Curso de Design em 2011, e continua com as habilitações de Projeto do Produto e Programação Visual. Após tais mudanças administrativas parte do corpo docente, coordenado pela professora Nara Sílvia Marcondes Martins, elaborou nova grade curricular, implantada a partir de 2009, com 2652 horas. Essa nova grade exigiu a instituição de coordenadorias de ano, com docentes escolhidos dentre o corpo de professores PPI. A espinha dorsal do curso passava a ser a progressão da complexidade projetual, iniciando na terceira e prosseguindo até a oitava e última etapa do Curso. Com o intuito de articular ensino, pesquisa e extensão foram estruturados e implantados três eixos temáticos: projeto; sustentabilidade e teoria e crítica.

Foi criada a atividade interdisciplinar chamada 'Projeto Integrado' (PI), fruto dessa conformação de eixos temáticos. O objetivo era ampliar a percepção criativa do aluno, com a ação integrada de componentes da mesma etapa. A realização de projetos



integrados ocorria do terceiro ao sexto semestres, evoluindo em graus de complexidade, sob a coordenação do componente de Projeto.

Nesse momento o PI é adotado como elemento estrutural do eixo de projeto para as duas habilitações (PP e PV) e desempenha o papel de um extenso laboratório para o TGI (posteriormente a denominação é alterada para TCC, Trabalho de Conclusão de Curso).

Em 4 de abril de 2013 a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, órgão do Ministério da Educação, renovou o reconhecimento do Curso de Design da UPM por meio da portaria nº 157. Ao longo de 2013 e 2014 foi efetivada ampla discussão envolvendo todo o corpo docente do Curso para a atualização do Projeto Pedagógico, então, vigente resultando em peça aprovada em março e em setembro de 2014 pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade. Este fato chancela a quarta fase do Curso de Design da UPM e se estende até este momento.

A quarta fase do Curso é entre 2014 a 2017. No ano de 2014 foi implantada uma nova matriz curricular. A abordagem pedagógica do Curso, ao longo dos anos, sempre privilegiou a formação de um profissional voltado à atuação ampla em design que extinguiu as duas habilitações: Projeto de Produto e Programação Visual.

Nessa fase, o Curso dá lugar ao pensamento generalista do Design. Entende-se que a aceleração e a complexidade das transformações sociais, advindas especialmente dos processos produtivos e culturais ligados à sociedade da informação, demandam aprofundamento da formação generalista, por meio do qual se estabeleçam bases sólidas para atuação e o enfrentamento desses desafios.

Em 2014, com a implantação do tempo de integralização Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Graduação em Design, o prazo para integralização dos créditos do curso foi reduzido de 04 anos para 03 anos e meio com total de 2.400 h, também considerou que o perfil do egresso era determinado pelos seguintes conceitos abordados e desenvolvidos no decorrer do curso Design, são eles: humanismo, projetualidade, sustentabilidade, reflexão criativa, interdisciplinaridade, colaboratividade e flexibilidade.

Ao longo do segundo semestre de 2017 uma nova revisão do Projeto Pedagógico foi realizada, desta vez pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Design. O



resultado das discussões convergiu em 2018 para um projeto alinhado às tendências contemporâneas que tem como foco atuação ampla e flexível do designer.

A quinta fase é marcada de 2018 até o momento.

O Núcleo Docente Estruturante – NDE do Curso de Design, sob liderança da coordenadora, Profa. Dra. Nara Sílvia M. Martins atendeu a solicitação da Direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e realizou um novo estudo que discutiu os impactos da alteração da integralização do Curso para 03 anos e meio. Neste sentido, verificou-se que os impactos não foram positivos e causaram prejuízos em ambos os campos avaliados. Desta forma, foi realizada uma nova atualização do projeto pedagógico em 2018 retomando a integralização do Curso para 8 etapas, 4 anos, assim ampliando o prazo de integralização do Curso.

Na reinclusão da 8ª etapa ao modelo atual a atividade de TCC (Orientação) envolveu a 7ª e 8ª etapas, respectivamente, com TCC I e TCC II, proporcionando ao discente tempo suficiente para a finalização da pesquisa de fundamentação teórica e a prototipação da melhor solução do problema de projeto a ser desenvolvido complementarmente no componente Oficina Optativa IV, que foi deslocada da 6ª para a 8ª etapa.

Neste período ocorreu também outras revisões de conteúdos programáticos que no início do ano de 2018 introduziu-se a prática de design de serviços e suas metodologias emergentes em consonância com as novas demandas de mercado identificadas pelos professores em contato com designers egressos e pelas orientações da World Design Organization. WDO é uma das principais sinalizadoras mais respeitadas de novas ideias do design, é uma organização internacional não governamental fundada em 1957 para promover a profissão de design industrial. A WDO defende a inovação orientada para o design industrial visando a criação de um mundo melhor. O Design é uma profissão transdisciplinar que utiliza a criatividade para resolver problemas diante de impactos econômico, social e ambiental. Conforme proposto pela World Design Organization (WDO, 2020) o design é um processo estratégico de solução de problemas que impulsiona a inovação, constrói o sucesso dos negócios produtos, sistemas, serviços e experiências inovadores, utiliza-se de ferramentas de co-criar para projetos que proporcionem uma melhor qualidade de vida aos usuários.



O Curso vem se atualizando com o passar dos anos, está sempre atento aos novos cenários com problemas complexos e ambíguos tão característicos e presentes no mundo contemporâneo.

No ano de 2022 foram realizadas pesquisas com público-alvo e concorrentes com o apoio do Marketing da UPM para verificar se havia a oportunidade de oferecer o Curso de Design no período vespertino, após várias avaliações a Direção em conjunto com o NDE do Curso de Design decidiram solicitar à UPM a abertura de vagas do Curso de Design no período vespertino no campus Higienópolis. Muitas são as melhorias na formação do discente com o emprego da mesma matriz nos períodos (noturno e vespertino), tais como: as possibilidades de manobras do contra período com retenções (DP) menos traumáticas que impedem o aluno de continuar seus estudos; maior envolvimento entre os alunos que intensificam a experiência universitária criando laços profundos e duradouros; participação nas diversas atividades acadêmicas tais como: monitoria, empresa júnior, ligas, atividades de extensão e de pesquisa e a escolha de eletivas.

5. FINALIDADES, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS DO CURSO

5.1. Finalidades do curso conforme os contextos regional e nacional (inserção política, econômica e social do curso)

O atual Projeto Pedagógico do Curso de Design alinha-se às tendências contemporâneas nacionais e internacionais, com foco na atuação do designer de forma ampla e flexível.

A estrutura do Curso está atualizada diante das novas demandas do atual sistema design em sua pluralidade, não se circunscreve apenas nas tradicionais categorias - design industrial, design gráfico, design de produtos e design de moda. Hoje, agrega a orbe deste sistema - o design da informação, design de serviço, design estratégico, design de espaço, design social entre outros. Cada uma destas categorias abriga mais uma série de outras subcategorias, algumas com habilidades específicas outras com características mais híbridas.

O Curso é direcionado para o desenvolvimento das competências e habilidades fundamentais, valorizando as atividades projetuais prospectivas e incentivando o empreendedorismo nas atitudes e nos procedimentos. Situado na cidade de São Paulo,



posiciona-se de maneira estratégica com o intuito de antecipar demandas socioeconômicas da metrópole que, apesar de ainda sediar principal centro financeiro do país, por isso apresenta o maior e mais completo parque industrial e comércio com diferentes tipos de produção. Também possui diferentes empresas financeiras, bancos digitais assim como médios e pequenos empreendedores além de configurar-se como polo de prestador de serviços de excelência, bem como é palco de políticas públicas inovadoras e de demandas sociais crescentes. Soma-se a isto o fato de a cidade abrigar contribuições e influências de todas as regiões do país e de muitos países do mundo, o que reforça e justifica ainda mais a presença da diversidade e da flexibilidade entre os objetivos do Curso.

Ao longo da história de mais de 50 anos, o Curso de Design sempre privilegiou a formação de um profissional voltado à atuação ampla no campo multifacetado do design. Visualiza-se a necessidade do designer responder às demandas sociais articulando, cada vez mais, saberes multidisciplinares e unindo de forma muito efetiva a teoria com a prática. Assim, a finalidade primeira do curso é a capacitação do profissional para a flexibilidade de ações e para a autonomia na aquisição de conhecimentos, a fim de que protagonize contribuições nos diversos campos do design, seja no setor produtivo ou de serviços, na esfera pública ou privada, nas associações sem fins lucrativos, em atividades de pesquisa acadêmica e como agente empreendedor.

5.2. Justificativas do Curso

O Curso de Design adquiriu maturidade ao longo do seu percurso. Entende-se que a aceleração e a complexidade das transformações sociais, advindas especialmente dos processos produtivos e culturais ligados à sociedade da informação, demandam aprofundamento da formação ampla, com vistas à inovação, por meio do qual se estabeleçam bases sólidas para atuação e o enfrentamento desses desafios.

A atuação do designer é cada vez mais requerida e fluida em relação a produção, os serviços, o consumo, a experiência do usuário e a facilidade na mediação em diferentes interfaces sociais credencia esse profissional como ator no processo de transformação social.



5.3. Objetivos gerais do Curso e principais enfoques

O Curso de Design visa priorizar saberes interdisciplinares e transdisciplinares, integrando teoria e prática na atividade projetual. Busca capacitar o profissional para a flexibilidade de ações e para a autonomia na aquisição de conhecimentos, a fim de que este protagonize contribuições no campo do design em suas diversas modalidades em sua atuação profissional como um agente protagonista de inovação.

Quanto a estes últimos faz-se importante defini-los: trata-se de instrumentos totalmente desvinculados de quaisquer programação e conteúdos definidos a priori no curso e, portanto, abertos para serem preenchidos por eventos acadêmicos que contribuam para a complementação dos saberes ligados diretamente à formação profissional, ou de natureza simplesmente cultural. Proporcionar ao aluno o conhecimento e aprendizagem de metodologias operacionais de design centradas no ser humano, técnicas ágeis de gestão de projetos e desenvolvimento de habilidades comportamentais socioemocionais (*soft skills*). Também é foco do Curso estimular a pesquisa acadêmica e o perfil empreendedor do aluno.

Outro fator diferenciado desta concepção é proporcionar a flexibilização curricular ao aluno, materializada pelo elenco dos componentes curriculares optativos, oficinas e projetos profissionalizantes, que permitem que o aluno escolha o que cursar conforme preferência e aspiração profissional. São quatro Oficinas Optativas disponibilizadas na matriz entre a 3ª e 8ª etapas que permitem que o aluno experimente técnicas e manejo de instrumental adequado para a realização de projetos de design. E os Projetos Profissionalizantes são componentes que proporcionam ao aluno a experimentação de procedimento metodológico compatível com as práticas profissionais de diferentes modalidades do campo do design com vistas a obtenção de soluções projetuais, que compatibilize condicionantes realistas de projeto às necessidades dos usuários e seus respectivos mercados.

O Curso organiza-se em torno de seus núcleos de pesquisa e prevê um intenso papel no dia a dia do ensino para eles. Também as demandas externas, advindas da sociedade, das empresas, das comunidades e do governo, receberão toda a atenção. Nosso curso procura dialogar com cada uma delas e, na medida dessa integração, repensa constantemente a dinâmica do ensino e os objetivos a médio prazo, como forma de entender, ouvir, aceitar, contribuir.



Vale salientar mais uma vez que a espinha dorsal deste Curso de Design está fincada nos projetos obrigatórios, que ocorrem da 1ª a 6ª etapas, e a elaboração do TCC nas 7ª e 8ª etapas. Conforme a solicitação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental do MEC, todos os Projetos terão uma referência fundamental nas teorias e práticas. Tais Projetos obrigatórios contemplam a interdisciplinaridade e são portadores da visão sistêmica de projeto em design.

O quadro a seguir indica a distribuição dos componentes optativos e eletivos:

**QUADRO 1 – CARGA HORÁRIA
MÍNIMA TOTAL DE COMPONENTES
OPTATIVOS/ELETIVOS**

CARGA HORÁRIA MÍNIMA EM HORAS DE COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS	
ETAPA 1	0
ETAPA 2	0
ETAPA 3	47,50
ETAPA 4	47,50
ETAPA 5	174,16
ETAPA 6	79,16
ETAPA 7	0
ETAPA 8	47,50
TOTAL COMPONENTES OPTATIVOS	443,32



CARGA HORÁRIA MÍNIMA EM HORAS
DE COMPONENTES CURRICULARES ELETIVOS

ETAPA 1	63,33
ETAPA 2	63,33
ETAPA 3	63,33
ETAPA 4	63,33
ETAPA 5	63,33
ETAPA 6	63,33
ETAPA 7	63,33
ETAPA 8	0,00
TOTAL COMPONENTES ELETIVOS	453,31

6. CONCEPÇÃO ACADÊMICA DO CURSO

6.1. Articulação com o PDI

Em busca do alinhamento com o PDI da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que enfatiza a integração e a coesão das diversas instâncias da vida institucional direcionadas para a qualidade e para o desenvolvimento competente de suas tarefas de ensino, pesquisa e extensão, e em coerência com seus alicerces confessionais, o Curso de Design objetiva promover a educação integral do educando, a difusão cultural e tecnológica, o intercâmbio e a cooperação com outras instituições científicas e culturais, formar recursos humanos nas diferentes áreas do saber relacionadas a este campo de atuação, capacitando os alunos a realizar investigações técnico-científicas, exercer o magistério, desenvolver pesquisas de maneira autônoma e competente, inserir-se em setores profissionais de ponta e participar do desenvolvimento da sociedade de maneira crítica, solidária e cidadã.



Busca também contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país por meio de assessoria e prestação de serviços relativos aos campos do saber do design, assim como concorrer para o desenvolvimento científico, tecnológico e artístico da comunidade e estender a esta, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados das pesquisas realizadas.

Objetivando uma plena articulação entre a concepção e organização didático-pedagógica do Curso aqui proposta e os instrumentos de organização e de gestão da Universidade e da Instituição Mantenedora, compõem este PPC os instrumentos legais, estatutários e regimentais da Universidade e do Instituto Presbiteriano Mackenzie ficando sua implantação condicionada à satisfação dos critérios de sustentabilidade econômico-financeira estabelecidos pela Instituição Mantenedora.

6.2. Perfil do egresso (conforme DCN e coerência com o currículo)

O Curso de Design em seus 50 anos de existência vários alunos tornaram-se docentes, contribuindo com a evolução, a consolidação e a identidade do ensino de design da UPM. Além disso, é constante a presença de egressos em nossos eventos internos, proferindo palestras, oferecendo oficinas criativas, relatando suas experiências profissionais. A formação do designer mackenzista sempre foi reconhecida pelo mercado; muitos de nossos egressos atuaram e atuam de forma significativa no vasto campo do Design.

O sistema design é mutante, dinâmico; acompanha o zeitgeist, este princípio faz com que tanto o ensino e sua prática sejam atualizados constantemente. O designer tem de acompanhar o espírito do momento e nossos egressos têm essa característica, um profissional que participa da criação de cenário.

Segundo De Moraes (2008) atualmente destaca-se a necessidade do design interagir, de forma transversal, com componentes cada vez menos objetivos e exatos, passando a confluir com outras que compõem o âmbito do comportamento humano, dos fatores estéticos e psicológicos até então pouco considerados na concepção dos artefatos industriais.

O Curso de graduação em Design enseja como perfil desejado do formando a criatividade inovadora conjugada as várias diretrizes metodológicas para o processo



rojetal de design. Neste sentido, os seguintes elementos são apresentados e conceituados como integrantes do perfil do egresso de nosso curso:

1. Criatividade inovadora
2. Habilidade projetual
3. Inter e transdisciplinariedade
4. Ética e reflexão crítica
5. Responsabilidade socioambiental
6. Protagonismo
7. Empreendedorismo

QUADRO 2: RELAÇÃO ENTRE COMPONENTES CURRICULARES E AS COMPETÊNCIAS E PERFIL DO EGRESSO

PERFIL DO EGRESSO	COMPONENTE CURRICULAR						
	1	2	3	4	5	6	7
PROJETO I A VI	X	X	X	X	X	X	X
PROJETO VII	X	X	X	X	X	X	X
PROJETO PROFISSIONALIZANTE I a IV	X	X	X	X	X	X	X
OFICINA OPTATIVA I a IV	X	X	X	X		X	
PRINCÍPIOS DE EMPREENDEDORISMO		X	X	X	X	X	X
PROJETOS EMPREENDEDORES	X	X	X	X	X	X	X
FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN I a IV	X	X	X	X	X	X	
FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN I a IV	X	X	X	X	X	X	
FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN I a IV	X		X	X	X	X	
HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN I a IV	X		X	X	X	X	
PRÁTICA DE PROGRAMAÇÃO I e II	X	X	X	X	X	X	X
ÉTICA E CIDADANIA	X		X	X	X	X	
INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO REFORMADA	X		X	X	X	X	
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NA ARQUITETURA E NO DESIGN	X		X	X	X	X	



6.3. Competências e habilidades

As competências e habilidades necessárias à formação do designer estão expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) no Art. 4º da Resolução nº 8 de 4 de março de 2004.

Zabala e Arnau (2010) resumem os componentes das competências em três domínios relacionados aos campos do saber, do saber-fazer e do saber-ser.

Tais competências são explicitados pelas sequências dos componentes; pelas experimentações realizadas nos laboratórios; pelas atividades para-curriculares de atribuições profissionais; pelas semanas de integração e viver metrópole; pelo programa de disciplinas de extensão e pelo trabalho de conclusão de curso de graduação.

Entende-se, portanto, como competências e habilidade necessárias a serem desenvolvidas para a efetiva formação do aluno no campo do design o aprendizado distribuído nos seis eixos temáticos nas seis primeiras etapas do Curso, são eles: O Homem e a Contemporaneidade; O Homem, a Casa e os Espaços de Trabalho; O Homem e a Cidade; O Homem e o Ambiente; O Homem, os Bens e os Serviços e por último O Homem e a Sociedade, todos visam a compreensão e a prática projetual de forma crescente na sua complexidade.

As competências e habilidades presentes no Curso de Design estão aliadas ao parecer da Resolução nº 5, de 8 de Março de 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design.

I - Capacidade criativa para propor soluções inovadoras, utilizando domínio de técnicas e de processo de criação;

II - Capacidade para o domínio de linguagem própria expressando conceitos e soluções, em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual;

III- Capacidade de interagir com especialistas de outras áreas de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em equipes interdisciplinares na elaboração e execução de pesquisas e projetos;

IV - Visão sistêmica de projeto, manifestando capacidade de conceituá-lo a partir da combinação adequada de diversos componentes materiais e imateriais, processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto;



V - Domínio das diferentes etapas do desenvolvimento de um projeto, a saber: definição de objetivos, técnicas de coleta e de tratamento de dados, geração e avaliação de alternativas, configuração de solução e comunicação de resultados;

VI - Conhecimento do setor produtivo de sua especialização, revelando sólida visão setorial, relacionado ao mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias abrangendo mobiliário, confecção, calçados, joias, cerâmicas, embalagens, artefatos de qualquer natureza, traços culturais da sociedade, softwares e outras manifestações regionais;

VII - Domínio de gerência de produção, incluindo qualidade, produtividade, arranjo físico de fábrica, estoques, custos e investimentos, além da administração de recursos humanos para a produção;

VIII - Visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos socioeconômicos e culturais, revelando consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade.

Considerando o contexto das DCNs para 2004, de acordo com o CNE, Resolução CNE/CES 05/2004, competências e habilidades do curso Design agrega as seguintes características:

QUADRO 3: RELAÇÃO ENTRE COMPONENTES CURRICULARES E AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO CURSO

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES COMPONENTE CURRICULAR	1	2	3	4	5	6	7	8
PROJETO I a VI	X	X	X	X	X	X	X	X
PROJETO VII	X	X	X	X	X	X	X	X
PROJETO PROFISSIONALIZANTE I a VI	X	X	X	X	X	X	X	X
OFICINA OPTATIVA I a VI		X	X	X		X	X	X



PRINCÍPIOS DE EMPREENDEDORISMO		X	X			X	X	X
PROJETOS EMPREENDEDORES	X	X	X	X	X	X	X	X
FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN I a VI	X	X	X	X	X	X	X	X
FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN I a VI		X	X	X	X	X	X	X
FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN I a VI	X		X	X		X	X	X
HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN I a VI	X		X	X		X	X	X
PRÁTICA DE PROGRAMAÇÃO I e II	X	X	X	X	X	X	X	X
ÉTICA E CIDADANIA	X	X	X	X			X	X
INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO REFORMADA	X	X	X	X			X	X
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NA ARQUITETURA E NO DESIGN	X	X	X	X			X	X

6.4. Coerência do currículo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)

Conforme prescritos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais -DCN homologadas pelo MEC na Resolução nº 5, de 8 de março de 2004, do Curso de Graduação em Design, presentes no Art. 5º, a organização curricular deve contemplar em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular conteúdos e atividades que atendam aos seguintes eixos interligados de formação:

- Conteúdos básicos: estudo da história e das teorias do Design em seus contextos sociológicos, antropológicos, psicológicos e artísticos, abrangendo métodos e técnicas de projetos, meios de representação, comunicação e informação, estudos das relações usuário/objeto/meio ambiente, estudo de materiais, processos, gestão e outras relações com a produção e o mercado



- Conteúdos específicos: estudos que envolvam produções artísticas, produção industrial, comunicação visual, interface, modas, vestuários, interiores, paisagismos, design e outras produções artísticas que revelem adequada utilização de espaços e correspondam a níveis de satisfação pessoal
- Conteúdos teórico-práticos: domínios que integram a abordagem teórica e a prática profissional, além de peculiares desempenhos no estágio curricular supervisionado, inclusive com a execução de atividades complementares específicas, compatíveis com o perfil desejado do egresso

Em conformidade com as resoluções das DCNs e atendendo às características do perfil do egresso definido e das competências e habilidades expostas anteriormente, a base estrutural do Curso de Design alinou-se aos núcleos de conteúdos básicos acima, divididos nos quatro semestres iniciais e agrupados de forma paralela de modo a contemplar tanto os eixos interligados de formação definidos pela DCN, como as necessidades e segmentos contemporâneos do design.

Os conteúdos básicos, específicos e teóricos-práticos apresentados acima, também, estão distribuídos nos Eixos Temáticos definidos nas seis etapas do Curso: O Homem e a Contemporaneidade; O Homem, a Casa e os Espaços de Trabalho; O Homem e a Cidade; O Homem e o Ambiente; O Homem, os Bens e os Serviços e por último, O Homem e a Sociedade.

6.5. Requisitos de ingresso

O processo seletivo de ingresso no Curso de Design segue o estabelecido pelo Conselho Universitário, que define que a seleção e a classificação de candidatos à matrícula inicial serão regidas por edital próprio que contemple os procedimentos, critérios, requisitos e prazos para o vestibular e outras formas estabelecidas pelo Conselho Universitário. Importante notar que, a partir do próximo processo seletivo em novembro/dezembro de 2017, a prova de habilidade específica, até então parte do processo seletivo, deixará de ser aplicada.

6.6. Aspectos metodológicos do processo de ensino-aprendizagem

6.6.1. Metodologias

O Projeto Pedagógico Institucional, contido no PDI da UPM, estabelece que a abordagem pedagógica da Universidade é interacionista, pois tem como ênfase um



trabalho pedagógico de docentes e discentes com os conhecimentos específicos das diversas áreas de formação, que considera os processos que devem resultar no desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal do aluno, favorecendo a incorporação progressiva e integrada de novos e mais complexos conhecimentos.

Tal abordagem exige que o professor parta de conhecimentos cotidianos dos alunos, aprofunde os conceitos teóricos e científicos com eles e busque como resultado o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes no aluno ao longo do curso.

Buscar o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes não pode ser concebido como um esvaziamento do conteúdo, em favor de um trabalho centrado nas experiências e nos desejos dos alunos. Por sua vez, o conteúdo também não pode ser concebido como um instrumento de motivação da aprendizagem do aluno. Pelo contrário, o conteúdo a ser trabalhado deve ser considerado como um conjunto de conceitos teóricos, sistematicamente relacionados, concebidos com base no conhecimento acumulado pelos pesquisadores da área ao longo da história. Assim considerado, o conteúdo de cada componente curricular é fortalecedor da capacidade de organização hierárquica dos conceitos e do pensamento do Aluno, bem como de suas habilidades de lidar com eles nas situações cotidianas, tanto técnicas, acadêmicas e éticas.

A partir dessa abordagem de caráter interacionista, o curso incentiva o protagonismo estudantil no processo de ensino-aprendizagem. O que se propõe ao aluno, inclusive no âmbito das DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) é que seja ativo no desenvolvimento das habilidades, competências e atitudes que o conteúdo demanda. As metodologias de ensino devem favorecer esse protagonismo, utilizando-se de técnicas consideradas ativas, como pesquisa, resolução de problemas, estudos de caso, entre outras que poderão ser desenvolvidas. Essa abordagem pedagógica cria condições para o desenvolvimento da capacidade do aluno de “aprender a aprender”, incentivando-o à busca de informação e da formação continuada exigida para a sua atuação na sociedade.

Diante do exposto, entende que o modo como o professor desenvolve o processo de ensino e aprendizagem permitirá o desenvolvimento do aluno. Professor, conteúdo e aluno desempenham papéis fundamentais e complementares.



O papel do aluno no processo de aprendizagem é um papel ativo. Os professores são orientados a desenvolverem um trabalho que confirme os valores de formação integral do homem, confirmando os valores bíblicos e cristãos de que o homem é uma criatura que deve se responsabilizar pelos seus atos que deve agir com responsabilidade e com princípios de sustentabilidade no uso de recursos da natureza e que deve agir em direção ao outro, com respeito e valorização pelo outro como criatura semelhante a si.

Nessa direção e em consonância com os princípios filosóficos da UPM, trabalha-se a partir dos quatro pilares da educação desenvolvidos por Jacques Delors e sua equipe e divulgados pelo relatório da Comissão Internacional para a Educação no Século XXI para a UNESCO (1996): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Outro aspecto importante no desenvolvimento do ensino, implicadas na gestão da aula, refere-se à integração simultânea entre teoria e prática, a ser garantida por meio da proposição de estratégias de ensino que articulem as inter-relações entre os objetivos das aprendizagens e as competências e habilidades a serem formadas, devendo ser explicitadas nos Planos de Ensino, mas, principalmente, estarem presentes no desenvolvimento da aula, de modo a promover a articulação entre o “saber fazer” e o “saber conhecer” do graduando, além de desenvolver atitudes específicas em direção ao “saber ser”.

Firma-se, desse modo, que os objetivos da docência é a aprendizagem e a ampliação dos conhecimentos do graduando; é a formação para melhor atuação ética e profissional. Para se atingir estes objetivos, o professor deve imprimir esforços didáticos para organizar e desenvolver programas de ensino com a utilização de diversas metodologias de ensino, para contemplar diferentes modos e estilos de aprendizagem dos graduandos.

A gestão da sala de aula implica na gestão do conteúdo e da forma de desenvolvimento do mesmo, na gestão das condutas e de relações interpessoais e na gestão da aprendizagem. O alvo maior é o desenvolvimento do aluno e o atendimento às necessidades dele para a aquisição das competências necessárias à sua área.

Temos que ter clareza de que o objetivo da docência é a aprendizagem e o aperfeiçoamento do aluno e dos conhecimentos que este tem, é a formação do aluno para melhor atuação ética e profissional. Para se atingir este objetivo, o professor deve



imprimir esforços didáticos para organizar e desenvolver os programas com diversos métodos de ensino utilizados para alcançar diferentes modos e estilos de aprendizado dos alunos.

Ao assim proceder, o professor terá uma interação com seus alunos e provocará uma interação entre eles, além de se relacionar com todos os aspectos administrativos da escola, a fim de que a sala de aula tenha um funcionamento adequado.

6.6.2. Avaliação da aprendizagem

Quanto à avaliação da aprendizagem, a mesma deverá fornecer dados, para os professores, sobre o processo de desenvolvimento das competências propostas para cada componente curricular, devendo ser diagnóstica e formativa, na medida em que puder auxiliar professor e aluno a fazer ajustes durante os processos de aprendizagem. Haverá, a cada semestre, momentos de avaliação somativa, em que os resultados serão aferidos e registrados para fins de aprovação. A avaliação é realizada por meio de instrumentos diversificados, como relatórios, apresentação de trabalhos, trabalhos de equipes, portfólios, provas escritas ou orais entre outros instrumentos que se fizerem necessários para a verificação do alcance das habilidades e competências, bem como atitudes elencadas no Plano de Ensino.

A avaliação da aprendizagem – disciplinada no Regimento da Universidade e no Regulamento de Graduação deverá ser tomada como um processo que realimenta tanto os processos de aprendizagem e desenvolvimento do graduando como os processos de ensino desenvolvidos pelos docentes.

A UPM tem como meta desenvolver estudos permanentes para o aperfeiçoamento desse processo, aprimorando as práticas avaliativas dos professores e estimulando o uso excelente de recursos tecnológicos voltados para esse fim.

6.7. Estratégias de flexibilização curricular

A UPM adota o processo de matrículas por componente curricular e não por série, dando certa flexibilidade para que o discente organize sua matriz de componentes semestralmente, de acordo com suas disponibilidades e prioridades, respeitando-se os pré-requisitos e a carga máxima de aulas por semestre. Essa regulamentação vem ao encontro de políticas de integração entre os cursos da UPM, com a Pós-Graduação Stricto Sensu e, até mesmo, com outras universidades, favorecendo a diversificação da



formação e fortalecendo uma formação inter e transdisciplinar na Graduação. Semestralmente, é publicado um documento que rege o processo de matrícula, no qual todas as regras e possibilidades de composição são explicitadas, de modo a guiar o desenho que cada aluno irá compor de sua matriz naquele semestre.

A flexibilização curricular no Curso de Design é materializada pelo elenco de oito componentes curriculares optativos, Oficinas e Projetos Profissionalizantes, que o aluno precisa obrigatoriamente cursar, mas pode escolher entre aquelas oferecidas a cada semestre pela Coordenação. As Oficinas são oferecidas entre a 3ª e 8ª etapas e os Projetos Profissionalizantes nas 5ª e 6ª etapas. Para ambos os componentes optativos os temas e objetos de projetos são propostos no final de cada semestre baseados no panorama do design na atualidade por professores responsáveis, a decisão final da indicação cabe ao Núcleo Estruturante de Curso.

Além das optativas, possibilita também a frequência de componentes eletivas em outras unidades da Universidade ou mesmo em outras universidades, pela integração da graduação com os grupos de pesquisa, pelo intercâmbio com instituições de ensino superior estrangeiras, pelas atividades complementares, pela realização do estágio supervisionado e pela presença dos tópicos especiais e projetos integradores. Quanto a estes últimos trata-se de instrumentos totalmente desvinculados de quaisquer programação e conteúdo definidos a priori no Curso e, portanto, abertos para serem preenchidos por eventos acadêmicos que contribuam para a complementação dos saberes ligados diretamente à formação profissional, ou de natureza simplesmente cultural.

6.7.1. Estratégias de internacionalização

O Curso de Design entende que o incentivo ao envolvimento de seu corpo discente com instituições internacionais para a construção de conhecimentos por meio do ensino, pesquisa e extensão, é importante fator de estímulo ao papel ativo do aluno no processo de ensino-aprendizagem, bem como um instrumento estratégico primordial para complementar a flexibilização da integralização curricular. Suas estratégias para promover as relações interinstitucionais em âmbito mundial integram-se, portanto, ao plano geral de estratégias de internacionalização da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tanto quanto às ações mais específicas promovidas pela Faculdade de



Arquitetura e Urbanismo. Nesse sentido, considera-se imprescindível um conjunto de estratégias interligadas:

- organização de eventos científicos em parceria com instituições internacionais de ensino superior ou de pesquisa científica, como nos casos do Seminário Internacional Imagens da Cultura/Cultura de las Imágenes e do Congresso do Comitê Internacional de História do Design e Estudos de Design/Conference of the International Committee for Design History and Design Studies

- participação discente e docente em redes internacionais de ensino, pesquisa e extensão, como nos casos da rede ICCI/Imagens da Cultura/Cultura de las Imágenes e a Cátedra UNESCO para Paisagem e Ambiente, sediada na Universidade de Montréal/CUPEUM, promotora de oficinas internacionais reunindo estudantes e docentes de design, arquitetura e urbanismo

- políticas de incentivo à participação discente e docente em eventos científicos no campo do design, nos quais se instala ambiente propício para o debate sobre resultados de pesquisas e pesquisas em andamento, e contatos com diferentes instituições

- políticas de incentivo à mobilidade acadêmica promovidas pela Universidade, como nos casos de gratuidade para alunos participantes de programas que ofereçam essa possibilidade, de oferta de bolsas para pesquisas e pós-doutorado realizados no exterior pelo corpo docente e de regulamentação do programa para professores visitantes

- programa de intercâmbio acadêmico disponibilizado para os alunos do Curso, consolidado em convênios firmados com instituições de ensino superior na América Latina, América do Norte e Europa, atualmente em processo de ampliação

- apoio da Coordenadoria de Assuntos Internacionais do Gabinete do Reitor e de representante internacional, ligado ao Gabinete do Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.



6.7.2. Estratégias de interdisciplinaridade (integração curricular de disciplinas cursadas pelo aluno fora do curso ou até da Universidade em caráter de eletiva)

Está implícita na interdisciplinaridade uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca da unidade do pensamento. A interdisciplinaridade é um campo aberto para que superemos uma prática fragmentada por especialidades e possamos estabelecer novas competências e habilidades através de uma postura pautada em uma visão holística (BORDONI, 2002). Para Nicolescu (1999) ela diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra, no sentido de que todos as componentes curriculares envolvidos no processo devem ser encadeados de forma sistêmica para que juntos construam um pensamento inserido no contexto a que pertencem. Para maior consciência da realidade, para que os fenômenos complexos sejam observados, vistos, entendidos e descritos, torna-se cada vez mais importante a confrontação de olhares plurais na observação da situação de aprendizagem. Daí a necessidade do trabalho em equipe.

Nicolescu (1999) afirma que sua aplicação em métodos criativos ultrapassa a compreensão proposta pela razão cartesiana: assentada numa objetividade racionalizadora, a perspectiva transdisciplinar propõe um diálogo enriquecedor entre ciência e imaginário, visto que “o real é uma dobra do imaginário e o imaginário é uma dobra do real”. A abertura transdisciplinar comporta a aceitação do imprevisível e do desconhecido, implica na recusa dos dogmas e dos sistemas fechados de pensamento e referencia-se no eterno questionamento e na procura de respostas as quais, por sua vez, são aceitas apenas como temporárias.

Segundo Desdério (2010) atualmente é por meio do “design de relações” que se articulam as interfaces entre cenários pedagógicos (“designs”) e as diversas disciplinas ou áreas do conhecimento de modo a se obter um design transdisciplinar. Entende-se por “design de relações” o cenário pedagógico que tem a capacidade congregar várias áreas do conhecimento estabelecendo relações entre a arte, a ciência, a filosofia e outras áreas do saber. No mundo sólido do passado existiam “containers disciplinares seguros”, nos quais qualquer um poderia posicionar-se sentindo-se bem definido com sua própria identidade profissional e, em consequência, no sentido amplo, também na esfera pessoal:



Agora não é mais assim: no ‘mundo fluido contemporâneo’ os containers foram abertos e as suas paredes não são mais protegidas, as definições profissionais e disciplinares se dissolvem e qualquer um deve cotidianamente redefinir a si mesmo e à sua própria bagagem de capacidade e competência [...] é nesse contexto que colocaremos as nossas observações sobre o tema que aqui mais nos interessa: o que realmente é um produto, o que significa projetar e, por fim, o que farão os designers em um mundo fluidificado (MANZINI, 2004, p. 10-7).

De forma específica, pode-se afirmar que pela própria característica do desenvolvimento dos conteúdos nos componentes projetuais (cuja contribuição na carga horária total do curso é superior a 70%), o modo de pensar e refletir que são dados pela interdisciplinaridade e pela transversalidade de saberes e, portanto, estão intrinsecamente ligados ao fazer dessas disciplinas, conferindo, a esse modo de pensar e refletir, o status de que, sem ele, não se produz design, pela própria condição de interfaces que a mesma guarda com outras áreas de conhecimento. Em outras palavras, para o fazer projeto é condição o pensamento interdisciplinar.

Os eixos temáticos de cada etapa priorizam a interdisciplinaridade horizontal de conteúdos entre os componentes, por meio da seleção de conteúdos, temas de projetos e de proposição de exercícios práticos comuns às disciplinas. De forma que a proposição projetual pode sempre se renovando, propiciando as ligações necessárias com o avanço das metodologias e das técnicas do design e, principalmente, trazendo para dentro do ambiente de ensino-aprendizagem a possibilidade das atividades de extensão, ponto prioritário na elaboração dos programas semestrais.

A interdisciplinaridade ainda está presente nos seguintes componentes curriculares do Curso de Design: na organização da matriz curricular; na organização dos componentes que organizam seus conteúdos por agrupamentos de competências e habilidades; no Trabalho de Conclusão de Curso; nas atividades complementares, nas atividades de experimentação; nas Semanas de Integração e a “Viver Metrópole”; nas atividades eletivas e na organização dos tópicos especiais.

As componentes curriculares eletivas, que são aqueles cursadas em outras Unidades da Universidade ou mesmo em outras universidades, com validade para registro no histórico escolar do Aluno, contempnam a interdisciplinaridade, nos termos propostos neste item.



6.7.3. Estratégias de integração com a Pós-graduação

Conforme previsto no Regulamento Geral da Pós-Graduação, o aluno do último semestre do curso está autorizado e incentivado a se matricular, em modalidade de matrícula não vinculada, em componente curricular do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

Essa política beneficia, inclusive, a ampliação de ofertas de componentes curriculares da pós-graduação em idioma estrangeiro, passíveis de serem utilizadas como componentes curriculares em modalidade eletiva, para fins de integração curricular pelo aluno da Graduação.

A pós-graduação é um sistema de formação intelectual integrado às Unidades Universitárias, que privilegia a pesquisa, o ensino e a extensão, objetivando o aprofundamento dos conhecimentos acadêmicos e técnico-profissionais, em campos específicos do saber. Na UPM, a pós-graduação estrutura-se por meio dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* - mestrado e doutorado - e *lato sensu* – cursos de aperfeiçoamento e especialização – que são oferecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

O Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo com Mestrado e Doutorado, considerado Programa de Excelência, conceito 6 na CAPES, tem duas linhas de pesquisa nas quais são desenvolvidas as atividades dos grupos de pesquisa da escola, a saber: “Arquitetura moderna e contemporânea: representação e intervenção” e “Urbanismo moderno e contemporâneo: representação e intervenção”. Tais linhas de pesquisa envolvem a reflexão sobre o projeto arquitetônico e urbanístico moderno e contemporâneo em suas diferentes dimensões, limites e potencialidades. Apesar de não ter linha específica em Design, o Programa oferece componentes curriculares e pesquisas que se integram aos campos de Design e Arquitetura com conteúdo teórico, prático e projetual. Além do *stricto sensu* da FAU, a Universidade Presbiteriana Mackenzie possui outros programas, como o Educação, Arte e História da Cultura, que promove a interdisciplinaridade das áreas investigativas interdisciplinares ao Design, Arte, Cultura e Sociedade.

Em relação à área de Lato Sensu em Arquitetura e Design tem papel primordial na tarefa de manter a educação continuada como uma das estratégias importantes para pesquisadores, docentes e profissionais manterem sua empregabilidade e



potencializarem sua competitividade. Na área de Design na FAU são oferecidos dois cursos, Gerenciamento Estratégico do Design e Design Transcultural, este último é fruto da parceria com L' École de Design Nantes Atlantique-França.

Nesse contexto, as estratégias de integração entre graduação e pós-graduação podem ser assim colocadas:

- Integração de alunos e professores da graduação e da pós-graduação nos grupos de pesquisa, no desenvolvimento de projetos de pesquisa e na organização de eventos acadêmicos;

- Rebatimento e incorporação de resultados de pesquisas nos conteúdos didático-pedagógicos nos componentes regulares do curso de graduação e nas disciplinas da pós-graduação, tanto nos cursos de *lato sensu* quanto nos de *stricto sensu*;

- Oferta de componentes optativos vinculadas às problemáticas abordadas pelos grupos de pesquisa;

- Palestras, aulas especiais e incentivos à participação dos estudantes de graduação nas atividades de pesquisa por meio de eventos programados pela Coordenadoria de Pesquisa e pela Coordenadoria de Pós-graduação da unidade;

- Desenvolvimento de projetos de iniciação científica pelos alunos da graduação vinculados aos temas e objetivos de investigação dos grupos de pesquisa, com a publicação dos trabalhos em eventos de caráter acadêmico e científico, tais como as Jornadas de Iniciação Científica da UPM;

- Participação de alunos da pós-graduação – mestrado e doutorado – no programa de Estágio Docente junto a disciplinas da graduação cujos conteúdos estejam relacionados com seus temas de pesquisa, colaborando na preparação de materiais e em atividades didático-pedagógicas sob a supervisão do professor responsável pela disciplina.

6.7.4. Possibilidades de integralização de disciplinas fora da matriz curricular como eletivas

Dadas as interfaces que o Curso de Design guarda com diversas áreas do conhecimento, é desejável que o curso estimule seus alunos a cursarem componentes curriculares de caráter eletivo. Esses componentes são entendidos, aqui, como o



conjunto de disciplinas oferecidas pela totalidade dos cursos da Universidade Presbiteriana Mackenzie, não incluídas no currículo pleno do Curso de Design o que, assim sendo, confere-lhes o caráter de disciplinas extracurriculares.

O aluno interessado em cursar componentes curriculares eletivos deve atentar para as exigências de pré-requisito e compatibilidade de horário ao solicitar sua matrícula. É importante salientar que os componentes curriculares eletivos cursados terão suas cargas horárias computadas para efeito de integralização curricular do Curso de Design como atividade complementar, não substituindo nenhum componente curricular ou atividade obrigatória ou optativa. As componentes curriculares eletivas cursados pelo aluno deverão ser grafados diretamente em seu histórico escolar, não sendo conferido diploma relativo a eles. Suas cargas horárias deverão ser utilizadas para fins de pontuação nas atividades culturais, de acordo com tabela e regulamentos específicos. Tais componentes podem ser frequentados livremente na quantidade desejada pelo Aluno, mesmo que a soma ultrapasse as 180 horas mínimas obrigatórias de atividades complementares, previstas para este Curso.

É também importante ressaltar que o componente curricular eletivo não se confunde com o componente curricular optativo, sendo este disponível para que o aluno escolha a partir de uma lista, porém sendo obrigatório que o faça no número definido neste PPC. Já o mesmo não acontece com os componentes curriculares eletivos, que podem ou não ser cursados e que, importante notar, se localizam fora da matriz curricular do Curso. Para o cômputo das atividades complementares, das quais os componentes eletivos fazem parte, são admitidos vários tipos de atividade de natureza cultural inclusive (mas não apenas) as componentes curriculares eletivos.

6.8. Políticas institucionais de apoio discente

A UPM, em cumprimento à sua visão, missão e valores institucionais, preocupa-se com o pleno desenvolvimento de seus alunos. Neste sentido, prioriza uma formação integral e considera o aluno em seus aspectos físicos, psicológicos, cognitivos, socioculturais e espirituais. Esta preocupação se traduz na criação de setores específicos de atendimentos e de programas especiais de apoio aos discentes. Um desses setores está vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, chamada Coordenadoria de Desenvolvimento Acadêmico e sendo responsável pela orientação e acompanhamento das atividades acadêmicas dos estudantes na Instituição.



Essa Coordenadoria atua no incentivo e divulgação de eventos acadêmicos, tais como congressos, encontros, seminários, oficinas, produção científica e tecnológica; estimula o intercâmbio acadêmico nacional e internacional e acompanha as políticas de Monitoria nas Unidades Acadêmicas, Estágios, Trabalho de Conclusão de Curso - TCC e Atividades Complementares.

É importante destacar que para a UPM trata-se de premissa básica, fundamentada nos valores e princípios institucionais, que qualquer pessoa, independente de suas condições físicas, psíquicas, cognitivas ou socioculturais, tenha acesso igualitário aos serviços prestados pela Instituição.

Neste sentido, por exemplo, mesmo antes da promulgação do Estatuto da Pessoa com Deficiência em 2015 (Lei n. 13.146/2015 – Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência), a Universidade sempre teve a preocupação de oferecer condições de acesso e permanência aos alunos nos distintos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Assim, considera-se que o Estatuto da Pessoa com Deficiência trouxe um avanço social que envolve uma mudança de paradigma às pessoas com deficiência. Na prática, independente da Lei, a UPM já praticava estas ações, pois a instituição compreende que a inclusão escolar não trata apenas da acessibilidade física da pessoa com deficiência, mas um conjunto de ações operacionais, logísticas e pedagógicas, desde o ingresso até a conclusão do curso pelo aluno. Desta maneira, os programas já implementados buscam orientar, executar e acompanhar ações que avancem na desconstrução das barreiras físicas e atitudinais envolvidas na atenção direcionada à pessoa com deficiência.

Especificamente no que se refere à acessibilidade os campi da UPM são adequados continuamente para melhorar os espaços físicos, promovendo o deslocamento da pessoa com deficiência com autonomia e segurança.

Privilegiando a viabilização de acesso à informação, os cursos nas modalidades presencial e à distância possuem tradução em libras e dispositivo de assistência auditiva para os alunos com deficiências sensoriais.

A instituição conta ainda com um avançado centro tecnológico que possibilita atender toda a comunidade acadêmica com acesso wi-fi; help desk; plataforma moodle; e-mail institucional e sistema de acompanhamento de notas e controle de frequência.



As políticas de apoio aos estudantes também estão alicerçadas na implementação e acompanhamento de programas de atenção e orientação aos discentes. Tais programas contam com os diferentes departamentos institucionais para seu funcionamento.

Em relação ao Curso de Design, especificamente por meio das Coordenações de Projeto (1 a 7) mantém-se diálogo com os alunos dos semestres específicos. Tal ação está a cargo dos professores em regime de trabalho PPI ou PPP que, além de serem responsáveis pela organização e atualização dos planos de ensino, são o elo de conexão entre a coordenação geral do curso e os problemas do dia a dia das turmas. Acredita-se que esse canal aberto de diálogo é fundamental para a observação das possíveis lacunas que normalmente ocorrem em toda organização e em todo trabalho coletivo, e a busca por soluções.

O Curso de Design estabelece que a tutoria é a função exercida pelos professores que orientam o TCC e que coordenam o Estágio Supervisionado, as Atividades Complementares e as Atividades Integradoras.

6.8.1. Apoio ao Aluno ingressante

Atividades de recepção, acolhimento e acompanhamento dos estudantes que ingressam na universidade com o objetivo de orientar e facilitar a transição dos alunos da educação básica para o ensino superior. Também possui a responsabilidade de oferecer cursos de nivelamento de conteúdos para o desenvolvimento de competências e habilidades discentes, possibilitando contato com novas técnicas de estudos visando o bom desempenho acadêmico. Além do apoio ao aluno, este programa é composto de parcerias com outros setores institucionais para capacitações e inovações didático-pedagógicas direcionadas aos docentes da UPM.

6.8.2. Acessibilidade ao discente com necessidades de atendimento diferenciado

Acompanhamento, orientação e atendimento às demandas de discentes: a) com deficiência, ou seja, que apresentam impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial; b) com mobilidade reduzida; c) com transtorno do espectro autista; d) com transtorno específico de aprendizagem; e) com transtorno da atenção e hiperatividade (TDAH); e) com alta habilidade/superdotação e; g) com outros problemas psicopedagógicos e pessoais. O foco das ações visa à remoção das barreiras



físicas, pedagógicas, nas comunicações e informações, nos ambientes, instalações, equipamentos e materiais didáticos e a efetiva acessibilidade acadêmica dos discentes.

6.8.3. Capacitação docente

Apoio às Unidades Acadêmicas, em parceria com a Coordenação de Desenvolvimento Pedagógico (CDP), para a realização de ações e inovações pedagógicas com vistas a oferecer capacitação/formação docente para o atendimento aos alunos que apresentem dificuldades nos processos de aprendizagem.

As ações didático-pedagógicas direcionadas aos professores incluem minicursos, palestras, oficinas e/ou grupos de discussões para o manejo adequado de questões pedagógicas com vistas a suprir as necessidades educacionais especiais provenientes do cotidiano da sala de aula.

Neste Programa, a capacitação e formação continuada dos docentes está focada nas necessidades dos alunos indicados no item anterior.

6.8.4. Apoio psicossocial

Programa de apoio e acompanhamento aos alunos que apresentem transtornos mentais (transtornos do humor; transtornos alimentares; transtornos de conduta, transtornos de ansiedade, transtornos psicóticos, dentre outros).

Tais ações contarão o apoio e atendimento do núcleo de acessibilidade da UPM, o PROATO – Programa de Atendimento e Orientação ao Discente, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, que tem como objetivo o fortalecimento de uma cultura de acolhimento e orientação e de atendimento especial às necessidades e demandas discente.

6.9. Política de egresso

A Comissão Própria de Avaliação (CPA), atendendo à legislação vigente, por meio de instrumento adequado, colhe informações junto aos egressos, buscando estabelecer seu grau de empregabilidade no mercado de trabalho e satisfação com o curso frequentado. Com essas informações é redigido um relatório que fica à disposição da comunidade acadêmica.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Instituto Presbiteriano Mackenzie instituíram o programa “Para Sempre Mackenzista”, para acompanhamento dos



egressos, destinado a oferecer ao ex-aluno oportunidades de educação continuada nos cursos e programas de extensão e de pós-graduação (atualização, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado) e, ainda, oferecer informação sobre oportunidades profissionais para a inserção no mercado de trabalho. O programa também colhe informações sobre a vida profissional desse ex-aluno, para verificar a parcela de contribuição relevante que o Mackenzie desempenhou neste processo.

O Programa também tem por objetivo realizar ações de captação de recursos junto aos antigos alunos, que serão destinados ao “Fundo de Bolsistas” para auxiliar na formação de inúmeros adolescentes e jovens que de outra forma não teriam oportunidade de ingressar no Ensino Superior, e também numa eventual revitalização do Centro Histórico Mackenzie. O programa é composto, ainda, por um pacote de benefícios para os antigos alunos, tais como:

- acesso às bibliotecas central e setoriais para empréstimo de livros
- descontos em livrarias conveniadas com a UPM e na Livraria do Mackenzie
- recebimento do periódico Maria Antônia e da Revista do Mackenzie
- parcerias com fornecedores do Mackenzie para uso de benefícios como: participação em exposições, jogos, eventos culturais, etc

No Curso de Design, a relação com seus egressos se dá mediante a oferta de cursos de pós-graduação lato sensu (especializações), configurando a tão necessária formação continuada, e pela divulgação e incentivo à participação em atividades acadêmicas (congressos, seminários, workshops, exposições etc). Ocorre também através da participação pontual em atividades programadas no interior das componentes curriculares (palestras e apresentação de trabalhos e de experiências profissionais relevantes) e, ainda, na sua participação nas bancas de TCC para apresentação e explanação de sua experiência profissional, numa contribuição com a formação das novas gerações.

6.10. Políticas de ética em pesquisa

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Presbiteriana Mackenzie, são colegiados interdisciplinares, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos sujeitos de pesquisa (humanos e animais) em sua integridade e dignidade, e contribuir com o desenvolvimento da



pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP tem a função de divulgar, no âmbito da Instituição, normas relativas à ética em pesquisa envolvendo seres humanos e os procedimentos do Comitê; receber dos sujeitos da pesquisa ou de qualquer outra parte denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam contribuir para a alteração do curso normal do estudo empreendido; requerer instauração de sindicância à Reitoria em caso de denúncias éticas nas pesquisas; analisar e emitir pareceres sobre o aspecto ético em pesquisas realizadas com seres humanos. Devem ser submetidos ao CEP:

- projetos que, em sua metodologia, se utilizem de possíveis técnicas invasivas ao ser humano
- projetos de pesquisa desenvolvidos paralelamente (não curriculares) às atividades docentes e discentes
- projetos que exijam número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) solicitado por agências de fomento ou publicações científicas

No âmbito estrito do Curso de Design constitui-se um Comitê de Ética em Projeto, orientado pelas normativas do CNPq, CAPES e FAPESP, pelas diretrizes da Universidade e guiado pelas normas éticas das associações profissionais em design: Associação dos Designers de Produto e Associação dos Designers Gráficos. Cada associação possui seu código de ética que dá suporte à prática profissional do designer. Considera-se que, numa sociedade em constante movimento consumista, o designer tem o dever de esclarecer e contribuir para o encontro de uma vida sustentável, uma condução moral que deve ser sempre direcionada a atender as necessidades reais dos indivíduos.

6.11. Políticas institucionais de apoio docente

O cuidado com a seleção, apoio, reconhecimento e formação continuada dos docentes da UPM é uma das grandes políticas para que se efetive e cumpra a Visão e Missão da Instituição, garantindo, dessa maneira, a excelência almejada, por meio da adoção de algumas práticas tanto institucionais como no âmbito dos cursos.

A Universidade conta com a Coordenadoria de Apoio Docente, da Pró-Reitoria de Graduação. Esta Coordenadoria coloca em ação as estratégias da Reitoria no que se refere à formação continuada dos docentes da UPM. As ações englobam desde a Fórum



de Aprendizagem Transformadora, que ocorre todo início de semestre, em parceria com as Unidades Acadêmicas, promoção e apoio a eventos e congressos que tratam de questões relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem, até programas de formação em forma de Encontros de Reflexão Pedagógica e de cursos de Didática do Ensino Superior, este mantido pelo Curso de Pedagogia. As Unidades Acadêmicas podem contar, também, com a Coordenadoria para apoio no processo de planejamento de ensino e avaliação.

Além dos programas de formação continuada, a Universidade oferece apoio aos docentes que irão estudar fora da Universidade ou docentes visitantes a outras instituições, e para o desenvolvimento de pesquisas.

Com relação à formação docente para o uso de tecnologias e linguagens digitais, a UPM conta com um programa específico, a saber: Programa Permanente de Formação em EaD, no qual todos os professores que iniciam suas atividades em atividades que envolvam modelos de Educação a Distância devem participar do programa que ocorre em dois ciclos, o inicial – com alguns cursos obrigatórios de aproximação e apropriação de linguagens digitais para performance e produção de material didático – e ciclo permanente – que oferece uma gama de cursos que podem ser escolhidos pelo professor a partir de suas necessidades e preferências para o desenvolvimento ou potencialização de suas habilidades em ação docente.

A proposta de trabalho se dá a partir do LabEaD, esse entendido com um laboratório experimental que visa valorizar a experiência de formação docente com o objetivo de fomentar a apropriação pedagógica de linguagens e ferramentas digitais, a partir da vivência do professor em tais ambientes. O LabEaD oferece cursos com atividades presenciais e a distância, abrigados por um Ambiente Virtual de Aprendizagem, que permite ao docente realizar experiências com o uso de recursos tecnológicos, pedagógicos e audiovisuais, aplicados à sua prática na EaD e na elaboração do material didático.

Dessa forma, o Programa vai além do ensino para o uso instrumental das ferramentas e tecnologias, visando a real compreensão do potencial transformador delas no processo de inclusão social do aluno, no preparo para uma atuação competente na sociedade da informação e a reflexão sobre a docência nessa modalidade de ensino (VIEIRA; LOPES & BERLEZZI, 2015, p. 18688).



Nesse sentido, a proposta da Universidade Presbiteriana Mackenzie tem o cuidado de tratar e incentivar o uso de linguagens tecnológicas para uma forma de apropriação que posiciona o uso da tecnologia na educação ao longo do tempo, mostrando seu desenvolvimento de acordo com o momento histórico e as necessidades sociais nele inseridas, assim como a relevância da escolha da utilização de alguns recursos em relação a outros. Desta forma pretende-se uma desmistificação do uso da tecnologia na aprendizagem, e fomentar uma maior compreensão de que a tecnologia e o conhecimento acadêmico caminham lado a lado.

O apoio a formação docente e o incentivo ao desenvolvimento de novas práticas pedagógicas são incentivados e compartilhados nos momentos de formação propostos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie semestralmente.

6.12. Políticas de comunicação institucional

A Visão e Missão regem o espírito que permeia as práticas de comunicação interna e externa na UPM. Nesse sentido, a comunicação deve apresentar um fluxo claro e ágil, tanto com os órgãos internos quanto externos. Para tanto, há órgãos e setores exclusivos, tais como a ouvidoria e as secretarias de curso. Além disso, a UPM preza pelo diálogo nas várias esferas de atuação.

Na UPM, priorizando uma comunicação direta com a comunidade acadêmica e a comunidade externa, implantou-se em agosto de 2000 a Ouvidoria. Este setor é órgão de assessoria da Reitoria e busca facilitar e agilizar os processos de comunicação na Universidade. Além de disso a Ouvidoria assume uma ação mais ampla, diagnosticando problemas e percebendo aspectos positivos em um contexto de supervisão mais abrangente. Esta atuação é desenvolvida com o objetivo de levar a Instituição a:

- identificar aspectos dos serviços que os alunos valorizam mais
- identificar possíveis problemas de várias áreas
- identificar ansiedades mais frequentes dos alunos iniciantes
- ajudar na identificação do perfil dos alunos
- receber todo tipo de manifestação
- prestar informação à comunidade externa e interna
- agilizar processos



- buscar soluções para as manifestações dos alunos

Para a atuação eficiente da Ouvidoria, o Ouvidor exerce suas funções com independência e autonomia, devendo ter também livre acesso a todos os setores acadêmicos e:

- representar a comunidade interna e externa junto à IES
- encaminhar manifestações apresentadas aos setores competentes
- acompanhar o andamento dos processos e seus prazos, até a solução
- atuar na prevenção e solução de conflitos
- identificar e sugerir correções de erros e soluções de problemas, ao responsável do órgão em que ocorre

O site da UPM e o material de comunicação dentro do campus desempenham papel relevante na conservação de um espírito de identidade no seio da comunidade acadêmica, além de servirem às tarefas de comunicação e às providências práticas essenciais no dia a dia.

A Coordenação do Curso mantém um plantão de atendimento aos alunos mediante prévio agendamento na secretaria do Curso. Os professores membros do Colegiado do Curso, sendo coordenadores de suas respectivas áreas, mantêm plantão de atendimento semanal voltado especificamente ao aconselhamento, orientação e solução de problemas afeitos à área.

6.13. Políticas em EAD no ensino presencial

A UPM conta com Centro de Educação a Distância, uma unidade acadêmico-administrativa de natureza consultiva, deliberativa e executiva, para o desenvolvimento e gestão do Programa Institucional de Ensino a Distância (EaD) com vistas ao atendimento das metas institucionais relacionadas no Planejamento Estratégico da UPM e do Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM). Suas principais metas são:

- incentivar a utilização de tecnologias nas diversas situações de ensino e aprendizagem de forma transformadora e inovadora
- coordenar e dar suporte às ações e experiências em EaD, no âmbito do ensino presencial da UPM



– implantar, organizar e acompanhar os Cursos de Graduação e Pós Graduação (Lato Sensu) a distância que são ofertados pela UPM

Essa coordenadoria monitora o desempenho da infraestrutura e dos meios tecnológicos disponíveis na IES, bem como planeja e executa um plano de ação em EAD de abrangência multicampi. Entre suas principais atribuições estão a capacitação dos profissionais ligados ao ensino e que utilizam os recursos tecnológicos a distância em sua prática pedagógica.

Para isso, cria e mantém um núcleo de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão na área de EaD, sugerindo políticas tecnológicas institucionais para o bom desempenho da Educação a Distância na IES, articulando esforços com o Coordenadoria de Governança Universitária e Desempenho Institucional para encontrar mecanismos adequados de avaliação do ensino a distância na IES. Os alunos e professores são estimulados a utilizarem ao máximo os recursos tecnológicos oferecidos pela Universidade.

O projeto da Universidade é continuar expandindo sua atuação em EaD, tanto no uso de tecnologias para o ensino presencial, híbrido e para o uso da sala de aula invertida, bem como expandindo a oferta de cursos de Graduação e Pós-Graduação a Distância e para isso tem investido em recursos tecnológico, e na intensificação do incentivo e formação do professor para uso desses recursos.

6.14. Políticas institucionais de educação ambiental, socioeducacional e de respeito à diversidade no contexto do ensino, da pesquisa e da extensão

Em cumprimento à lei nº 9795, de 27 de abril de 1999, ao decreto presidencial nº 4.281, de 25 de junho de 2002 e à resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação, oferecemos, com enfoque transdisciplinar, uma série de eventos voltados à educação ambiental, preocupação primordial da Universidade. Por esse motivo trabalhamos essa temática nos próprios conteúdos de componentes como ‘Fundamentos Sociais e Políticos do Design’ e Histórias e Teorias do Design’, além do componentes de Projeto 4, cujo tema da etapa é O Homem e o Ambiente. Nos componentes ‘Fundamentos Sociais e Políticos do Design’ e Histórias e Teorias do Design’, ambos oferecidos ao longo dos 4 semestres iniciais do Curso, tratam também de temas relativos aos direitos humanos e dos temas relativos à cultura afro-brasileira,



de acordo com as resoluções 1 de junho de 2004 e 1 de 30 de maio de 2012, respectivamente, do Conselho Nacional de Educação.

Em paralelo, os programas dos estúdios de projeto, que varrem o curso do primeiro ao sexto semestre, contêm tópicos sobre eficiência energética, uso sustentável de recursos esgotáveis, ciclos de uso, reúso e disposição de materiais, procedimentos de reciclagem, entre outros pertinentes ao tema. Como exemplo temos a atuação da organização não governamental (ONG) Design Possível, atualmente Associação Rede Design Possível, que no ano de 2004 surgiu como projeto de extensão do então curso de Desenho Industrial (na época ainda na Faculdade de Comunicação e Artes) da Universidade Presbiteriana Mackenzie: o objetivo foi desfrutar de experimentação e aplicação de conceitos e pesquisas acadêmicas junto ao terceiro setor, com a proposta inicial de desenvolvimento colaborativo online de produtos, buscando sempre produtos que reutilizassem resíduos.

Há treze anos o Design Possível vem trabalhando com designers e com educadores sociais que estimulam o empreendedorismo social promovendo a formação de pessoas e articulando o desenvolvimento de produtos bem aceitos pelo mercado. Em parceria com outras ONGs, empresas e clientes, atende grupos de artesãos aplicando a formação 'Possíveis Empreendedores', que visa promover o desenvolvimento do grupo, visando a geração de renda e a sustentabilidade. Também promove palestras e cursos dentro da Universidade Presbiteriana Mackenzie, desenvolve serviços voltados à responsabilidade social nos quais o design é sempre utilizado como ferramenta de transformação social, tanto para a geração de renda para comunidades carentes, quanto para a conscientização e reflexão dos estudantes para com as questões sociais.

7. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

7.1. Estrutura curricular

7.1.1. Descrição geral da organização curricular

As componentes curriculares com respectivas ementas, cargas horárias, bibliografia básica e complementar estão presentes nos APÊNDICES do PPC. Segue abaixo a discriminação dos componentes nos APÊNDICES:

- **APÊNDICE A** (componentes exclusivos do curso);



- **APÊNDICE B** (componentes universais);

- **APÊNDICE C** (o aluno pode fazer a disciplina de Libras como optativa de livre escolha).

No **QUADRO 4** que se segue são apresentados com suas cargas em créditos semanais, em horas-aula semestrais e em horas-relógio semestrais:

MATRIZ CURSO DESIGN



Matriz Curso Presencial				DESIGN																				
DCN - CH mínima		2400,00		Total CH Matriz do curso		2409,67		0,40%		Semanas no semestre						19								
Cred. da Extensão		240,00		Cred. da Extensão (Total CH Matriz)		253,33		10,51%		Duração das aulas						50 minutos								
Núcleo Temático	Eixo	Etapa	Pré-requisito	Componente Curricular	CC PROJETUAL	TEORICA	PRÁTICA	ATELIE	EAD	TOTAL	Carga Horária (Semestral)										Creditação Extensão			
											Hora - Aula					Hora - Relógio					TOTAL	CC para Cred. da Extensão	%	CARGA HORÁRIA
											TEORIA	PRÁTICA	ATELIE	EAD	TOTAL	TEORIA	PRÁTICA	ATELIE	EAD	ORIENTAÇÃO/SUPERVISÃO				
O Homem e a Contemporaneidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	1	Não Há	Projeto I	SIM		8			8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00		126,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	1	Não Há	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design I	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	1	Não Há	Ferramentas, Materiais e Processos do Design I	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	1	Não Há	Fundamentos Sociais e Políticos do Design I	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	1	Não Há	Histórias e Teorias do Design I	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	UNIVERSAL	1	Não Há	Ética e Cidadania	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Contemporaneidade	COMUM	1	Não Há	Ciência, Tecnologia e Sociedade na Arquitetura e Design	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
TOTAL DA ETAPA 1						8	12	0	0	20	152	228	0	0	380	126,67	190,00	0,00	0,00		316,67			
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Projeto I	Projeto II	SIM		8			8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00		126,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design I	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design II	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Ferramentas, Materiais e Processos do Design I	Ferramentas, Materiais e Processos do Design II	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Fundamentos Sociais e Políticos do Design I	Fundamentos Sociais e Políticos do Design II	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Histórias e Teorias do Design I	Histórias e Teorias do Design II	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	UNIVERSAL	2	Ética e Cidadania	Introdução à Cosmologia Reformada	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
Homem , a Casa e o Espaço de Trabalho	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	2	Não Há	Metodologia Científica	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
TOTAL DA ETAPA 2						8	12	0	0	20	152	228	0	0	380	126,67	190,00	0,00	0,00		316,67			
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Projeto II	Projeto III	SIM		8			8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00		126,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design I	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design III	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Ferramentas, Materiais e Processos do Design I	Ferramentas, Materiais e Processos do Design III	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Fundamentos Sociais e Políticos do Design I	Fundamentos Sociais e Políticos do Design III	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Histórias e Teorias do Design II	Histórias e Teorias do Design III	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	3	Não Há	Prática de Programação I	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e a Cidade	OPTATIVO	3	Não Há	Oficina Optativa I	SIM		3			3	0	57	0	0	57	0,00	47,50	0,00	0,00		47,50	NÃO		
TOTAL DA ETAPA 3						4	17	0	0	21	76	323	0	0	399	63,33	269,17	0,00	0,00		332,50			
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Projeto III	Projeto IV	SIM		8			8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00		126,67	SIM	100,00%	126,67
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design I	Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design IV	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Ferramentas, Materiais e Processos do Design I	Ferramentas, Materiais e Processos do Design IV	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Fundamentos Sociais e Políticos do Design I	Fundamentos Sociais e Políticos do Design IV	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Histórias e Teorias do Design III	Histórias e Teorias do Design IV	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e o Ambiente	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	4	Prática de Programação I	Prática de Programação II	SIM		2			2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem e o Ambiente	OPTATIVO	4	Não Há	Oficina Optativa II	SIM		3			3	0	57	0	0	57	0,00	47,50	0,00	0,00		47,50	NÃO		
TOTAL DA ETAPA 4						4	17	0	0	21	76	323	0	0	399	63,33	269,17	0,00	0,00		332,50			
O Homem, os Bens e os Serviços	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	5	Projeto IV	Projeto V	SIM		8			8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00		126,67	NÃO		
O Homem, os Bens e os Serviços	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	5	Não Há	Oficina Optativa III	SIM		3			3	0	57	0	0	57	0,00	47,50	0,00	0,00		47,50	NÃO		
O Homem, os Bens e os Serviços	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	5	Não Há	Princípios de Empreendedorismo	NÃO	2				2	38	0	0	0	38	31,67	0,00	0,00	0,00		31,67	NÃO		
O Homem, os Bens e os Serviços	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	5	Não Há	Projeto Profissionalizante I	SIM		4			4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00		63,33	NÃO		
O Homem, os Bens e os Serviços	OPTATIVO	5	Não Há	Projeto Profissionalizante II	SIM		4			4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00		63,33	NÃO		
TOTAL DA ETAPA 5						2	19	0	0	21	38	361	0	0	399	31,67	300,83	0,00	0,00		332,50			



Núcleo Temático	Eixo	Etapa	Pré-requisito	Componente Curricular	CC PROJETUAL	TEÓRICA	PRÁTICA	ATELIE	EaD	TOTAL	Carga Horária (Semestral)					Creditação Extensão								
											Hora - Aula					Hora - Relógio					CC para Cred. da Extensão	%	CARGA HORÁRIA	
											TEORIA	PRÁTICA	ATELIE	EaD	TOTAL	TEORIA	PRÁTICA	ATELIE	EaD	Orientações/ Supervisão				TOTAL
O Homem e a Sociedade	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	6	Projeto VI	Projeto VI	SIM	8				8	0	152	0	0	152	0,00	126,67	0,00	0,00	126,67	SIM	100,00%	126,67	
O Homem e a Sociedade	UNIVERSAL	6	Princípios de Empreendedorismo	Projetos Empreendedores	SIM	2				2	0	38	0	0	38	0,00	31,67	0,00	0,00	31,67	NÃO			
O Homem e a Sociedade	OPTATIVO	6	Não Há	Projeto Profissionalizante III	SIM	4				4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00	63,33	NÃO			
O Homem e a Sociedade	OPTATIVO	6	Não Há	Projeto Profissionalizante IV	SIM	4				4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00	63,33	NÃO			
TOTAL DA ETAPA 6						0	18	0	0	18	0	342	0	0	342	0,00	285,00	0,00	0,00	285,00				
	EXCLUSIVA/ESPECÍFICA	7	Projeto VI	Projeto VII	SIM	4				4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00	63,33	NÃO			
	ORIENT. TCC	7		Orientação de TCC1	NÃO					0	0	0	0	0	0	0,00	0,00	0,00	0,00	10,00				
TOTAL DA ETAPA 7						0	4	0	0	4	0	76	0	0	76	0,00	63,33	0,00	0,00	73,33				
	OPTATIVO	8	Não Há	Oficina Optativa IV	SIM	3				3	0	57	0	0	57	0,00	47,50	0,00	0,00	47,50	NÃO			
	ORIENT. TCC	8	Orientação TCC1	Orientação de TCC2	NÃO					0	0	0	0	0	0	0,00	0,00	0,00	0,00	10,00				
TOTAL DA ETAPA 8						0	3	0	0	3	0	57	0	0	57	0,00	47,50	0,00	0,00	57,50				
TOTAL GERAL							26	102	0	0	128	494	1938	0	0	2432	411,67	1615,00	0	0	2046,67			

Resumo - Creditação da Extensão	Carga horária em horas	% na CH total da Matriz
Componentes Curriculares	253,33	10,51%
Atividade Complementar vinculado a projeto de extensão	98,30	4,08%
Total	351,63	14,59%

CRÉDITOS	
1ª Etapa	20
2ª Etapa	20
3ª Etapa	21
4ª Etapa	21
5ª Etapa	21
6ª Etapa	18
7ª Etapa	4
8ª Etapa	3

Teoria + Laboratório + Ateliê	2026,67	
ORIENT. TCC	20,00	
ORIENT. ESTÁGIO / OUTRAS ORIENT. Orientação / Supervisão	0,00	
PRÁTICA COMO CC + ATIVIDADE	0,00	
Estágio	183,00	15%
Atividades complementares	180,00	
Carga horária mínima total	2409,67	



O tempo mínimo para o bacharelado em design, segundo Resolução CNE/CES nº 2, de 18/6/2007) é de 2400 horas, mas o Curso de Design da UPM possui 8 etapas com carga horária de 2409,67. Tal opção permite ao aluno, no tempo que julgamos ser de seu direito obter qualificação profissional sólida, respeitando suas necessidades com relação à integração do aprendizado em seu projeto de vida já que, conforme indicado em outras partes deste PPC, o aprendizado é contínuo estende-se necessariamente por muito tempo ao longo do percurso profissional, eventualmente todo ele, em sucessivos aperfeiçoamentos e flexibilizações.

Nesse sentido este curso propõe-se agir concentradamente na escala do projeto, tratar dos problemas do design de modo integrador e, por seu intermédio, tratar de determinados problemas da sociedade.

O Curso de Design organiza-se em oito etapas semestrais com a seguinte carga horária, com total de 2409,67:

- 2026,67 (aproximadamente) horas de atividades curriculares
- 20 horas de orientação de TCC (TCC1 e TCC2)
- 180 horas de atividades complementares (não curriculares)
- 183 horas de estágio supervisionado (não curriculares)

A organização curricular do Curso de Design é definida a partir dos núcleos de conhecimentos de fundamentação e de conhecimentos profissionais definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais que se dá por meio de uma estrutura organizacional matricial, com particular atenção às relações de afinidade e complementaridade existentes entre os seus conteúdos básicos, teórico-prático e específicos no âmbito de cada etapa na horizontalidade, de seu desenvolvimento seriado na verticalidade e de seu conjunto na transversalidade. Os componentes curriculares sequenciais são definidos por critérios de complementaridade seriada, que se responsabilizam pela abordagem de conteúdos programáticos estruturados e indispensáveis à formação do designer por conferirem um caráter diferenciador a esta formação, fazendo com que o Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie se distinga de seus concorrentes.

Nesse sentido, o Curso de Design fundamenta-se em componentes curriculares por etapa, por seqüências e por optativos organizados nos eixos temáticos.



Os eixos temáticos passam também a constituir critério de organização do Curso, pretende-se que cada eixo seja dinâmico, aberto a contribuições e visões de outras especialidades, e que tenha a função de aglutinar conhecimentos e propiciar ações no sentido da constante atualização das temáticas abordadas e nas ações diretamente ligadas às atividades de pesquisa, produção de conhecimento e é um direcionamento para o desenvolvimento de projetos.

Os componentes de cada eixo temático podem abrigar simultaneamente, na sua estrutura, componentes de diferentes áreas de técnicas, teoria, história e projeto.

São seis Eixos Temáticos, cada um correspondendo a uma das 6 etapas iniciais do Curso, que orientam o desenvolvimento da formação do aluno, permeando cada uma das instâncias, e seus conteúdos são definidos por meio de ementas próprias, apresentadas a seguir:

Eixo temático 1 / O Homem e a Contemporaneidade.

Caracterização do design hoje. Estudo do seu papel na passagem da indústria à pós-indústria. Reflexão sobre a possibilidade de desenhar o presente e o futuro através do projeto, levando em consideração o papel das redes (sociais, produtivas, de comércio, criativas), da técnica e das tecnologias. Reflexão sobre o papel da cultura material como suporte da transmissão de ideias e sobre os sistemas de comunicação como delineadores de significados e campos de interação. Demonstração da natureza multidimensional do design na atualidade e seus impactos na qualidade de vida dos indivíduos. Compreensão da permanência da História como elemento fundamental do projeto, que permite a discussão do consumismo e a compreensão de suas determinações. Reflexão sobre a relação entre humanismo e design e a possibilidade de um futuro humanista para o design.

Etapas 2 / O Homem, a Casa e o Espaço de Trabalho.

Reflexão sobre a casa como lugar de acolhimento do ser em suas dimensões objetivas e subjetivas (descanso do corpo e elaboração da mente), mas também como centro da dialética entre indivíduo, família e comunidade. Reflexão sobre o ambiente de moradia e o trabalho nas suas dimensões organizacionais, seus fluxos, no layout do



espaço considerado como lugar de produção, convívio e interação. Detalhamento das questões de projeto colocadas. Descrição dos equipamentos, utensílios e serviços envolvidos, considerados como sistemas de objetos. Reflexão acerca da cultura do design.

Etapa 3 / O Homem e a Cidade.

Problematização das estruturas urbanas relativamente ao ambiente natural que modificam. Reflexão sobre a complexidade dos diversos projetos políticos e sociais que permeiam a cidade. Definição de espaço e lugar. Estudo do poder local (gestão administrativa) e do poder do local (suas imanências). Reflexão sobre o projeto dos sistemas de informação e dos equipamentos urbanos. Consideração da escala do objeto. Estabelecimento de relações entre os elementos constitutivos da História coletiva: marcas e vestígios, permanência e fluidez, percepção e imaginação. Compreensão da interação entre designer e comunidade como método de investigação, comunicação com o usuário, e projeto. Reflexão sobre o direito à cidade.

Etapa 4 / O Homem e o Ambiente.

Caracterização dos ambientes: natural e artificial. Reflexão sobre a natureza como limite da economia. Reflexão sobre o Homem como extensão da natureza. Reflexão sobre o ambiente artificial como segunda natureza e sobre a manipulação da natureza para os interesses do capital. Reflexão e prática sobre o papel do designer no contexto social. Estudo dos riscos e prejuízos para a sociedade. Projeto e experimentação de sistemas flexíveis e adaptáveis. Compreensão crítica do uso, do consumo e do desperdício. Estudo do ciclo de vida dos bens produzidos. Estudo acerca da obsolescência programada e dos métodos da indústria. ESG e o Mercado de Carbono. Racismo Ambiental.

Etapa 5 / O Homem, os Bens e os Serviços.

Caracterização dos sistemas de objetos e serviços: físicos, virtuais e híbridos. Compreensão e emprego de metodologias de Design Thinking. Comparação entre os serviços tradicionais e os produtos-serviço. Compreensão da importância e do lugar ocupado pela miniaturização e a hiper-realidade. Introdução à cibernética. Investigação



sobre comunicação e fluxo de informação. Reflexão sobre a construção de identidades para consumo. Discussão acerca do status do objeto: entre o uso e a posse. Consideração do universo de serviços sociais: hospitalares, educacionais, culturais, administrativos e de lazer. Gestão do design.

Etapa 6 / O Homem e a Sociedade.

Estudo sobre a dimensão social embutida nos dispositivos, objetos e serviços. Reflexão sobre confronto e colaboração entre os atores sociais e os métodos do designer: agenciamento, projeto e programação. Participação em produções associativas locais e arranjos produtivos empresariais. Compreensão do design como agenciador de elementos técnicos, culturais, sociais e políticos para a forma dos objetos, dos ambientes e dos serviços. Reflexão sobre a cultura local, o Estado, a empresa e a ONG, na formação do programa político do design. Reflexão sobre o direito ao trabalho e ao bem-estar.

A matriz curricular do Curso de Design é organizada de forma a propiciar a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de conteúdos por meio de uma organização didático-pedagógica que privilegia o agrupamento de saberes por competências e habilidades que se estrutura por meio de componentes curriculares integrados, contrapondo-se à excessiva fragmentação e compartimentação dos conhecimentos.

Conforme já apontado em outras partes deste PPC, o Curso de Design pretende o desenvolvimento de uma experiência de ensino-aprendizagem ampla, mas, também, muito articulada e voltada aos objetivos do Curso com vistas à inovação, por meio do qual se estabeleçam bases sólidas para atuação e o enfrentamento desses desafios. O Curso abrange o desenvolvimento de projetos de comunicação (design gráfico e digital), produtos (físicos e imateriais), serviços e estratégicos envolvendo questões técnicas, tecnológicas, sociais, ambientais, econômicas e culturais, situando-se de modo transdisciplinar, dialogando e interagindo com outras áreas de atuação e do conhecimento, explorando múltiplas metodologias no desenvolvimento de pesquisas e projetos.

Sua organização conceitual pode se assemelhar ao desenho de uma espiral formada por sucessivas e cada vez mais complexas respostas projetuais, já que a



proposição, essa, é sempre complexa. Cada componente curricular do Curso tem assinalado seu nível de complexidade conforme solicitado pelas DCNs da área Design. Cada atividade. A organização curricular de conteúdos e atividades organizam-se nos três tipos de eixos interligados de formação: básico, teórico-prático e específico.

Além dos eixos de formação há o entrelaçamento dos seis eixos temáticos do Curso que organizam todos os componentes, mas principalmente os Projetos de 1 a 6. Estes são componentes curriculares obrigatórios projetuais, consideradas como a “espinha dorsal” do Curso, que se constituem por atividades teórico-práticas de síntese e de integração de saberes, com abordagem interdisciplinar, fator fundamental neste Curso. Assim, o Curso de Design organiza-se em torno de sete experiências teórico-práticas de projeto; os ateliês de projetos não se constituem apenas como um espaço de exercício projetual, mas se propõe a uma atividade de integração de competências, são espaços para o processo de ensino-aprendizagem a partir dos quais os alunos aprendem fazendo, praticando e desenvolvendo as atividades de projeto de Projeto da 1ª etapa a 7ª do Curso.

Outro elemento muito importante na organização do Curso é o elenco de oito componentes curriculares obrigatórios, denominados de Oficinas Optativas e Projetos Profissionalizantes, que são optativos. As turmas estão diretamente ligadas às turmas dos Projetos 5 e 6, portanto podem dividir-se em diferentes áreas do design. As Oficinas Optativas são oferecidas entre a 3ª e 8ª etapas e os Projetos Profissionalizantes nas 5ª e 6ª etapas. Para os dois tipos de componentes optativos os temas e objetos de projetos são propostos semestralmente baseados no panorama do design na atualidade.

A matriz curricular do Curso é organizada de forma a propiciar a interdisciplinaridade de conteúdos por meio de uma organização didático-pedagógica que privilegia o agrupamento de saberes por competências e habilidades e que se estrutura por meio de atividades, contrapondo-se à excessiva fragmentação e compartimentação dos conhecimentos, decorrentes do excessivo número de componentes curriculares na matriz curricular anterior.

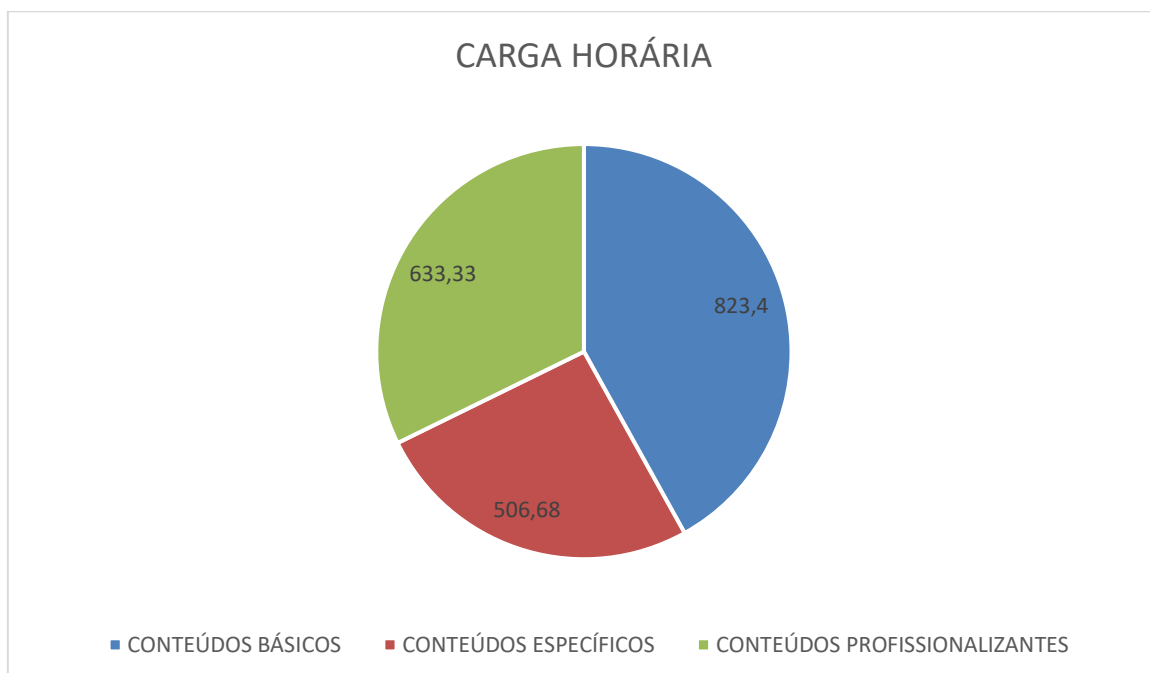


O Curso de Design pretende o desenvolvimento de uma experiência de ensino-aprendizagem bastante ampla e generalista mas, também, muito articulada e voltada a objetivos concretos.

Assim, o Curso organiza-se em torno de sete experiências prático-teóricas de projeto, que acontecem por meio dos estúdios de Projeto 1 a 7, distribuídos nas etapas 1 a 7 do Curso. Note-se que a complexidade com a qual o problema projetual é apresentado é completa, desde a etapa 1, pois é assim que se pretende não poupar o aluno das dificuldades efetivas. A diferença está na resposta que cada aluno, em nível diferente de ensino-aprendizado, poderá oferecer, estabelecendo-se, nessa dialógica, uma real oportunidade de aprendizado (e de ensino). Desse modo cada componente curricular dos quais o Curso é composto tem assinalado seu nível de complexidade de resposta, mas não de proposição. Tais níveis, conforme solicitado pelas DCNs da área Design, são 3: básico, específico e profissionalizante.

Os quadros a seguir indicam a distribuição das componentes curriculares do Curso ao longo desses níveis:

QUADRO 5: COMPONENTES BÁSICOS, ESPECÍFICOS E PROFISSIONALIZANTES



**QUADRO 6 – CONTEÚDO E ATIVIDADES CURRICULARES E OS RESPECTIVOS EIXOS DE CONTEÚDOS**

EIXO DE CONTEÚDOS BÁSICOS	
COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NA ARQUITETURA E NO DESIGN	31,67
ÉTICA E CIDADANIA	31,67
INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO REFORMADA	31,67
FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN 1 A 4	126,68
FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN 1 A 4	126,68
FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN 1 A 4	126,68
HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN 1 A 4	126,68
PROJETO 1 E 2	253,34
TOTAL	855,07
EIXO DE CONTEÚDOS ESPECÍFICOS	
COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PRÁTICA DE PROGRAMAÇÃO 1 E 2	63,34
OFICINA OPTATIVA 1 A 4	190
PROJETO 3 E 4	253,34
TOTAL	506,68
EIXO DE CONTEÚDOS PROFISSIONALIZANTES	
COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PROJETO 5 A 6	253,34
PROJETO 7	63,33
PROJETO PROFISSIONALIZANTE 1 A 4	253,32
PRINCÍPIOS DE EMPREENDEDORISMO	31,67
PROJETOS EMPREENDEDORES	31,67
TOTAL	633,33

A complexidade da resposta do aluno, esta sim, vai variar, num crescendo, na medida em que seu conhecimento e sua experiência de projeto aumentarem, o que é naturalmente fruto do desenvolvimento do próprio Curso.



São considerados os componentes curriculares do ciclo básico aqueles pertencentes a 1ª a 4ª etapas que integram-se aos componentes de Projeto 1 a 4, aos quais são paralelos e acompanhados dos componentes práticos, Fundamentos Matemáticos do Design e Ferramentas, Materiais e Processos do Design e dos teóricos, Fundamentos Sociais e Políticos do Design e História e Teorias do Design, todos estão relacionados e são aplicados nos componentes principais, os Projetos.

São componentes curriculares sequenciais, ‘Fundamentos Matemáticos e Físicos do Design’ e ‘Ferramentas, Materiais e Processos do Design’, com estrutura teórico-prática específica, conta com duas aulas semanais e uma relação professor/aluno na proporção de 1/20 (considerando-se uma variação de 10% para mais ou para menos) porque muitas de suas atividades e experimentações são realizadas nos laboratórios. Estes são devidamente equipados com computadores e data show, além de equipamentos e materiais específicos para a realização de experimentos, desenhos, pesquisas e projetos. Os técnicos sempre acompanham o aluno no desenvolvimento de suas tarefas. Os laboratórios mais utilizados são os de Computação Gráfica; de Impressão para o desenvolvimento de soluções inovadoras e projetos de design gráfico; de Vidro e Metal; de Cerâmica equipado para dar suporte ao processo de modelagem em argila e cerâmica.

As sequências de ‘Fundamentos Sociais e Políticos do Design’ e de ‘Histórias e Teorias do Design’ são componentes teóricos com duas aulas semanais e uma relação professor/aluno na proporção de 1/50 (considerando-se uma variação de 10% para mais ou para menos).

Os Projetos 5 e 6, nas quinta e sexta etapas, por sua vez, não são mais acompanhados de disciplinas do ciclo básico, pois este findou na etapa 4, mas sim, por quatro componentes optativos, os Projetos Profissionalizantes. O aluno frequenta, em cada um desses duas etapas, dois ateliês de Projetos Profissionalizantes, desenvolve por meio de atividades dirigidas em diferentes áreas profissionais do design (design gráfico e digital, narrativas visuais, design estratégico, produto, serviço, moda e acessórios entre outras). O conteúdo dos Projetos Profissionalizantes 1 a 4 consiste no aprofundamento metodológico e na ampliação do repertório projetual ligado às necessidades de mercado. Isso permitiu grande flexibilidade na abordagem de assuntos contemporâneos e a prospecção contínua do mercado de trabalho. A sequência de Projetos



Profissionalizantes diferencia-se por ser independente, é um componente optativo que permite ao aluno conduzir o seu próprio encadeamento. Conta com 4 aulas semanais e uma relação professor/aluno na proporção de 1/15 (considerando-se uma variação de 10% para mais ou para menos) porque são desenvolvidos nos laboratórios vinculados ao Curso. E por serem turmas práticas estão relacionadas as turmas de projetos, assim cada Projeto Profissionalizante (1, 2, 3 e 4) pode dividir-se em diferentes temas próprios do mercado de trabalho.

Os projetos profissionalizantes, em número de quatro, abordarão sucessivamente uma diversidade de campos profissionais, conforme explicado acima: Audiovisual, Branding, Brinquedo, Editorial, Eletroeletrônicos, Embalagem, Equipamentos e componentes da construção, Identidade de marca e sinalização, Sistema de Comunicação Visual, Joia e acessórios, Mobiliário, Mobilidade, Moda, têxteis e vestuário, Visual Merchadising e Imapct Social Design.

As Oficinas são componentes, também, optativos em número de quatro, que devem oferecer suporte técnico e instrumental aos Projetos obrigatórios (3 a 7) e aos Profissionalizantes (1 a 4). As Oficinas caracterizam-se por permitir ao aluno a escolha livremente de ferramentas dentre as oferecidas no Curso de Design com as quais quer ver seu projeto desenvolvido. Elas, portanto, não oferecem um programa de trabalho projetual, mas sim um programa de instrumentalização técnica. As Oficinas devem ser cursadas da terceira a oitava etapas devendo o aluno escolher. Conta com 3 aulas semanais e uma relação professor/aluno na proporção de 1/15 (considerando-se uma variação de 10% para mais ou para menos) porque são desenvolvidos nos laboratórios vinculados ao Curso. A indicação das Oficinas a cada semestre é uma tarefa dos professores do NDE do Curso que abordarão sucessivamente uma diversidade de técnicas e ferramentas, conforme explicado acima, entre as sugeridas estão: Animação 2D; Cerâmica e Modelagem; Design Thinking; Desenho de marca; Embalagem e cartonagem; Fablab design; Fotografia; Gravura; Ilustração; Madeira; Produção e pós-produção em vídeo; Produção de Portifólio; Prototipagem rápida; Sketch; Tableware; Tipografia e Vidro.

O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é uma atividade anual, desenvolvida nos dois últimos semestres (7^a e 8^a etapas) letivos do Curso Design.

Na etapa 7 o aluno começa a realizar seu TCC, o qual é caracterizado por trabalho individual de forma completamente autônoma sob orientação de um professor



em regime PPI ou PPP. O formato do trabalho acadêmico do TCC adotado no Curso é o Relatório de Projeto TCC Design que sintetiza a pesquisa e as etapas de planejamento e desenvolvimento do projeto em design, passando pelas fases de fundamentação crítica, a definição da metodologia de projeto em design, a concepção e desenvolvimento do projeto, esta divide-se em várias outras etapas desde a conceituação, a eleição das condicionantes do projeto e até a prototipação do resultado. Na 7ª etapa é no componente curricular, Projeto 7, que o aluno inicia o desenvolvimento de seu último projeto acompanhado da atividade de orientação do TCC1 para o início da construção do Relatório de Projeto TCC Design. É no Projeto7 que o aluno faz a depuração do problema de projeto, a definição da metodologia de projeto conforme a área escolhida do design (design de produto, gráfico e digital, de moda, de gestão e serviços, de espaço e design transversal). Todas estas informações estão disponíveis no edital do Trabalho Conclusão de Curso – TCC do Curso de Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o qual é expedido a cada semestre. Nessa etapa o aluno deve frequentar Projeto 7 e os 19 encontros semestrais com seu orientador.

Na 8ª etapa o aluno finalizará o Relatório de Projeto TCC Design com o apoio da atividade de orientação de TCC2. Nesta última etapa há também o componente ‘Oficina IV’, para proporcionar ao aluno a experimentação de técnicas e o manejo de instrumental adequado para a realização da melhor proposta projetual de seu TCC. Nesta etapa o graduando realizará atividades nos laboratórios para atingir o nível de prototipação de acordo com as atribuições profissionais do designer em seu último projeto no TCC. O aluno também tem mais 10 horas de orientação, ou seja, mais 19 encontros semestrais para desenvolver o Relatório de Projeto TCC Design. O aluno apresenta seu TCC a uma banca examinadora ao final do semestre. O TCC do Curso de Design submete-se ao Regulamento Geral de TCC da UPM.

O Curso é composto de uma grande quantidade de componente curricular teórico-prático ministrado em ateliês de projetos e em laboratórios, de modo que sua estrutura seja rica devido à diversidade de componentes. O objetivo é potencializar, a cada momento, o sentido da tarefa específica. Ele organiza-se, nesse sentido, para usufruir além dos limites mínimos, em aspectos diferentes, essenciais para viabilizar a



materialidade e imaterialidade do design, além daquilo que solicitam e dispõem as DCNs para o bacharelado em design.

O quadro a seguir mostra a distribuição geral da carga horária do Curso:

QUADRO 7 – RESUMO DA CARGA HORÁRIA MÍNIMA TOTAL DO CURSO

Carga horária mínima de componentes curriculares obrigatórios	2026,67
Carga horária mínima em horas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	20
Carga horária mínima em horas de estágio obrigatório	183
Carga horária mínima em horas de atividades complementares	180
TOTAL	2409,67

7.2. Atividades extensionistas

A extensão universitária, numa ICES, que também é confessional e filantrópica, como a UPM, contemplada no Artigo 19 da Lei 9.394/1996, inciso III, tem por escopo fortalecer o compromisso acadêmico da Universidade no estrito cumprimento da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, a fim de possibilitar a transformação social e de gerar impactos na qualidade de vida dos indivíduos e, ainda, de contribuir, por meio da extensão, com o efetivo crescimento e fortalecimento do fazer universitário.

Conforme o Art. 3º das Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 7, de 2018), a extensão universitária:

[...] é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa¹

¹ Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf



A UPM entende, portanto, a extensão como um espaço de diálogo e interação da Universidade com a sociedade. Mantendo uma perspectiva dinâmica, as atividades de extensão desenvolvidas pela UPM nascem da identificação de demandas e necessidades da sociedade, que se vinculam às expertises internas e que permitem pautar a produção do saber e o desenvolvimento de novos conhecimentos, os quais se materializam por meio de programas; projetos; cursos e oficinas de extensão (incluindo cursos de línguas estrangeiras); atividades artístico-culturais e esportivas; eventos de natureza acadêmica (congressos, palestras, encontros, simpósios, seminários, semanas de curso, jornadas etc.); prestação de serviços, consultorias e assessorias; extensão tecnológica (desenvolvimento de produtos e processos inovadores elaborados em diálogo com empresas públicas ou privadas).

Nessa direção, o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2020/2024) considera a extensão e a cultura como elementos fundamentais na Missão institucional, reconhecendo a importância da educação para o exercício pleno da cidadania. Entendidas como práticas acadêmicas fundamentais, as ações de extensão ampliam o alcance do saber construído ou adquirido da academia, compartilhando-o com a comunidade.

O Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional brasileira por um período de dez anos. Destaca-se, no conjunto, a Estratégia 12.7 (Meta 12)² que trata especificamente dos Créditos Curriculares para a Extensão Universitária, assegurando, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a Graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para as áreas de grande pertinência social. Além disso, a Resolução Nº 7 do Conselho Nacional de Educação, de 18/12/2018, regimenta o disposto na Meta 12.7 e determina, ainda, que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da

² Disponível em: https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf (p.8-9)



carga horária curricular estudantil dos cursos de Graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (Art. 4º)³.

Nesses termos, a creditação das atividades de extensão nos cursos de graduação expressa a compreensão da vivência extensionista como formativa e destaca o estudante como protagonista de sua formação, isto é, ele “deixa de ser mero receptáculo de um conhecimento validado pelo professor para se tornar participante do processo”⁴.

No âmbito da PREC, desenvolve-se o Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX / PIVEX), que destina bolsas para estudantes de Graduação, vinculados a projetos ou programas registrados na PREC, sob orientação de docentes em regime PPI e PPP da Unidade Acadêmica. Com esse Programa, a UPM estimula, desde 2012, a interação dos estudantes com vários segmentos da sociedade, por meio de atividades que contribuem com a sua formação acadêmica, profissional e cidadã. Além disso, mantém-se o incentivo à prática extensionista com a modalidade PIVEX, contando com a atuação de discentes envolvidos voluntariamente nas diferentes ações implementadas.

Três grandes ações de extensão são propostas para o Curso, cuja construção integradora de saberes e práticas múltiplas que atuam na produção coletiva do design que entram como base para sua realização. Importante salientar que eles não são indissociáveis, mas complementares na construção de um corpo que abarca a abrangência da formação desejada. Estes três eixos extensionistas amparam a experiência da busca por construções de hipóteses, em pesquisa e ensino, que visam pensar o lugar da formação do designer, na direção para uma prática emancipadora. Da interpenetração destes eixos se estruturam os eventos que articulam as ações de extensão propostas pelo Curso.

A Coordenadoria de Extensão na FAU é exercida pelo Coordenador com a assistência do Tutor de Extensão, indicados pelo Diretor da Unidade e nomeados pelo

³ Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf

⁴ Disponível em: https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf (p.8)



Reitor. É o órgão responsável por zelar pela excelência das atividades de extensão e pelo cumprimento das Atividades Complementares na Unidade.

A proposta extensionista do Design direciona-se ao diálogo direto com o mundo, para o entendimento de seu tempo e de seus territórios, não apartando em amarras históricas de ensino-aprendizagem e caixas estigmatizadas que contém em conteúdos fragmentados e desconexos com a realidade e a sociedade.

Consciente da importância didática, acadêmica e social, o Curso de Design há um longo tempo reflete sobre a exata formulação de uma política de extensão, que contemple os seguintes aspectos, considerados fundamentais: a) que naturalmente se harmonize com o pensamento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sua Missão, Visão e Princípios Institucionais, em seus aspectos gerais, e com a Pró-reitora de Extensão e Educação Continuada, de forma particular; b) que envolva alunos de graduação e de pós-graduação; c) que traga contribuições importantes para o contexto cultural, científico e tecnológico; d) que assuma o compromisso com o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade, respeitando o meio ambiente; e) que permita a socialização do conhecimento; f) que esteja comprometida com a ética, a construção e o exercício de cidadania, quando da relação universidade-sociedade-ambiente; g) que contemple a interdisciplinaridade nas ações; h) que se pautem pela indissociabilidade constitucional entre ensino, pesquisa e extensão; i) finalmente, que possa contribuir para o desenvolvimento qualitativo do corpo docente e discente, possibilitando a esses, tanto a vivência profissional quanto a articulação desta com os conhecimentos teóricos e práticos apreendidos no Curso.

O Curso de Design da FAU Mackenzie possui amplo histórico de ações extensionistas ao longo de toda sua história. Provocado pelo contexto oriundo do desenho industrial, de relacionamento intenso com os meios de produção, fábricas, gráficas, empresas e outras organizações, é comum encontrarmos nos relatos históricos de concursos, visitas de campo à fábricas, atividades com entidades de classe e projetos envolvendo organizações sociais.

O estabelecimento do diálogo fomenta a possibilidade de construirmos uma discussão sobre a formação acadêmica com novas práticas pedagógicas, que se apresentam como ferramentas para a conquista coletiva da condição urbana de qualidade, saudável e equilibrada, socialmente justa e ambientalmente comprometida.



Entende-se que as atividades de extensão são parte integrante e essencial da formação do aluno de Design. Trata-se de uma abordagem sistêmica que se justifica pelo fato de que o indivíduo somente extrai os melhores conhecimentos e desenvolve experiências e habilidades a partir de sua atuação no meio social. Nesse âmbito, a Extensão alia-se à Pesquisa como parte de uma ação fundamental de aplicação do conhecimento, visando seu retorno à sociedade.

Três grandes ações de extensão são propostas para o Curso, cuja construção integradora de saberes e práticas múltiplas que atuam na produção coletiva do design que entram como base para sua realização. Importante salientar que eles não são indissociáveis, mas complementares na construção de um corpo que abarca a abrangência da formação desejada. Estes três eixos extensionistas amparam a experiência da busca por construções de hipóteses, em pesquisa e ensino, que visam pensar o lugar da formação do designer, na direção para uma prática emancipadora. Da interpenetração destes eixos se estruturam os eventos que articulam as ações de extensão propostas pelo Curso.

Para a creditação da extensão nos currículos, em um total de 10% da carga horária do Curso de Design, que apresenta-se com 253,33 horas de curricularização da extensão com a participação direta de 100% dos dois componentes curriculares pertencentes à matriz, são eles: Projeto IV e Projeto VI.

Ambos contemplam a presença de atividades extensionistas, já que estas têm potencial para ampliar a comunicação da universidade com a sociedade, permitindo o planejamento de ações que se construam a partir de um diálogo com a comunidade, sejam estas ações de formação contínua, de divulgação de conhecimentos construídos ou prestação de serviços, sempre articulando ensino e pesquisa. No Projeto VI o objetivo extensionista é aplicar conhecimento de design na resolução de problemas juntamente à ONGs, entidades do governo e pequenas empresas. As ações são direcionadas a amplo público-alvo, pessoas em situação de rua, empreendimentos de economia solidária e órgãos do governo ligados diretamente a sistemas e programas que afetam cidadãos, cooperativas ou associações de produção social e comércio justo que se identificam com o Projeto de Extensão “Projeto de Extensão Design Possível - geração de renda e empreendedorismo através do design”.



No componente curricular Projeto VI visa desenvolver a comunicação visual de projetos gráficos de identidade visual e materiais de apoio aos microempresários, potencializando a visibilidade de negócios. O público-alvo são os empreendedores e microempresários com foco em modelos de produção local em parceria com redes locais, municipais e regionais de economia solidária e empreendedorismo popular.

Destaca-se que esta articulação entre ensino e pesquisa promovida por ações extensionistas permite uma experiência formativa de docentes e discentes contextualizada, atual e socialmente relevante, significando, portanto, um importante salto na qualidade dos currículos dos cursos superiores.

Há ainda atividades de extensão não-vinculadas aos componentes curriculares, que são aquelas desenvolvidas na Semana Viver Metrópole – uma plataforma aberta de diálogo entre a academia, o meio profissional e a sociedade, através de falas, mesas, oficinas, exposi es etc., organizada conjuntamente pelos corpos docentes e discentes. A organiza o de programas e projetos, configurados nos laboratórios aplicados, escritórios e grupos de pesquisa que conduziram a continuidade das a es extensionistas, além de realimentar as oficinas e os debates da SVM.

Por meio destes eixos e a es, configura-se que a forma o dos estudantes alcance, em seu escopo, o enfrentamento da realidade e dos embates inerentes ao processo de aprendizado, no qual a apropria o do conhecimento se d  por meio da aproxima o sucessiva a amplos contextos, intr secos aos objetos e objetivos de estudo do Design.

Dessa forma, cada componente pode incentivar e promover a participa o dos alunos em projetos extensionistas resultantes da articula o de conteúdos e pesquisas e até dos estágios obrigatórios. Os componentes curriculares, Empreendedorismo e  tica e Cidadania, promovem juntamente com atividades originadas nos grupos de pesquisa e nos programas dos componentes curriculares, o desenvolvimento de projetos que atendem a necessidades de comunidades e da sociedade em geral.



Resumo - Creditação da extensão	Carga horária em horas	% na CH total da Matriz
Componentes curriculares	253,33	10,51
Atividade Complementar vinculado a projeto de extensão	98,30	2,36
Total	351,63	12,87

7.3. Atividades complementares

Para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem preconizado neste Projeto Pedagógico, as Atividades Complementares são elemento fundamental. Conforme o artigo 1º da resolução 3/2013 do Conselho Universitário da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de 20 de março de 2013, “o objetivo das Atividades Complementares é fomentar complementação da formação acadêmica do corpo discente, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de competências e de habilidades imprescindíveis à formação profissional”. Ainda em seu artigo 7º a mesma resolução estabelece que “as Atividades Complementares têm a finalidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem” destinando-se a:

- I - Ampliar os horizontes do conhecimento, bem como de sua prática, para além da sala de aula, em atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, viabilizando sua integração complementar à formação profissional e social;
- II - Encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referirem às experiências profissionalizantes, julgadas relevantes para a área de formação considerada;
- III - Estimular práticas de estudo independentes, visando à progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno;
- IV - Propiciar a inter e a transdisciplinaridade no currículo, dentro e entre os semestres;
- V - Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando tanto a pesquisa individual e coletiva quanto a participação em atividades de extensão;
- VI - Favorecer o relacionamento entre grupos e a convivência com as diferenças sociais no contexto regional em que se insere a instituição.



Em relação às competências, seguindo o artigo 9º, as Atividades Complementares devem ser coordenadas, controladas e documentadas pela Coordenadoria de Atividades Complementares do Curso de Design.

As atividades complementares objetivam fomentar a educação integral do aluno e orientam-se pelo princípio geral de que a formação do profissional designer não acontece, única e exclusivamente, na sala de aula, mas também em atividades, experiências e vivências que ampliam, reverberam e complementam os conteúdos acadêmicos desenvolvidos na graduação.

Isto significa afirmar uma formação que ultrapassa os muros da academia e busca promover, por meio do contato direto do aluno com realidades diversas e vivências profissionais e culturais, as ideias de continuidade, complementaridade e aprofundamento da formação profissional, tão necessárias no mundo contemporâneo.

O estudante do Curso de Design precisa cumprir um total de 180 horas de atividades complementares com um mínimo de 30 horas em cada modalidade (Ensino, Pesquisa e Extensão). Conforme os Arts. 4º e 5º e 6º da resolução 03/2013 do Conselho Universitário da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de 20 de março de 2013, as atividades de ensino, pesquisa e extensão são definidas da seguinte maneira:

- **ENSINO:** são consideradas Atividades Complementares de Ensino todas aquelas que propiciem a complementação da aprendizagem técnico-teórica do aluno, visando ao aperfeiçoamento do conhecimento em áreas específicas, de acordo com a incluídas palestras, workshops, oficinas temáticas, cursos de curta duração, componentes eletivos, optativos para além do mínimo exigido, laboratórios de pesquisa e de prática de projeto e concursos internos etc.

- **PESQUISA:** consideram-se Atividades Complementares de Pesquisa as ações sistematizadas, voltadas para a investigação científica de tema relevante para a sociedade e para o conhecimento” (Art. 5º), estando aqui incluídas monitorias, iniciação científica, publicações de artigos científicos, atividade de experimentação, participação em grupos de pesquisa etc.

- **EXTENSÃO:** “são consideradas Atividades de Extensão todas aquelas de natureza educativa, cultural e científica que visem à articulação do ensino e da pesquisa, buscando a capacitação continuada e a produção de novos conhecimentos que envolvam



a comunidade” (Art.6º), estando aqui incluída a participação em ações de voluntariado, feiras técnicas, MackDay, Semanas de Integração e Viver Metrópole, organização de eventos acadêmicos etc.

Seguindo o art. 13, § 1º, da resolução 03/2013, “a carga horária, correspondente a cada uma das atividades complementares, passíveis de realização, é determinada pela Coordenação de Extensão da FAU.

As atividades complementares podem ser realizadas em qualquer etapa do Curso, no entanto, o prazo máximo de validação dos comprovantes a serem submetidos à avaliação da Coordenação não poderá exceder a 365 dias da data da realização da atividade. Os demais procedimentos relacionados à forma de encaminhamento dos comprovantes, da divulgação das pontuações obtidas e as definições de atividades relacionadas às três grandes áreas (ensino, pesquisa e extensão) serão estabelecidos em regulamento próprio.

Conforme o Art. 26º da citada resolução, [...] as dúvidas, suscitadas em relação ao amparo regimental, serão deliberadas pelo Coordenador de Atividades Complementares, ouvido o Diretor da Unidade Acadêmica, apresentando decisão conjunta e fundamentada de acordo com os princípios e finalidades que norteiam a Universidade, providenciando a inclusão da atividade em normativo da respectiva Unidade Acadêmica correspondente, quando específico, ou apresentando proposta de inclusão de regramento para toda a Universidade, quando de caráter geral.

Desta forma, estabelece-se que o regulamento de Atividades Complementares deva ser atualizado conforme as determinações aqui contidas e que o estudante deverá cumprir um mínimo de 180 horas de Atividades Complementares.

As atividades que compõem as Atividades Complementares exigidas podem ser realizadas na modalidade à distância, desde que não superem a quantidade máxima de 20% (vinte por cento) da carga horária total das horas-atividade exigidas.

7.4. Estágio supervisionado e práticas de ensino

O programa de estágio curricular supervisionado (que se submete ao Regulamento Geral de Estágios da UPM) é obrigatório para os alunos do Curso de Design e é gerido por setorial administrativo, na esfera da Universidade, denominado de Área Administrativa de Estágio (AAE), que define procedimentos e documentos



necessários para a consolidação do registro dos três agentes envolvidos neste processo: Universidade/Faculdade, Aluno e Empresa (ou profissional autônomo). O estágio pode ser desenvolvido preferencialmente entre as 5ª e 7ª etapas, mas é na 7ª etapa que o aluno é habilitado e o estágio é considerado válido.

7.5 Atividades de integração e síntese de conhecimentos

As atividades de Integração e Síntese se apresentam em Componentes Curriculares que favorecem um momento importante e singular no processo de aprendizagem. São atividades com as quais os alunos organizam e aplicam as diversas teorias que aprenderam, desenvolvendo o protagonismo no processo de aprendizagem. De certa forma, é por meio dessas componentes curriculares que os alunos fortalecem seu próprio processo de construção da identidade profissional.

Com o desenvolvimento dessas atividades, o protagonismo estudantil é mais acionado do que por meio das aulas regulares, que compõem o horário de aulas fixas dos alunos.

As horas exigidas e computadas para os alunos em cada uma das atividades de integração e síntese serão registradas na matriz de cada curso e suas especificidades detalhadas em itens específicos no decorrer desse capítulo.

Essas atividades devem compor o currículo dos alunos considerando que podem ser organizadas em Atividades Monitoradas, Atividades de Integração e Síntese e Atividades Integradoras, com a seguinte configuração:

- Atividades de Integração e Síntese – São compostas pelo Trabalho de Conclusão de Curso, pelos Estágios, Projetos de Extensão e por outros projetos que venham a desenvolver com caráter de integração de conhecimentos
- Atividades Monitoradas – são compostas por atividades laboratoriais ou não, nas quais os alunos desenvolvem atividades e tarefas de maneira independente e interdisciplinar, com orientações pontuais do professor, podendo se utilizar de espaços específicos da Universidade e apoio para desenvolvimento de seus projetos. Projetos Integradores, ou as Práticas como Componente curricular ou outras conforme a proposta pedagógica de cada PPC.



7.4.1. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso, anteriormente denominado Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI), foi instituído em reunião do Conselho Universitário de nº 312, de 9 de novembro de 1994, que promulgou o Regulamento do Trabalho Interdisciplinar da Faculdade de Comunicação e Artes que, à época, abrigava o Curso de Desenho Industrial. Por decisão do Conselho Universitário, passou a denominar-se Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo preservado seu caráter de interdisciplinaridade e é desenvolvido nas duas últimas etapas do Curso.

O TCC é atividade de formação obrigatória para a conclusão do Curso de Design, formulada em consonância com as diretrizes curriculares do Ministério da Educação e com o Regulamento Geral de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Presbiteriana Mackenzie e consiste na realização de um trabalho acadêmico que deve expressar os conhecimentos adquiridos pelo graduando durante o Curso, assim como evidenciar compreensão e capacidade de manipulação desses conhecimentos. Tem como objetivo permitir que o aluno consolide as capacidades profissionais desenvolvidas ao longo da graduação e que podem ser resumidas na capacidade de analisar e propor soluções de projeto para realidades colocadas no âmbito da cultura material e suas extensões virtuais através da construção de sínteses dos conhecimentos pertinentes ao campo profissional. A realização do TCC também objetiva reafirmar o valor, para a prática profissional, do comportamento projetual organizado com método, rigor científico e sensibilidade estética e, finalmente, ensejar um último e privilegiado exercício de reflexão sobre os seguintes valores e princípios, consoantes com as diretrizes gerais do Curso:

- o designer deve estar apto a compreender as necessidades dos indivíduos e dos grupos sociais para traduzi-las em termos de concepção, organização e produção do ambiente artificial destinado a suprir essas necessidades
- o projeto de cada objeto, dispositivo ou serviço, deve levar em conta sua interação com o sistema de serviços e objetos de cujo contexto participa, de modo a minimizar a sobreposição inócua de esforços para atingir o mesmo objetivo
- o emprego de toda matéria-prima – seja proveniente da natureza ou de processamento industrial – deve contribuir para o equilíbrio ecológico e a reprodução sustentável dos ambientes natural e artificial
- o uso da tecnologia deve servir ao aprimoramento do ambiente e do ser humano, respeitando e valorizando as necessidades científicas, sociais, culturais, estéticas e econômicas dos indivíduos, dos grupos e da sociedade



– o designer deve atuar em sua área específica de projeto com eficácia mas sem isolar-se e sem perder de vista a natureza transdisciplinar de seu trabalho

O TCC Design consiste no desenvolvimento de um projeto individualizado estruturado na modalidade de Relatório de Projeto TCC Design, desenvolvido durante o TCC I e o TCC II, respectivamente nas 7ª e 8ª etapas. A realização do TCC objetiva reafirmar o valor, para a prática profissional, do desempenho projetual organizado com método, rigor científico e sensibilidade estética. Sintetiza a pesquisa e as etapas de planejamento e desenvolvimento do projeto em design, passando pelas fases de fundamentação crítica, a metodologia de projeto em design, a concepção e desenvolvimento do projeto que se divide em várias outras etapas desde a conceituação, a eleição das condicionantes do projeto, experimentação e a prototipação da melhor solução do projeto. Esses são procedimentos básicos que envolvem qualquer área de atuação no extenso campo do Design.

A orientação estrutural para a elaboração do TCC Design encontra-se publicada no Guia do TCC, Orientações Gerais para a Elaboração do Trabalho de Conclusão dos Cursos de Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, especificamente no Capítulo 3, tópico 3.5 e no Capítulo 4, tópico 4.6. A cada semestre é publicado Edital próprio com as especificidades de quesitos.

A elaboração do TCC é feita com o auxílio dos laboratórios, que devem ser frequentados para a realização de maquetes, modelos, ensaios e atividades relativas aos procedimentos práticos do projeto. Nesta etapa, conforme já indicado em outras partes deste PPC, o aluno é orientado por um orientador individual de TCCI enquanto frequenta também o PROJETO 7 que consiste em atividades voltadas ao exame das possibilidades que o último projeto provoca ou permite, em vários aspectos e sob vários pontos de vista, obtendo um último e especial momento de reflexão crítica no Curso. A elaboração do TCC é feita com o auxílio dos laboratórios, que devem ser frequentados para a realização de maquetes, modelos, protótipos, ensaios e atividades relativas aos procedimentos práticos do projeto. Nesta etapa, conforme já indicado em outras partes deste PPC, o aluno é orientado por um orientador individual de TCC e frequenta o componente Projeto 7 que consiste em atividades voltadas ao exame das possibilidades



que o último projeto provoca ou permite, em vários aspectos e sob vários pontos de vista, obtendo um último e especial momento de reflexão crítica no Curso.

Pretende-se que o projeto de design elaborado no TCC, assim como também em cada uma das outras etapas projetuais do Curso, seja resultado de postura metodológica bastante aprimorada e consistente e que indique, para o aluno, o início de uma caminhada madura em direção a uma vida profissional, extramuros, que terá sua própria autonomia.

7.4.2. Programas de iniciação científica, tecnológica e extensão

Uma Universidade é constituída, sobretudo, por pessoas, corpos docentes e discentes, e o Programa de Iniciação Científica, Tecnológica e de Extensão é um instrumento muito importante tanto para a qualificação da instituição quanto da sociedade. Proporciona ao aluno amadurecimento e conscientização sobre o valor do conhecimento para o desenvolvimento social. Pode-se verificar isto no desempenho profissional dos alunos egressos que realizaram projetos dessa natureza. O programa de bolsa de extensão proporciona e viabiliza a participação de estudantes entre a universidade e comunidade externa à UP, contribuindo para a formação acadêmica e profissional comprometida com a realidade social da cidade.

Em 2005 inicia-se a implantação de práticas e mecanismos de produção de projetos de Iniciação Científica. Fazendo um retrospecto pode-se ver que há uma cultura que se estabelece entre os alunos. Acredita-se que o crescimento do interesse, que se expressa no aumento gradual do número de projetos realizados, deve-se ao estímulo da Instituição por meio do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica, promovido pela coordenação de pesquisa e pelo CNPq, e pela premiação dos melhores trabalhos com o patrocínio de sua divulgação nos congressos da SPBC.

Fazem parte das práticas de divulgação:

- workshops de divulgação dos editais
- encontros com alunos que finalizaram seus projetos de iniciação científica
- realização de palestras dos grupos de pesquisa
- eventos na Semana Viver Metrópole



Destaca-se também o papel dos grupos de pesquisa no desenvolvimento dos projetos dos alunos.

7.4.3. Projetos de extensão

As atividades de extensão no Curso de Design são amparadas pelo regulamento de extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituído pela resolução nº 5 de 13 de Fevereiro de 2012. A base conceitual da atividade de extensão em nossa unidade é a possibilidade de relacionamento da Universidade e a Sociedade, criando um canal de mão dupla entre conhecimento científico e a sociedade. A atividade extensionista procura produzir um novo conhecimento, usufruindo dessa articulação. Nossos parceiros são o poder público e a sociedade civil organizada, aí incluídas as empresas privadas, as ONGs e os setores organizados das comunidades locais e das diversas categorias profissionais.

As linhas de extensão da FAU, para os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design são abordadas pelos grupos de pesquisa das duas graduações. As ações extensionistas são contínuas, e de acordo com sua estrutura podem ser:

1. programas: conjunto de projetos relacionados
2. projetos: ação de natureza restrita em termos de tempo e recursos
3. cursos: conjunto de conteúdos de caráter teórico ou prático, presencial ou à distância, com carga horária mínima de 8 e máxima de 359 aulas
4. eventos: acontecimento de curta direção acadêmico ou não, que contribua para o acultramento de vários grupos de interesse nos vários campos do conhecimento
5. prestação de serviços: trabalhos contratados por terceiros, atividades de consultoria, assessoria ou cooperação interinstitucional
6. produção e publicação: elaboração de produtos que instrumentalizam ou são resultado das atividades de extensão

O gestor da Extensão na FAU é o Coordenador de Extensão, responsável por todas as atividades complementares. Tal função é exercida por um professor PPI que, por sua vez, responde aos superiores na câmara gestora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.



No âmbito curricular, conforme visto em outros itens deste PPC, o Curso de Design apresenta conteúdos extensionistas integrados nos estúdios de Projeto 1 a 6, sendo que esses conteúdos e práticas são explicitados nos programas de ensino.

7.5. Articulação entre o ensino de graduação e de pós-graduação

A participação do aluno da graduação nos grupos de pesquisa ligados ao Curso de Design é implementada por meio de projetos de iniciação científica. Os grupos podem oferecer perspectivas consistentes para as atividades projetuais propostas para os componentes projetuais. Desse modo, a participação dos grupos de pesquisa na elaboração semestral do conteúdo temático das atividades curriculares da graduação é o próprio imperativo que fornece a base da integração do Aluno na pesquisa, por abrir à graduação, diretamente, os temas de pesquisa avançada dos grupos.

7.6. Articulação da autoavaliação do curso com a autoavaliação institucional

A Comissão Própria de Avaliação (CPA), institucionalizada no âmbito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tem como objetivo principal levantar dados e informações que permitam obter uma radiografia do nível de satisfação em relação aos serviços e às condições de infraestrutura ofertados pelas unidades acadêmicas, ouvindo os vários agentes que constituem a comunidade mackenzista. Com esse cenário em vista a CPA, de forma sistemática e específica, produz informações que abrangem: instalações, serviços, docentes, funcionários, egressos e a gestão em seus vários níveis.

As informações apuradas são analisadas pelo Colegiado do Curso, pelo Núcleo Docente Estruturante e pela Direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para subsidiar a proposição de medidas de aperfeiçoamento das políticas didático-pedagógicas e acadêmico-administrativas.

8. ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA

8.1. Coordenação do Curso

O coordenador do Curso de Design deve ser formado em design ou área correlata, ter experiência docente na área, ser pesquisador na área de design, ser enquadrado funcionalmente como professor em período integral (PPI) e possuir titulação mínima de doutor.



8.2. Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso é institucionalizado no âmbito da Universidade Presbiteriana Mackenzie pela Resolução 21/2012 do Conselho Universitário, que cria e regulamenta as atividades do Colegiado de Curso de Graduação. Seus membros são indicados pelo Coordenador do Curso, ouvido o Diretor da Unidade e nomeados pelo Reitor. É composto pelo Coordenador do Curso, que o preside; por docentes vinculados ao Curso de Graduação em regime PPI ou PPP, atuando como representantes das áreas temáticas, a saber: 1) Componentes Curriculares básicos ou equivalentes; 2) Componentes Curriculares profissionalizantes ou de eixos temáticos; 3) Componentes Curriculares específicos ou de linhas de formação; e 01 (um) discente matriculado no Curso de Graduação, designado semestralmente pelo Diretor dentre os alunos Representantes de Sala, que tenha cumprido, pelo menos 2 (dois) semestres da carga horária obrigatória do Curso. Os docentes devem ser oriundos de Componentes Curriculares que contemplem de forma equilibrada os eixos temáticos e com capacidade de analisar os nexos entre as diversas especificidades que caracterizam os conteúdos dos Componentes Curriculares, o que lhes permite propor e deliberar sobre as questões relacionadas aos aspectos didático-pedagógicos intrínsecos ao cotidiano do Curso de Design, subsidiando, assim, as deliberações da Coordenadoria do Curso. Devem ser nomeados professores com habilidade e experiência para analisar os nexos entre as diversas especificidades que caracterizam os conteúdos das componentes curriculares, o que lhes deve permitir deliberar sobre as questões relacionadas aos aspectos didático-pedagógicos do Curso de Design.

8.3. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante é regulamentado no âmbito da Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo Ato da Reitoria 2/2017 de 31/01/2017, que atualiza o ato anterior que implantou o Núcleo Docente Estruturante, e o Ato da Reitoria 32/2011. O perfil de seus membros deve ser calcado na larga experiência na vivência do ensino e da pesquisa no âmbito do design. Seus membros devem também ser detentores de titulação de mestre e doutores, e contratados em regime PPI ou PPP. E ao menos 40% devem ser PPI.



Cabe ao Núcleo Docente Estruturante, órgão de caráter consultivo e subordinado ao coordenador do Curso, elaborar continuamente a discussão pedagógica, voltada aos fundamentos didáticos do Curso, e oferecê-la como subsídio para as decisões do Coordenador e do Colegiado do Curso, quando for o caso. Entende-se, portanto, que o papel do NDE é o de oferecer diretrizes de aprimoramento do Curso.

Para o Curso de Design recomenda-se que os membros do NDE tenham larga experiência na vivência do ensino e da pesquisa no âmbito do campo do Design, devem ser detentores preferencialmente de titulação mínima de doutor, contratados em regime PPI ou PPP e serem representantes dos eixos temáticos. Essas características fundamentais são necessárias para que o NDE, de caráter eminentemente propositivo, possa acompanhar e elaborar diretrizes que conduzam a um contínuo aperfeiçoamento do Projeto Pedagógico, e que assuma um caráter permanente para dar condições de manter o Curso coadunado com as questões da contemporaneidade afetas à metodologia de ensino e de conteúdos na esfera do Design.

O NDE do Curso de Design pode ser assessorado por professores responsáveis definidos para cada etapa do Curso que tem como objetivos: promover a integração entre os componentes curriculares; compartilhar experiências de ensino; analisar o ementário dos planos de ensino em conformidade com o projeto pedagógico visando aprimorá-lo constantemente; identificar convergências das referências bibliográficas em concordância com os temas e contextos integradores dos semestres; compatibilizar as avaliações visando reduzir sobreposições e excesso de atividades.

9.0. CORPO DOCENTE

9.1 Perfil docente

A característica marcante do corpo docente do Curso de Design é sua capacidade de unir a prática profissional à atuação na pesquisa e nas atividades extensionistas, e trazer esse universo múltiplo (mas real, bem vindo e necessário) à sala de aula. A área profissional do Design é, como praticamente todas na atualidade altamente globalizada, extremamente exigente no que respeita a tal integração da profissão com as mudanças da vida cotidiana. O atual corpo docente do Curso de Design, formado por profissionais



e pesquisadores altamente qualificados em seus respectivos campos, com atuação de anos e décadas no ensino, na pesquisa e na vida profissional, contempla esse perfil, sendo capaz de intensa interlocução com as outras áreas do conhecimento. Nosso corpo docente apresenta produção sistemática em pesquisa, ensino e extensão, das quais decorre sua permanente motivação e capacidade para estimular o aluno a desenvolver projetos criativos, autônomos e competentes técnica e esteticamente.

9.2 Experiência acadêmica e profissional

O professor do Curso de Design deve apresentar experiência acadêmica comprovada por titulações (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado) e possuir atividade de pesquisa reconhecida pelos instrumentos oficiais. Sua trajetória acadêmica deve definir sua inserção nas atividades de ensino e sua aderência às matérias, componentes e atividades em que se envolva. Estes deverão, preferencialmente, possuir dedicação integral e/ou parcial ao ensino, pesquisa e extensão.

Os professores que compõem o quadro docente desempenham atividades práticas profissionais de mercado devem apresentar comprovada experiência profissional no campo de atuação do design, em suas várias escalas e temáticas. Devem também estar ligados regularmente às práticas de formação continuada e possuir qualificação acadêmica e, como no caso dos demais, sua inserção nas atividades de ensino devem guardar relação estreita às matérias, conteúdo dos componentes e atividades em que estiver envolvido.

9.3 Publicações

O Curso de Design conta com um terço de seu quadro docente em regime de contratação PPI (professor em período integral), o que exige a realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os resultados das pesquisas envolvendo diretamente o trabalho dos docentes integrados aos grupos de pesquisa devem ser difundidos junto à comunidade científica sendo, nesse caso, uma exigência a apresentação de trabalhos e a publicação de artigos em anais de eventos e periódicos qualificados, seguindo critérios estabelecidos para esta área de conhecimento.



Deve-se lembrar que a produção de conhecimento e sua publicação envolvem também discentes de lato sensu e graduação, articulados pelos grupos de pesquisa. É também importante ressaltar que, no âmbito da graduação, estimula-se de forma direta a produção por meio dos instrumentos e programas de iniciação científica.

QUADRO 8: PRODUÇÃO INTELECTUAL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS (2017 A 2022)

TIPO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE DE ITENS
ARTIGOS COMPLETOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS	42
ARTIGOS ACEITOS PARA PUBLICAÇÃO	9
LIVROS E CAPÍTULOS	12
TEXTOS EM JORNAIS OU REVISTAS	7
TRABALHOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS	120
TRADUÇÃO	2
PREFÁCIO, POSFÁCIO	5

9.4 Implementação das políticas de capacitação no âmbito do curso

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, por meio do Fundo de Apoio à Pesquisa (MackPesquisa) e do apoio do CNPq e da FAPESP, promove e oferece auxílio tanto para o desenvolvimento de pesquisas como para a sua divulgação nos meios acadêmicos. Para tanto, dispõe de verbas de fomento para professores e alunos participarem de eventos acadêmicos e intercâmbio com outras universidades ao redor do mundo.

No âmbito interno, desde o ano de 2005, o Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie (que realizou sua 10ª edição em 2022, contando com participação internacional) promove encontros de professores e alunos da graduação e da pós-graduação. Além disso são oferecidos cursos relacionados às práticas docentes no ensino superior, organizados pelo Fórum de Aprendizagem Transformadora e Encontros de Reflexão Pedagógica que objetivam a melhoria da qualidade de ensino de aspectos relacionados ao cotidiano de sala de aula.

O apoio ao pós-doutorado, destinado aos docentes ligados ao Programa de Pós-graduação da Universidade e estabelecido em Atos da Reitoria, é parte da política de capacitação da Universidade e do Curso.



10 INFRAESTRUTURA

10.1 Biblioteca

A biblioteca localizada no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo faz parte de um conjunto de 9 bibliotecas setoriais no campus Higienópolis da Universidade e submete-se ao plano de ação definido pela Supervisão da Biblioteca Central. Alguns pontos da política de seleção e atualização do acervo são destacados a seguir, com o intuito de apresentar ações que caracterizam, de forma geral, seus procedimentos:

1. compra: o acervo é adquirido a partir de indicações, pelos docentes, das bibliografias básica e complementar, de acordo com as necessidades de cada componente curricular, ocorrendo atualização permanente

2. doação: a biblioteca mantém contato com instituições governamentais e privadas, entidades científicas e culturais, nacionais e internacionais, para o recebimento de obras não comercializadas

3. reposição de obras: obras danificadas, sem condições de conserto ou extraviadas são repostas após verificação da demanda, número de exemplares existentes, cobertura do assunto por outro título e possibilidade de adquirir obra mais atualizada

4. informatização: utiliza-se o software “Sistema Pergamum” para a composição do banco de dados do catálogo bibliográfico

5. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD): disponibiliza virtualmente as teses e dissertações defendidas na Univesidade a partir do ano de 2006

A biblioteca setorial que atende especificamente o Curso de Design, localizada no Edifício Christiano Stockler das Neves, apresenta em seu acervo de obras específicas e de áreas correlatas ao design aproximadamente 11 mil títulos que correspondem a mais de 27 mil exemplares. Além disso, os alunos do Curso podem utilizar as demais bibliotecas setoriais localizadas no campus Higienópolis, o que eleva o montante de obras de áreas correlatas ao design para mais de 23 mil títulos, correspondendo a mais de 76 mil exemplares. Pelo exposto, a relação título/aluno é 5,5, somente considerando a biblioteca setorial do Curso de Design. Quando considerados os acervos das demais bibliotecas setoriais essa relação sobe para 11,5 títulos por aluno.



10.2 Laboratórios de formação geral e específica

Em consonância com a orientação generalista e flexível do Curso de Design, todos os laboratórios são utilizados tanto para formação geral, como para formação específica. São as mesmas instalações e equipamentos que dão suporte às atividades pedagógicas dos várias componentes curriculares e, portanto, suas finalidades se sobrepõem, inclusive aquelas relacionadas ao ensino e à pesquisa.

Os laboratórios utilizados no Curso de Design buscam o estabelecimento de ambientes dinâmicos de aprendizagem, mediados por professores de diversas áreas e que atuam em equipes, para que os estudantes dialoguem, interajam e sistematizem ações interdisciplinares e transdisciplinares, valendo-se dos conhecimentos adquiridos sobre materiais, técnicas, ferramentas, máquinas e equipamentos, para melhor atender a elaboração de ensaios, projetos, experimentos educacionais e outras formas de produção do conhecimento.

Os laboratórios pretendem criar um ambiente organizacional que intensifica as relações de interatividade e o diálogo entre alunos, docentes e técnicos envolvidos, utilizando múltiplos meios para a aquisição de habilidades cognitivas que favorecem a abstração, a criatividade, o pensamento lógico, a capacidade de interpretação expressiva, técnica e formal e a análise crítica nas ações projetuais.

A prática no laboratório complementa e enriquece o desenvolvimento das investigações simuladas e instiga o desejo do aluno de explorar diagnósticos e resultados nos experimentos, que serão agregados na pesquisa assim como no projeto em curso. Nestes processos é possível verificar a aquisição do domínio da linguagem para expressar conceitos e soluções em projetos, em diversas técnicas ou por meio de diversos instrumentos.

As instalações dos laboratórios contemplam os requisitos necessários para o trabalho como funcionalidade, eficiência e segurança. Estão contemplados aspectos como localização, orientação solar, ventos, segurança do edifício e do pessoal, bancadas, capelas, estufas, muflas, tipos de piso, materiais de revestimento das paredes, iluminação e ventilação do ambiente. Estão contempladas, ainda, a legislação referente aos portadores de necessidades especiais, conforme a LDB (Lei 9.394, de 20/12/1996, capítulo V, artigos 58 a 60 e as Normas Regulamentadoras do Ministério do Trabalho e Emprego, aprovadas pela Portaria 3.214, de 8/6/1978 e Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).



10.2.1 Laboratório de Impressão

Localizado no edifício Antônio Bandeira Trajano, o Laboratório de Impressão é dedicado ao ensino e à pesquisa acadêmica relacionados às técnicas de impressão, incorporando sensibilidade e criatividade nos processos da indústria e da arte gráfica. Está equipado para possibilitar experimentos em diversas técnicas de gravação, tais como processos da gravura em relevo (xilogravura, linoleogravura), gravura em encavo (calcogravura, gravura em metal) e gravura planográfica (litografia). Também há espaço para trabalhar fine arts. O Laboratório possui prensas e prelos para a impressão de cada um dos três métodos, instalação adequada para gravação de matrizes e local para aulas teóricas. O laboratório também é dedicado ao ensino e à pesquisa acadêmica relacionadas às técnicas de impressão serigráfica. Além de ambientes e equipamentos que possibilitam a experimentação de todas as etapas inerentes ao processo básico de estampagem sobre vários suportes planos, tais como papel, tecidos e polímeros, o laboratório abriga instalações para realização de aulas teóricas.

10.2.2 Laboratório de Vidro e Metal

O Laboratório de Vidro e Metal localizado no prédio 23, no primeiro andar, é dedicado a experimentos dos processos de fusão e moldagem desse material, utilizando especialmente a técnica de 'fusing glass', que une e modela chapas de vidro a quente. Nesse laboratório são realizadas atividades de ensino, pesquisa acadêmica e extensão, sendo um exemplo a ação de design social na modelagem de novos objetos a partir de sucata de garrafas de vidro, na qual participam ONGs, alunos e professores. Está equipado com forno apropriado para vidro, contendo abertura para observação e manipulação do material em processo de fusão, mesas para desenho, mesa de luz, mesa para corte do vidro e para pintura, além de ferramentas especiais como cortadores, alicates e material de segurança. O Laboratório de Vidro e Metal também é dedicado ao ensino, experimentos e pesquisas acadêmicas relacionadas às técnicas de joalheria de bancada. Maquinários e ferramentas, que equipam esse espaço, proporcionam a prática deste tradicional ofício, que atualmente continua sendo primordial para o desenvolvimento do setor e permite a possibilidade de introdução de outros materiais que ampliam experiência dentro do laboratório. As técnicas fundamentais para a produção da joia artesanal, manejo adequado dos instrumentos e suas especificidades, e a prática do designer de joia baseado no processo de desenvolvimento de produto,



permitem a capacitação e a exploração da criatividade que esse setor requer. Está equipado com bancada para ourives, banca para polimento, laminador elétrico mecânico e manual, maçaricos a gás e oxigênio para solda e fusão, micro retíficas de suspensão, diversas ferramentas especiais para trabalhos com joias, mesas para desenho e material de segurança.

10.2.3 Laboratório de Fotografia

O Curso utiliza o Laboratório de Fotografia, localizado no prédio 28, em regime de cooperação com os cursos do Centro de Comunicação e Letras. As instalações estão equipadas para o desenvolvimento do ensino e pesquisa acadêmica relacionados tanto a processos fotográficos tradicionais fotoquímicos como a processos digitais.

10.2.4 Laboratório de design audiovisual / Núcleo Técnico de Apoio Acadêmico Institucional (NTAI)

Também utiliza em regime de cooperação com os cursos do Centro de Comunicação e Letras, o laboratório de produção audiovisual, composto por um conjunto de laboratórios cada qual com sua infraestrutura e técnicos especializados. Parte deste conjunto de laboratórios se concentra no Núcleo Técnico de Apoio Acadêmicos Institucional) NTAI e é composto por estúdio de captação de vídeo, estúdio de captação de áudio e estúdio de edição de vídeo. Os ambientes e equipamentos possibilitam a realização de atividades de ensino e pesquisa acadêmica relacionadas à linguagem e à técnica de captação e edição audiovisual aplicada ao design, tais como experimentos de integração de vídeo a imagens fixas e a elementos gráficos, animações, sonoridades e projetos de sonorização, vinhetas, ‘motion graphics’, animações e curtas metragens.

10.2.5 Laboratórios de Computação Gráfica

Há Laboratórios nos prédios 9 e 10 no total são quatro. Conta com 120 computadores, equipados com softwares gráficos destinados a realização das atividades acadêmicas, equipamentos com os seguintes softwares instalados e renovados anualmente. O Curso utiliza os laboratórios de informática, localizados no edifício Reverendo George Whitehill Chamberlain. Também há outros ambientes, equipados com computadores do tipo PC e Macintosh que se realizam atividades de ensino e pesquisa acadêmica, por meio de programas computacionais gráficos, estreitamente relacionados ao design, tais como Photoshop, InDesign, Illustrator, Autocad, 3Dmax,



Flash, After Effects, Dreamweaver, Rhinoceros, Notepad++, VLC media player; 7-Zip18.01. Os programas, Suíte Autodesk, Office 365 e Adobe Creative Cloud, são contratos de forma a possibilitar aos alunos e professores instalarem as licenças em computadores pessoais. Está disponível também um Scanner de tração Widetek formato A0 para digitalização de projetos e mapas em grandes formatos. No prédio na FAU há também mais um laboratório com 29 máquinas que estão à disposição dos alunos. Também no prédio 10 há três salas de computação à disposição dos alunos para as aulas e para o desenvolvimento de trabalhos extraclases.

10.2.6 Laboratório de Marcenaria

Localizado à Rua Maria Antônia 139, com área de 190 m², é dedicado à experimentação de projetos em madeira combinada ou não com outros materiais. Possui instalações, ferramental e máquinas apropriadas para o desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa, possibilitando a realização de experimentos vinculados aos projetos, aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e à iniciação científica e tecnológica.

10.2.7 Laboratório de Maquete

O Laboratório de Maquete localizado à Rua Maria Antônia 139 é dedicado à experimentação dos processos técnicos de produção de modelos em argila e gesso. Nos horários livres atende alunos e professores para o desenvolvimento de atividades vinculadas a projetos e pesquisas, com orientação de técnicos especializados.

10.2.8 Laboratório de Cerâmica

O Laboratório de cerâmica, localizado também no edifício Christiano Stockler das Neves é dedicado aos estudos experimentais de processos de fabricação e industrialização de objetos utilitários produzidos com esse material. Está devidamente equipado para dar suporte a todas as fases do processo, desde a execução da fôrma industrial à confecção da série do produto, possibilitando a realização de atividades de ensino e pesquisa acadêmica. Com área de 37,12m² é dedicado aos estudos experimentais de processos de fabricação e industrialização de objetos utilitários produzidos com esse material. Está devidamente equipado para dar suporte a todas as



fases do processo, desde a execução da fôrma industrial à confecção da série do produto, possibilitando a realização de atividades de ensino e pesquisa acadêmica. Também dedicado à experimentação dos processos técnicos de produção de modelos em argila e gesso. Visando a realização de trabalhos que exigem processos mais complexos, o Laboratório de Cerâmica dispõe-se de máquinas estacionárias de alto desempenho, como, fornos de baixa temperatura, tornos, estufa e serra de fita. Nos horários livres atende alunos e professores para o desenvolvimento de atividades vinculadas a projetos e pesquisas, com orientação de técnicos especializados.

10.2.9 Laboratório de Prototipagem Rápida

Visando alinhar o Curso com as práticas mais avançadas da indústria, está em fase de implantação o laboratório de prototipagem rápida, no edifício Christiano Stockler das Neves, no subsolo há 3 máquinas de prototipagem disponíveis aos alunos, que possibilita a ampliação de atividades experimentais com modelos, mock-ups e protótipos usinados, em grande variedade de materiais.

10.2.10 Outros laboratórios

O Curso utiliza também, para fins de ensino e pesquisa, os seguintes laboratórios e oficinas da Faculdade de Engenharia:

- Laboratório de Engenharia de Materiais destinado a processos de termoformagem de polímeros
- Laboratório de Usinagem destinado a processos de prototipagem rápida e fresa CNC
- Laboratório de solda destinado a processos de soldagem de diversos materiais
- Laboratório de ensaio de materiais destinado a ensaios de tração e compressão, geração de gráficos de resistência
- Laboratório de ensaios de materiais metálicos destinado a ensaios de impacto, tração, compressão, flexão, torção e dureza (Brinell e Rockwell).

10.3 Laboratórios para prática profissional e prestação de serviços à comunidade

O Curso conta com uma Empresa Júnior Estúdio 9 para o exercício da prática profissional, cuja natureza é o projeto, visando aprofundar as relações com atividades de síntese e integração de conhecimentos, bem como oferecer ao aluno uma antevista



da sua futura experiência profissional, rica e com sentido empreendedor, envolvendo a prestação de serviços à sociedade em geral.

11 APÊNDICES

11.1 APÊNDICE A / EMENTAS DAS COMPONENTES CURRICULARES DO CURSO.

Observação: a bibliografia poderá ser renovada e revisada periodicamente com autorização e acompanhamento do NDE, mas sem alterar o PPC.



Curso	DESIGN	Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE	Etapa	1		
Comp. Curricular	CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NA ARQUITETURA E NO DESIGN			Código	ENEC 51399		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67	EIXO		Projétual	Não	X
	Créditos			Universal		Sim	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum	x	Não	
Presencial	x			Específico		X	
Online	Síncrono			Optativo		Sim	
	Assíncrono			Prática como CC			
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%
Ementa							
Estudo do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, suas interfaces com a sociedade e suas recíprocas influências do Design e na Arquitetura. Produção de conhecimento em Arquitetura e Urbanismo e Design. O problema do conhecimento: pensamento pré-científico e pensamento científico. A ciência contemporânea: sociedade e meio ambiente; ação antrópica. Estudo de como as descobertas da ciência e suas aplicações tecnológicas se inter-relacionam à dimensão social humana, à Arquitetura e Urbanismo e ao Design.							
<i>Bibliografia básica</i>							
BAZZO, Walter A. (org.). Introdução aos Estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) . Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). __: __, 2003. Acesso junho 2017: http://www.oei.es/historico/salactsi/introducaoestudoscts.php							
BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, (2 vol).							
LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.							
<i>Bibliografia Complementar</i>							
CHALMERS, A.F. O que é ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.							
REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. História da filosofia (vol. 1-7). São Paulo: Paulus, 2006.							
ROSA, Carlos Augusto de Proença. História da ciência: a ciência e o triunfo do pensamento científico no mundo contemporâneo . 2a. ed. Brasília: FUNAG, 2012. Acesso em junho 2017: http://funag.gov.br/loja/download/1022-Historia da Ciencia - Vol.III - A Ciencia e o Triunfo do Pensamento Científico no Mundo Contemporaneo.pdf							
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto							



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A SOCIEDADE		Etapa	2ª
Comp. Curricular	METODOLOGIA CIENTÍFICA						Código	ENUM 50688
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67		EIXO		Projetual	Não	X
	Créditos			Universal			Sim	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
	x			Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Aprendizagem de técnicas e métodos científicos. Desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade como partes indissociáveis da pesquisa. Conhecimento e prática das normas técnicas ABNT. Estruturação do trabalho científico, projeto de pesquisa, trabalho de conclusão de curso.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 14724: Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011. 11 p. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 6023: Informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2018. 68 p. MARTIN THEOPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
FACCA, Cláudia Alquezar. O designer como pesquisador: uma abordagem metodológica da pesquisa aplicada ao design de produtos. São Paulo: Blücher, 2011. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. LUPTON, Ellen. Intuição, ação, criação - graphic design thinking. São Paulo: Gustavo Gilli, 2012. MEDEIROS, J. B.; TOMASI, C. Redação técnica: elaboração de relatórios técnico- científicos e técnica de normalização textual. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto				Unidade				



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE		Etapa	1
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN I					Código	ENEX50424	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim X	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Não		
Presencial		X		Específico	X	X		
Online	Síncrono			Optativo		Sim		
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Estudo da representação técnica, antropometria e ergonomia. Estudo da interação dinâmica da cor e suas implicações para o design.								
<i>Bibliografia básica</i>								
BARROS, Lilian Ried Miller. A cor no processo criativo - um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Senac, 2006. 336 p.								
CRUZ, Michele David da. Desenho técnico . São Paulo Erica 2014 1 recurso online.								
IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção . 2a. ed. São Paulo: Blucher, 2005. 350 p.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
HELLER, Eva. A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a Emoção e a Razão . GG, 2016.								
ROZEMBERG, Israel Mordka. O Sistema Internacional de Unidades . São Paulo: Instituto Mauá de Tecnologia, 2002.								
WONG, Wucius. Princípios da forma e do desenho . São Paulo: Martins Fontes, 1993.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM, A CASA E O ESPAÇO DE TRABALHO		Etapa	2
Comp. Curricular	FUNDMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN II				Código	ENEX50424		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim X	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Não		
		X		Específico	X	X		
Online	Síncrono			Optativo		Sim		
	Assíncrono			Prática como CC		Creditação da Extensão		
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Estudo da representação técnica e ergonomia do objeto. Estudo dos princípios de resistência dos materiais e dos sistemas construtivos aplicados ao design. Estudo da interação dinâmica da cor e suas implicações para o design.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ALBERS, Josef, 1888-1976; CAMARGO, Jefferson Luiz. A interação da cor. São Paulo: Martins Fontes, 2009. BOTELHO, Manoel Henrique Campos. Resistência dos materiais: para entender e gostar. São Paulo: Blücher, 2013. IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. 2a. ed. São Paulo: Blucher, 2005.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
BRASIL, Reyolando M. F. L. R. F.; SILVA, Marcelo Araujo da. Introdução à dinâmica das estruturas. São Paulo: Blücher, 2015 HIBBELER, R. C. Resistência dos Materiais. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013. GOMES FILHO, J. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. 8. ed. rev. E ampl. São Paulo: Escrituras, 2008.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE		Etapa	3	
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN III					Código	ENEX50424		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67		EIXO		Projetual	Não		
	Créditos			Universal			Sim	X	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
Presencial		X		Específico	X		X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%	
Ementa	Estudo da percepção e representação de identidade de sistema de comunicação. Estudos dos elementos gráficos sob a ótica da ergonomia visual e informacional.								
Bibliografia básica	BARROS, A. de C. et al. Métodos em fatores humanos no planejamento de sistemas de sinalização para pedestres : Legible London como estudo de caso. Revista InfoDesign. São Paulo, v. 19, n. 1, 2022. Disponível em: https://infodesign.org.br/infodesign/article/view/865/568D AGOSTINI, Douglas. Design de sinalização . São Paulo: Blucher, 2017. LUPTON, Ellen. Pensar com tipos . 2a.ed. rev. amp. São Paulo: CosacNaify, 2013.								
Bibliografia Complementar	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20(1).pdf CALORI, Chris. Signage and wayfinding design : a complete guide to creating environmental graphic design systems. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007. FORMIGA, Eliana. Símbolos gráficos : métodos de avaliação de compreensão. São Paulo: Blucher, 2014.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto									



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE		Etapa	4
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS MATEMÁTICOS E FÍSICOS DO DESIGN IV					Código	ENEX50424	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim X	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
		X		Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Estudos de estrutura, composição e hierarquia da informação aplicados ao design gráfico e digital. Estudo de percepção e princípios da Gestalt.								
<i>Bibliografia básica</i>								
GOMES FILHO, J. Gestalt do objeto : sistema de leitura visual da forma. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras, 2008.								
LUPTON, Ellen (org.). Tipos na tela . São Paulo: GG, 2015.								
SAMARA, Timothy. Grid : construção e desconstrução. São Paulo: CosacNaify, 2011.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
ARAUJO, G. O. & MAGER, G. B. Contribuições da Nova Tipografia e do Estilo Internacional para a hierarquização visual da informação . Revista InfoDesign. São Paulo, v.13, n.2, 2016. pp.119-142 Disponível em: https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/485/286								
DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.								
MÜLLER-BROCKMANN, Josef. Sistemas de retículas : um manual para designers gráficos. Barcelona: GG, 2012.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE		Etapa	1
Comp. Curricular	FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN 1					Código	ENEX50379	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	X
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum			Não	
Presencial		X		Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo		Creditação da Extensão	Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Estudos dos processos de representação, subjetivação e sensibilização por meio das linguagens do desenho e programas computacionais gráficos.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ADOBE CREATIVE TEAM. Adobe Illustrator CS5 : classroom in a book: guia oficial de treinamento. Porto Alegre: Bookman, 2011. 475 p.								
ADOBE SYSTEMS. Adobe Photoshop CS5 : classroom in a book: guia de treinamento oficial. Porto Alegre: Bookman, 2011. 384 p.								
PIPES, Alan. Desenho para designers : habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo: Blücher, 2010.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. Fundamentos de design criativo . Porto Alegre: Bookman, 2009. 175 p.								
LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer C.; BORGES, Cristian tradutor. Novos fundamentos do design . São Paulo: Cosac & Naify, 2008. 247 p.								
MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual . São Paulo: Vozes, 1980.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM, A CASA E O ESPAÇO DE TRABALHO		Etapa	2
Comp. Curricular	FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN II					Código	ENEX50379	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	X
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
		X		Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Estudo do desenho como percepção e comunicação. Estudo das representações gráficas do objeto, com desenho na modalidade digital.								
<i>Bibliografia básica</i>								
OLIVEIRA, Adriano de. Modelagem automotiva e de produtos com Rhinoceros 3.0 e 3ds max 8 . São Paulo: Érica, 2005. 332 p.								
PIPES, Alan. Desenho para designers : habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo: Blücher, 2010.								
SILVEIRA, Samuel João da. Aprendendo Autocad 2011 : simples e rápido. Florianópolis: Visual Books, 2011. 318 p.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
BALDAM, Roquemar de Lima. Autocad 2013 : utilizando totalmente. São Paulo Erica 2012 1 recurso online								
CASTILHO, Marcelo; STRAUB, Ericson; BIONDAN, Paulo; QUEIROZ, Hélio de. Abc do rendering . 2. ed. Curitiba: Infolio, 2006.								
CRUZ, Michele David da. Desenho técnico . São Paulo Erica 2014 1 recurso online								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE		Etapa	3
Comp. Curricular	FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN III					Código	ENEX50379	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	X
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum			Não	
Presencial		X		Específico	X			
Online	Síncrono			Optativo		Creditação da Extensão	Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Estudo de processos e de ferramentas de representação gráfica, de estruturação de grids e de diagramação. Apresenta os materiais naturais e metálicos, bem como seus processos produtivos aplicados ao design.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ADOBE CREATIVE TEAM. InDesign CS5: classroom in a book: guia oficial de treinamento. Porto Alegre: Bookman, 2011. 408 p. DERDYK, Edith (org.). Disegno, desenho, desígnio. São Paulo: Senac, 2007. TERNAUX, Eloide; KULA, Daniel. Materiologia: o guia criativo de materiais e tecnologias. São Paulo: SENAC, 2012.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
HUDSON, Jennifer. Process: 50 product designs from conception to manufacture. London: Laurence King, 2011. 240 p. KIMINAMI, Claudio Shyinti, CASTRO, Walman Benício de, OLIVEIRA, Marcelo Falcão de. Introdução aos processos de fabricação de produtos metálicos. São Paulo: Blucher, 2013. LIMA, Marco Antonio Magalhães. Introdução aos materiais e processos para designers. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. London: Laurence King, 2011. 240 p.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE		Etapa	4
Comp. Curricular	FERRAMENTAS, MATERIAIS E PROCESSOS DO DESIGN IV					Código	ENEX50379	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	X
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
				Específico	X		X	
Online	Síncrono	X		Optativo		Sim		
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Apresentação dos materiais plásticos e cerâmicos, bem como seus processos produtivos aplicados ao design. Visão geral de produção gráfica e investigações de matrizes para produções em processos industriais e artesanais.								
<i>Bibliografia básica</i>								
BANN, David. Novo manual de produção gráfica . Porto Alegre: Bookman, 2012.								
HUDSON, Jennifer. Process : 50 product designs from conception to manufacture.								
LEFTERI, Chris. Materiais em design : 112 materiais para design de produtos. São Paulo: Ed. Blucher, 2017.								
London: Laurence King, 2011. 240.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
CALLISTER, William D. Ciência e engenharia de materiais : uma introdução. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2011.								
LEFTERI, Chris. Como Se Faz : 82 técnicas de fabricação para design de produtos. São Paulo: Blucher, 2009.								
ROS I FRIGOLA, Maria Dolors. Cerâmica : técnicas decorativas. Lisboa: Estampa, 2002.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE		Etapa	1
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN 1					Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67		EIXO		Projetual	Não	X
	Créditos			Universal			Sim	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
Presencial	X			Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
A condição humana. O projeto como elemento constitutivo de sua natureza. Jogo, estética e cultura. O design industrial como elemento da divisão técnica do trabalho.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ARENDDT, Hannah. A condição humana . 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. 474 p.								
FORTY, Adrian. Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac-Naify: 2007. 347 p.								
HUIZINGA, Johan. Homo ludens : o jogo como elemento da cultura. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. [e-book].								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas – elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. 150 p.								
SIMONDON, Gilbert. Do modo de existência dos objetos técnicos . Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. 384 p.								
SINGER, Paul. Uma utopia militante – repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998. 182 p.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM, A CASA E O ESPAÇO DE TRABALHO		Etapa	2
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN II					Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X
	Créditos			Universal			Sim	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
	X			Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Os espaços da vida cotidiana: a casa, o escritório, a fábrica, a escola, os espaços de lazer, conveniência, cultura e ócio. Formas de morar. As questões de gênero e o trabalho doméstico. A linguagem do objeto formas de análise.								
<i>Bibliografia básica</i>								
BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos . 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. 232 p.								
CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cinderelas, bailarinas e a vida longa das galanterias. Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, n. 27, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e27 . Acesso em: 19 ago. 2022.								
NORMAN, Donald A. Design emocional : porque adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia. São Paulo: Rocco, 2008. 278 p.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
LARAIA, Roque de Barros. Cultura : um conceito antropológico. 20ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 117 p.								
LE CORBUSIER. Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo . São Paulo: Cosac-Naify, 2004. 304 p.								
SUDJIC, Deyan. A linguagem das coisas . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 223 p.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE		Etapa	3	
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN III					Código	ENEX50516		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X	
	Créditos			Universal			Sim		
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
Presencial	X			Específico	X		X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%	
Ementa									
A cidade como lugar. Cidades para pessoas. Os equipamentos da cidade. A cidade como suporte da circulação de mercadorias, serviços e fluxos de informação. Periferias: populações vulneráveis, territórios precários.									
<i>Bibliografia básica</i>									
AUGÉ, Marc. Não-lugares : introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2007. 111 p.									
GEHL, Jan. Cidades para pessoas . São Paulo: Perspectiva, 2013. 262 p.									
SANTOS, Milton. A natureza do espaço : técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2017. 384 p.									
<i>Bibliografia Complementar</i>									
JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades . São Paulo: Martins Fontes, 2009. 510 p.									
ROGERS, Richard George, GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta . São Paulo: Gustavo Gili, 2015. 180 p.									
SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI : no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 144 p.									
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto									



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE		Etapa	4
Comp. Curricular	FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN IV					Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X
	Créditos			Universal			Sim	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
Presencial	X			Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Indústria cultural: produção do consumo. Revolução da tecnologia da informação: produção flexível. Sociedade pós-industrial: o design como produtor de valores. Ambiente: a questão do Antropoceno e a incerteza da contemporaneidade. Produção sustentável.								
<i>Bibliografia básica</i>								
ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade – seleção de textos: Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 119 p. LATOURETTE, Bruno. Onde aterrizar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 160 p. SLATER, Don. Cultura do consumo & modernidade . São Paulo: Nobel, 2007. 216 p.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo . Lisboa: Edições 70, 2009. 272 p. CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura (volume 1). 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. 630 p. COZMAN, Fábio G., (org.), PLONSKI, Guilherme Ary (org.), NERI, Hugo (org.). Inteligência artificial: avanços e tendências . São Paulo: Universidade de São Paulo/ IEA, 2021. 414 p.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE		Etapa	1
Comp. Curricular	HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN 1					Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X
	Créditos			Universal			Sim	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum			Não	
Presencial	X			Específico	X		X	
Online	Síncrono			Optativo		Creditação da Extensão	Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Problematização de elementos de história contemporânea da arte, da arquitetura e do design no Brasil e no mundo. Estudo da linguagem como elemento comunicacional e indutor de relações culturais e sociais. Estudo sobre a natureza do processo projetual, design e industrialização. Conceitos básicos da gestalt aplicada ao design.								
<i>Bibliografia básica</i>								
CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design . 3ª. Ed. São Paulo: Blucher, 2008. FORTY, Adrian. Objetos de desejo . São Paulo: Cosac Naify, 2008. MEGGS, Philip B. História do design gráfico . São Paulo: Cosac Naify, 2009.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual . 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. MELLO, Chico H. de; RAMOS, Elaine (org.). Linha do Tempo do design gráfico no Brasil . São Paulo: Cosac Naify, 2011. São Paulo: Blucher, 2010 SCHNEIDER, B. Design, uma introdução : o design no contexto social, cultural e econômico.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN	Núcleo Temático	O HOMEM, A CASA E O ESPAÇO DE TRABALHO	Etapa	2
Comp. Curricular	HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN 2			Código	ENEX50516
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,6731,67	EIXO	
	Créditos			Universal	Projétual
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum	
Presencial	X			Específico	X
Online	Síncrono			Optativo	
	Assíncrono			Prática como CC	
EaD				Outras Modalidades	
					Creditação da Extensão
					Percentual
					%
Ementa					
Estudo dos principais movimentos modernos, estilos e sua relação com o contexto social, político e econômico. Reflexão entre as vanguardas modernistas e a influência no design moderno e contemporâneo. Discussão das fronteiras e espaços do privado. Abordagem histórica do mobiliário no Brasil. Fundamentos e princípios básicos da <i>cor</i> .					
Bibliografia básica					
ARGAN, Giulio C. Arte moderna . São Paulo: Companhia das Letras, 1999. BARROS, Lilian Ried Miller. A cor no processo criativo : um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Ed. SENAC São Paulo, 2009. ISBN 9788573598773. SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. Móvel moderno no Brasil . 2. ed. São Paulo, SP: Editora Olhares, 2015.					
Bibliografia Complementar					
DENIS, Rafael Cardoso. Uma introdução à história do design . São Paulo: Blucher, 2000. HUMBERTO COSTA. Estética e semiótica aplicada ao design . Contentus 2021 120 p. ISBN 9786559351749 MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. História do design gráfico . São Paulo: Cosac & Naify, 2009					
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim
Coordenador Adjunto					



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE		Etapa	3	
Comp. Curricular	HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN 3						Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X	
	Créditos			Universal			Sim		
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
Presencial	X			Específico	X		X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%	
Ementa									
Estudo das principais escolas de design e sua relação com o contexto social, político e econômico. Comparação das ideias de cidade e da ideia de público e privado na passagem da cidade moderna à contemporânea. Exame das questões fundamentais em semiótica aplicada ao design.									
<i>Bibliografia básica</i>									
COSTA, Humberto. Estética e semiótica aplicada ao design . Contentus, 2021.									
EGGS, Philip P. História do Design Gráfico . São Paulo: Cosac e Naif, 2009.									
SCHNEIDER, Beat. Design: uma introdução . São Paulo: Edgard Blucher, 2008.									
<i>Bibliografia Complementar</i>									
CARDOSO, Rafael (org.). O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960 . São Paulo: Cosac Naify, 2005.									
DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna . São Paulo: Cosac e Naify, 2011									
LUPTON, E; MILLER, J.A. ABC da Bauhaus . São Paulo: Cosac Naify, 2008.									
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto					Unidade				



curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE	Etapa	4	
Comp. Curricular	HISTÓRIAS E TEORIAS DO DESIGN 4					Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Não	X	
	Créditos			Universal	Projetual	Sim		
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Não		
	X			Específico	X	X		
Online	Síncrono			Optativo		Sim		
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Reflexões sobre as representações da sociedade e a diferenciação no design. Análise da permanência das metodologias artesanais e da relação design/artesanato. Estudo das proposições pós-modernas no design. Reflexões sobre as tendências e os resgates no design contemporâneo.								
<i>Bibliografia básica</i>								
BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno . Rio de Janeiro Zahar 2013 BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade . São Paulo, SP: Blücher, 2011 SCHNEIDER, Beat. Design - uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico . São Paulo: Blücher, 2010								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
CARA, Milene. Do desenho industrial ao design no Brasil: uma bibliografia crítica para a disciplina . São Paulo: Blucher, 2010. FERRARA, Lucrécia D`Alessio. Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental . São Paulo: Edusp, 1993. FORTY, Adrian. Objetos de desejo . São Paulo: Cosac Naify, 2008.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CONTEMPORANEIDADE		Etapa	1
Comp. Curricular	PROJETO I						Código	ENEX01499
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)			126,67	EIXO		Projétual	
	Créditos			Universal			Não	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum			Sim x	
				Específico	x			Não
Online	Síncrono			Optativo			x	
	Assíncrono			Prática como CC			Sim	
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
<p>Reflexão sobre o papel do design na contemporaneidade. Estudo das metodologias operacionais de projeto, com ênfase nas cartesianas. Desenvolvimento das habilidades básicas para o exercício de projeto: técnicas de observação, raciocínio visual, diagnóstico e proposição, representação e expressão formal. Análise de projetos conduzindo à criação de repertório crítico. Vivência do processo de projeto: planejamento, problematização, pesquisa, conceituação, experimentação, configuração, meios de produção, avaliação, documentação e apresentação.</p>								
<i>Bibliografia básica</i>								
<p>BONSIEPE, Gui. Design como prática de projeto. São Paulo: Blucher, 2012. MARCELO LA CARRETA. Jogos de tabuleiro. Contentus, 2020. MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p>								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
<p>LUCIA MARIA TAVARES. Serious Games. Editora Intersaberes, 2021. ORIANA GAIO. Gamificação. Contentus 2021. ROGERS, Scott. Level up: um guia para o design de grandes jogos. São Paulo: Blucher, 2013.</p>								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor	da	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto				Unidade				



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM, A CASA E O ESPAÇO DE TRABALHO		Etapa	2
Comp. Curricular	PROJETO II					Código	ENEX50902	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		126,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim x	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Não		
Presencial		x		Específico	x	x		
Online	Síncrono			Optativo		Sim		
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
<p>Estudo e reflexão sobre o sistema físico doméstico - função e uso/tarefa e ações, na relação espaço-homem-objeto. Estudo das metodologias operacionais de projeto, observando os procedimentos em suas especificidades. Compreensão da complexidade e da cultura material, dos sistemas do arranjo e da ambiência no espaço físico: equipamentos e utensílios.</p>								
<i>Bibliografia básica</i>								
<p>BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2000. BAXTER, M. Projeto do Produto. São Paulo: Blücher, 2000. GUNTHER, Hartmut, PINHEIRO, J. de Queiroz. Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.</p>								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
<p>BONSIEPE, Gui. Design: como Prática de Projeto. São Paulo: Blucher, 2012 FIELL, Charlotte & Peter (Ed.). 1000 Lights. Taschen, 2013. MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p>								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor Unidade	da	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE		Etapa	3
Comp. Curricular	PROJETO III					Código	ENEX50903	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	126,6 7		EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	x
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
Presencial		x		Específico	x		x	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
<p>Reflexão sobre a cidade como objeto de design. Estudo das metodologias operacionais de projeto, com ênfase nas de caráter participativo e colaborativo. Introdução ao conceito de identidade de sistemas e às interações entre sistema informacional, gráfico, dispositivos físicos e equipamentos urbanos. Reflexão sobre a interação entre ambiente natural e construído. Estudo do papel das redes de comunicação na configuração dos ambientes da cidade.</p>								
<i>Bibliografia básica</i>								
<p>D'AGOSTINI, Douglas, GOMES, Luiz Antonio Vidal de Negreiros. Design de sinalização: planejamento, projeto e desenho. Porto Alegre: Uniritter, 2010. GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013. THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.</p>								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
<p>IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. 2a. ed. São Paulo: Blucher, 2005. KULA, Daniel, TERNAUX, Elodie, HIRSINGER, Quentin. Materologia: guia criativo de materiais e tecnologia. São Paulo: Senac, 2012. UEBELE, A. Signage systems & information graphics: a professional sourcebook. New York: Thames & Hudson, 2007.</p>								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da	Unidade			
Coordenador Adjunto				Angélica Benatti Alvim				



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE		Etapa	4
Comp. Curricular	PROJETO IV						Código	ENEX50908
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		126,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	X
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
Presencial		X		Específico	X			
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC			X	
EaD				Outras Modalidades			Percentual	100
Ementa								
Estudo das metodologias operacionais de projeto, com ênfase nas de caráter gerencial. Estudo e reflexão sobre a sustentabilidade e a progressiva integração de sua problemática ao design: ecologia humana, design verde, ecodesign, design sustentável. Introdução a técnicas de avaliação de impacto ambiental.								
<i>Bibliografia básica</i>								
IDEO, Human Centered Design Toolkit. California: Ideo, 2011. THACKARA, John. Plano B : o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo. São Paulo: Saraiva, 2008 VEZZOLI, Carlo, MANZINI, Ezio. Desenvolvimento de produtos sustentáveis - os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Edusp, 2008. 366 p								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
KAZAZIAN, Thierry. Haverá a idade das coisas leves : design e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Senac, 2005. KRUCKEN, Lia. Design e território: valorização de identidades e produtos locais . São Paulo: Studio Nobel, 2009. OSTERWALDER, Alexander. Business Model Generation – Inovação em modelos de negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM, OS BENS E OS SERVIÇOS		Etapa	5
Comp. Curricular	PROJETO V					Código	ENEX50914	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		126,67	EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	x
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
Presencial		x		Específico	x		X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%	
Ementa								
Estudo e reflexão sobre uso e posse em sistemas físicos, virtuais e híbridos. Estudo das metodologias centradas no usuário e aplicação de ferramentas de projeto para Design de serviços.								
Bibliografia básica								
BROWN, Tim. Design Thinking: Uma Metodologia Poderosa para Decretar o Fim das Velhas Ideias . Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2010. OSTERWALDER, Alexander. Business Model Generation – Inovação em modelos de negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários . Rio de Janeiro: Alta Books, 2011. STICKDORN, Marc; SCHENEIDER, Jakob. Isto é design thinking de serviços: fundamentos, ferramentas, casos . Porto Alegre: Bookman, 2014.								
Bibliografia Complementar								
KIM, W. Chan; MAUBORGNE, Renée. A estratégia do oceano azul: como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante . 14. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. MIETTINEM, Satu. Designing services with innovative methods . Helsinki: Paperback, 2009. STICKDORN, Marc et al. Isto é design de serviço na prática: como aplicar o design de serviço no mundo real: manual do praticante . Porto Alegre: Bookman, 2019.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor	da	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto				Unidade				



urso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM E A SOCIEDADE		Etapa	6
Comp. Curricular	PROJETO VI						Código	ENEX01504
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	126,6 7		EIXO		Projetual	Não	
	Créditos			Universal			Sim	x
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
		x		Específico	x			
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC			X	
EaD				Outras Modalidades			Percentual	100 %
Ementa								
Estudo das metodologias operacionais e estratégicas de projeto com ênfase na gestão ágeis de projetos. Reflexão sobre o projeto e o papel do design na produção da cultura material para comunidade. Articulação entre aspectos técnicos, culturais, sociais e políticos para a configuração de objetos, ambientes e serviços em projetos. A replicação do design como ideologia e metodologia de planejamento para outros campos disciplinares.								
Bibliografia básica								
LEMAY, Matt. Agile Para Todos : Criando Empresas Rápidas, Flexíveis e com Foco no Cliente. São Paulo, Novatec, 2019. KNAPP, John. Sprint . O Método Usado no Google Para Testar e Aplicar Novas Ideias em Apenas Cinco Dias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. SUTHERLAND, Jeff. SCRUM : a arte de fazer o dobro do trabalho na metade do tempo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.								
Bibliografia Complementar								
COLLINS, JIM. Empresas feitas para vencer : Porque algumas empresas alcançam a excelência... e outras não. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018 KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. Administração de marketing . 14. ed. São Paulo: Pearson, 2013 SINEK, SIMON. O Jogo infinito . Editora sextante, 2020.								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático		Etapa	7
Comp. Curricular	PROJETO 7					Código	ENEX50916
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	63,33		EIXO		Não	
	Créditos			Universal		Sim	x
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Não	
Presencial		x		Específico	x	X	
Online	Síncrono			Optativo		Sim	
	Assíncrono			Prática como CC			
EaD				Outras Modalidades		Percentual	
Ementa							
Organização de pesquisa no campo do design, discussão dos pressupostos teóricos, conceituais e projetuais. Combinação da metodologia científica com a metodologia operacional do design. Estímulo a análise e discussão de projetos.							
<i>Bibliografia básica</i>							
FUENTES, Rodolfo. A Prática do Design Gráfico , uma metodologia criativa. São Paulo: Rosari, 2009 MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas . São Paulo: Martins Fontes, 1998. TAI, Hsun-Na. Design: conceitos e métodos . São Paulo: Blucher, 2017							
<i>Bibliografia Complementar</i>							
BONSIEPE, Gui. Design como Prática de Projeto . São Paulo: Blucher, 2012 FACCA, Cláudia Alquezar. O designer como pesquisador: uma abordagem metodológica da pesquisa aplicada ao design de produtos . São Paulo: Blucher, 2011 LUPTON, Ellen. Intuição, ação, criação: graphic design thinking . São Paulo: Gustavo Gilli, 2012.							
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto				Unidade			



Curso	DESIGN	Núcleo Temático	O HOMEM E A CIDADE	Etapa	3
Comp. Curricular	PRÁTICA DE PROGRAMAÇÃO I			Código	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO	
	Créditos			Universal	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum	
		X		Específico	X
Online	Síncrono			Optativo	
	Assíncrono			Prática como CC	
EaD				Outras Modalidades	
				Creditação da Extensão	Não Sim X
					Não X Sim
					Percentual %
Ementa					
Estudo e desenvolvimento de projeto de plataformas web usando HTML, CSS. Funcionamento da Web, linguagem de programação, inspeção de elementos, arquitetura de informação, fontes, cores e outros aspectos voltados para web. Árvore de navegação e wireframe.					
<i>Bibliografia básica</i>					
BROOKSHEAR, J.G. Ciência da computação : uma visão abrangente. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.					
FIDEL, R.C. et al. Fundamentos da ciência da computação . São Paulo:Cengage,2009.					
PEREIRA, Rogério. User experience design : como criar produtos digitais com foco nas pessoas. São Paulo, SP: Casa do Código, 2019. 196 p. ISBN 9788594188663.MARCOLINO, Anderson da Silva.					
Frameworks front end . São Paulo: Conteúdo Saraiva, 2021. 1 recurso online. ISBN 9786589965077					
<i>Bibliografia Complementar</i>					
FOROUZAN, B., MOSHARRAF, F. Fundamentos da ciência da computação . [trad. da 2ª ed. internacional]. São Paulo: Cengage, 2012					
LAUDON, J., LAUDON, K. Sistemas de informação gerenciais . 9ª ed. São Paulo: Peterson, 2011.					
REYNOLDS,G.W.,STAIR, R.M. Princípios de sistemas de informação . São Paulo: Cengage, 2011.					
SOMMERVILLE, I. Engenharia de software . São Paulo: Pearson/Addison Wesley, 2011.					
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim
Coordenador Adjunto					



Curso	DESIGN	Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE	Etapa	4
Comp. Curricular	PRÁTICA DE PROGRAMAÇÃO II			Código	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67	EIXO	Projetual	Não
	Créditos		Universal		Sim X
Presencial	Teórica		Comum	Creditação da Extensão	Não
	Prática	X	Específico		X
Online	Síncrono		Optativo		Sim
	Assíncrono		Prática como CC		
EaD			Outras Modalidades		Percentual %
Ementa					
Estudo e desenvolvimento de projeto de plataformas web usando Java Script. Conceitos de programação utilizando JavaScript. Aplicação das ferramentas de UX e UI. Conceitos de interfaces responsivas.					
<i>Bibliografia básica</i>					
FOROUZAN, Behrouz A.; MOSHARRAF, Firouz. Fundamentos da ciência da computação . São Paulo, SP: Cengage Learning, 2012. xiv, 560 p. ISBN 9788522110537.					
LEE, Valentino; Schneider, Heather; Schell, Robbie. Aplicações Móveis : arquitetura, projetos e desenvolvimento. Editora Pearson 2005 350 p. ISBN 9788534615402.					
RODGER, Richard. Beginning mobile application development in the cloud . 1st ed. New Jersey: John C. Winston, c2011. E-book (556 p.). ISBN 9781118203330. Disponível em: https://www3.mackenzie.br/biblioteca_virtual/index.php?tipoBiblio=ebookcentral&flashObj=n . Acesso em: 27 maio 2020.					
<i>Bibliografia Complementar</i>					
B'FAR, Reza. Mobile computing principles : designing and developing mobile applications with UML and XML. Cambridge, England: Cambridge University Press, c2005. E-book (xvi, 861 p. : il.). ISBN 9780511263484. Disponível em: https://www3.mackenzie.br/biblioteca_virtual/index.php?tipoBiblio=ebookcentral&flashObj=n . Acesso em: 27 maio 2020.					
SHARP, Helen; PREECE, Jenny; ROGERS, Yvonne. Interaction Design : Beyond Human-Computer Interaction. 5th ed. Indianapolis, IN: Wiley, c2019. E-book (659 p.) ISBN 9781119547358. Disponível em: http://pergamum.mackenzie.br:8080/pergamumweb/vinculos/00003d/00003d0c.jpg . Acesso em: 26 maio 2021.					
FLIG,B. Mobile design and development :practical conceptsandtechniques for creating mobile sites and web app. O'Reilly. 2009.					
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins		Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim	
Coordenador Adjunto					



Curso	DESIGN			Núcleo Temático		Etapa	5 e 6
Comp. Curricular	PROJETOS PROFISSIONALIZANTES 1, 2, 3 E 4					Código	ENOP (genérico)
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		63,33	EIXO		Projétual	
	Créditos			Universal		Não	
	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Sim x	
Presencial		x		Específico	x	Não	
Online	Síncrono			Optativo		X	
	Assíncrono			Prática como CC		Sim	
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%
Ementa							
Experimentação de procedimento metodológico compatível com as práticas profissionais da área com vistas a obtenção de soluções de design que compatibilize condicionantes realistas do projeto às necessidades de seus respectivos mercados.							
<i>Bibliografia básica</i>							
BONSIEPE, Gui. Design como prática de projeto . São Paulo: Blucher, 2012. FACCA, Cláudia Alquezar. O designer como pesquisador: uma abordagem metodológica da pesquisa aplicada ao design de produtos . São Paulo: Blücher, 2011. STRAUB, Ericson (org.), CASTILHO, Marcelo (org.). Conexões: como designers conectam experiência, intuição e processo em seus projetos . Curitiba: InFolio, 2010.							
<i>Bibliografia Complementar</i>							
HUDSON, Jennifer. Process 50 product designs from concept to manufacture . 2nd ed. London, GB: Laurence King, c2011. MORAES, Anamaria de, FRISONI, Bianka Cappucci. Ergodesign: produtos e processos . Rio de Janeiro: 2AB, 2001. PEREZ, Clotilde. Signos da marca: expressividade e sensorialidade . 2. São Paulo: Cengage Learning, 2016.							
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da	Angélica Benatti Alvim		
Coordenador Adjunto				Unidade			



Curso	DESIGN			Núcleo Temático			Etapa	3,4,5,8	
Comp. Curricular	OFICINA OPTATIVA 1, 2, 3 E 4						Código	ENOP (Genérico)	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		47,5	EIXO		Projetual	Não		
	Créditos			Universal			Sim x		
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
		x		Específico x			X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%	
Ementa									
Experimentação de técnicas e manejo de instrumental adequado para a realização de projetos de design.									
<i>Bibliografia básica</i>									
HOFFMAN, Donald D.; OLIVEIRA, Denise Cabral Carlos de. Inteligência visual: como criamos o que vemos. Rio de Janeiro, RJ: Campus Jurídico, 2000. 251 p. MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1981. OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.									
<i>Bibliografia Complementar</i>									
CESAR RICARDO STATI; JESSICA LAISA DIAS DA SILVA. Prototipagem e testes de usabilidade. Editora Intersaberes 2021 KULA, Daniel, TERNAUX, Elodie, HIRSINGER, Quentin. Materiologia: guia criativo de materiais e tecnologia. São Paulo: Senac, 2012. LIMA, Marco Antonio Magalhães. Introdução aos materiais e processos para designers. Rio de Janeiro, RJ: Ciência Moderna, 2006.									
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor	da	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto				Unidade					



11.2 APÊNDICE B / COMPONENTES CURRICULARES UNIVERSAIS

Curso	DESIGN			Núcleo Temático	NEE		Etapa	5	
Comp. Curricular	Princípios de Empreendedorismo						Código		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não	X	
	Créditos			Universal	X		Sim		
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
	2			Específico			X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades		Percentual	%		
Ementa									
Estudo e discussão sobre o que é empreendedorismo e sua importância no contexto contemporâneo para a vida pessoal, acadêmica, social e nos negócios. Análise de habilidades e atitudes essenciais para empreender. Identificação de atitudes e mentalidades empreendedoras para encontrar solução de problemas, identificar oportunidades e estabelecer redes de relações e de colaboração. Apresentação de trajetórias de vida e carreira de empreendedores. Compreensão da importância da tecnologia e da inovação em áreas, projetos ou negócios disruptivos.									
Bibliografia básica									
BARON, Robert; SHANE Scott. A. Empreendedorismo: uma visão de processo. São Paulo: Thomson Learning, 2012. BENVENUTI, Maurício. Incansáveis: como empreendedores de garagem engolem tradicionais corporações e criam oportunidades transformadoras. São Paulo: Ed. Gente, 2016. DEGEN, Ronald Jean. Empreendedor: empreender como opção de carreira. Pearson, 2009									
Bibliografia Complementar									
BESSANT, John; TIDD, Joe. Inovação e Empreendedorismo. Porto Alegre: Bookman, 2009 MEIRA S. Novos negócios inovadores de crescimento empreendedor no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. PIGNEUR, Yves, OSTERWALDER, Alexander. Inovação em modelos de negócios - Business Model Generation. Alta Books, 2010 DOLABELA, Fernando. O segredo de Luísa. São Paulo: Sextante, 2008									
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto									



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	NEE		Etapa	6	
Comp. Curricular	Projetos Empreendedores						Código		
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)		31,67	EIXO		Projetual	Não		
	Créditos			Universal	X		Sim	X	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum	Creditação da Extensão		Não		
	2			Específico			X		
Online	Síncrono			Optativo			Sim		
	Assíncrono			Prática como CC					
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%	
Ementa									
Identificação do problema ou da oportunidade de área de estudo/processo e/ou produto. Análise de soluções para o problema ou oportunidade. Proposição de projetos com viabilidade de implementação. Prática de proposição de valor e modelagem de projetos. Construção de planos de negócios simplificados.									
Bibliografia básica									
GHOBRIEL, Alexandre N. Oportunidades, Modelos e Planos de Negócio. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017. OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. Business model generation: inovação em modelos de negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011. RIES, E. A startup enxuta: como empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas. São Paulo: Lua de Papel, 2012.									
Bibliografia Complementar									
BARON, Robert; SHANE Scott.A. Empreendedorismo: uma visão de processo. São Paulo: Thomson Learning, 2007. CAVALCANTI, M.; FARAH, O.; MARCONDES, L. Empreendedorismo Estratégico – Criação e Gestão de Pequenos Negócios. São Paulo: Cengage, 2ª. Edição, 2017. https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522126972 MEIRA, S. Novos negócios inovadores de crescimento empreendedor no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. OSTERWALDER, A.; BERNARDA, G. Value proposition design:business model generation: como construir propostas de valor inovadoras. São Paulo: HSM Editora, 2014. PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE (PMI). Um guia do conjunto de conhecimentos em gerenciamento de projetos (Guia PMBOK®). 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014.									
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins				Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto									



Curso	DESIGN	Núcleo Temático	O	HOMEM	E	A	Etapa	1
Comp. Curricular	Ética e Cidadania						Código	
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)	31,67	EIXO		Projetual	Não	X	
	Créditos		Universal	X		Sim		
Presencial	Teórica		Comum		Creditação da Extensão	Não		
	Prática		Específico			X		
Online	Síncrono		Optativo			Sim		
	Assíncrono		Prática como CC					
EaD			Outras Modalidades		Percentual	%		
Ementa								
Explicar os conceitos teóricos de ética e cidadania, suas inter-relações na esfera social e o seu desenvolvimento ao longo da história; bem como, destacar o papel e a contribuição da ética calvinista para a formação da cidadania em seus aspectos civis, políticos e sociais.								
Bibliografia básica								
ALTHUSIUS, Johan. Política. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003 KUIPER, Roel. Capital moral: o poder de conexão da sociedade. Brasília, DF: Monergismo, 2019. 3. STRAUSS, Leo e CROPSEY, Joseph (orgs.). História da filosofia política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 4. BRAGA JÚNIOR, Antônio Djalma.; MONTEIRO, Ivan Luiz. Fundamentos da ética. Curitiba: InterSaberes, 2016. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/42147								
Bibliografia Complementar								
ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. São Paulo: Editora Madamu, 2020. COMPARATO, F. K. Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. LUTERO, M. e CALVINO, J. Sobre a autoridade secular. Organizado por Harro Höpfl. São Paulo: Martins Fontes, 2008. VAZQUEZ, Adolfo S. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. MACKENZIE/Chancelaria. Carta de Princípios. http://chancelaria.mackenzie.br/cartasde-principios/ MARCON, Kenya. Ética e Cidadania. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/183205/pdf/0?code=/8uf0Cg8gBBMLFFD9u6MOrlpuab75HZcdqXgze22jMYbvm8iGnT22UOkjNGLfOUuJ/R7jXYAt76XFkFBBDn7KA== ANTUNES, Maria Thereza Pompa. Ética. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/184055/pdf/0?code=uklc3Xyucd+UakkQv7+IsrVf+8M/vjcNGy5RYKt0rCvV8ffi7xUswhKRLlLk6rppvlqkmy0snL6cg2tMNQ18/g==								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto								



Curso	DESIGN			Núcleo Temático	O HOMEM , A CASA E OS ESPAÇOS DE TRABALHO		Etapa	2ª		
Comp. Curricular	Introdução à Cosmvisão Reformada						Código			
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)			31,67 <th colspan="2">EIXO</th> <td colspan="2"></td>		EIXO				
	Créditos			Universal		X		Projétual		
Presencial		2			Comum		Não		X	
Online		Síncrono			Específico		Sim			
		Assíncrono			Optativo		Creditação da Extensão		Não	
EaD					Prática como CC		Sim		X	
					Outras Modalidades		Percentual		%	
Ementa										
<p>Estudo da relevância e contribuições da Tradição Reformada ou Calvinista, sobretudo em sua ética e espiritualidade, para a construção histórica da sociedade ocidental moderna em geral, e brasileira em particular, expressos em seus aspectos culturais, econômicos, sociais, políticos e educacionais. Análise dos princípios confessionais da UPM, tanto em sua constituição como em seu percurso histórico.</p>										
Bibliografia básica										
<p>ABRAHAM, Marcos. As raízes judaicas do direito: princípios jurídicos da lei mosaica. Rio de Janeiro: Forense, 2020 (Minha Biblioteca).</p> <p>DILTHEY, Wilhelm. Os Tipos de Concepção do Mundo e o seu Desenvolvimento nos Sistemas Metafísicos. http://www.lusosofia.net/textos/dilthey_tipos_de_concep_ao_do_mundo.pdf.</p> <p>RODRIGUES, A. E. M.; KAMITA, J. M. História Moderna: os momentos fundadores da cultura ocidental. Petrópolis: Vozes, 2018 (Biblioteca Virtual Pearson).</p> <p>BERGER, P. L. A Dessecularização do mundo: uma visão global. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000. Disponível em http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf</p>										
Bibliografia Complementar										
<p>ARENDT, Hannah. A condição humana. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2016 (Minha Biblioteca).</p> <p>DILTHEY, Wilhelm. Introdução às Ciências Humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 (Minha Biblioteca).</p> <p>FONTOURA Jr. Antônio José. Clássicos da história: Sérgio Buarque de Holanda. Curitiba: Contentus, 2020 (Biblioteca Virtual Pearson).</p> <p>FREYRE, Gilberto. Interpretação do Brasil. São Paulo: Global Editora, 2016 (Biblioteca Virtual Pearson).</p> <p>KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade do juízo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012 (Minha Biblioteca).</p> <p>DILTHEY, Wilhelm. Os Tipos de Concepção do Mundo e o seu Desenvolvimento nos Sistemas Metafísicos. http://www.lusosofia.net/textos/dilthey_tipos_de_concep_ao_do_mundo.pdf.</p>										
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da Unidade	Angélica Benatti Alvim					
Coordenador Adjunto										



11.3 APÊNDICE C COMPONENTES CURRICULARES ELETIVOS

Curso	DESIGN			Núcleo Temático	Etapa	LIVRE		
Comp. Curricular	LIBRAS				Código			
Componente Curricular (CC)	Carga horária (horas)			EIXO		Projétual	Não	X
	Créditos			Universal	X		Sim	
Presencial	Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não	
	X			Específico			X	
Online	Síncrono			Optativo			Sim	
	Assíncrono			Prática como CC				
EaD				Outras Modalidades			Percentual	%
Ementa								
Compreensão da Língua Brasileira de Sinais (Libras); treinamento em LIBRAS para comunicação e interação com pessoas com deficiência auditiva.								
<i>Bibliografia básica</i>								
GESSER, A. Libras: que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.								
HONORA, M., FRIZANCO, M.L.E. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.								
SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. [tradução por: Laura Teixeira Motta]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.								
<i>Bibliografia Complementar</i>								
PEREIRA, M.C.C., CHOI, D., VIEIRA, M.I. Libras: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.								
QUADROS, R.M. (org.). Estudos surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.								
SALLES, H.M.M.L. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2004.								
WILCOX, S., WILCOX, P.P. Aprender a ver. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.								
Sites:								
www.feneis.org.br								
www.dicionariolibras.com.br								
www.ines.org.br (Instituto Nacional de Educação de Surdos)								
Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins			Diretor da	Angélica Benatti Alvim			
Coordenador Adjunto				Unidade				



12 REFERÊNCIAS

BORDONI, T.C. *Uma postura interdisciplinar*. Fórum Educação. 2002. Disponível em: <http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/textos/textos/didat_7.htm > Acesso em 6 out. 2013

CARVALHO, Ana Paula Coelho de. *O ensino paulistano de design: a formação das escolas pioneiras*. 2012. Dissertação (Mestrado - Área de concentração: Design e Arquitetura) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, São Paulo, 2012. ___ p.

CFE - CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer 408/69: Fixa o Currículo Mínimo para os cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual. 1969.

COUTO, Rita M.S. *Escritos sobre ensino de design no Brasil*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2008. ___ p.

DESDÉRIO, L.D. *Design de produtos virtuais e transdisciplinaridade - cibercepção e construção de objetos em second life: um estudo acerca do design de relações*. Bauru, 2010. 277p. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em: <<http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/design/dissertacoes/pdf/daviddesiderio.pdf> > Acesso em 6 out. 2013

ICSID – *International Council of Societies of Industrial Design*. Definição de Design Industrial e de designer. Disponível em <http://wdo.org/about/definition> Acesso em: set. 2022

MANZINI, Ezio. Il design in un mondo fluido. In: BERTOLA, Paola, MANZINI, Ezio. *Design multiverso: appunti di fenomenologia del design*. Milano: POLIDesign, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Documento de área arquitetura, urbanismo & design*. 2016. Disponível em http://uab.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/Arq_d oc_area.pdf. Acesso 6 set. 2022

NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2007. 134 p.

PDI - Plano de desenvolvimento institucional 2013-2018. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. 175 p.

VASSÃO, Caio Adorno. *Metadesign - ferramentas estratégicas e ética para a complexidade*. São Paulo: Blucher, 2010. 132 p.

VILLAÇA, Flávio. Metodologia de pesquisa. *Oculum* 9-10, Campinas, jan-dez. 2009, p. 106-15. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/356/336>> Acesso em 23 ago. 2013

WORLD Design Organization. *WDO*. 2022. Disponível em: <https://wdo.org>. Acesso em: 02 set. 2022